



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**



JÉSSICA MELO DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO
NA LITERATURA DE CORDEL:
LEITURA DAS OBRAS DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE, MINELVINO
FRANCISCO SILVA E GERALDO AMANCIO**

**FEIRA DE SANTANA-BA
2019**

JÉSSICA MELO DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NA LITERATURA DE
CORDEL:
LEITURA DAS OBRAS DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE, MINELVINO
FRANCISCO SILVA E GERALDO AMANCIO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários - Mestrado, da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Aleilton Santana da Fonseca.

FEIRA DE SANTANA-BA
2019

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

O47

Oliveira, Jéssica Melo de

A representação de Antônio Conselheiro na literatura de cordel : leitura das obras de Rodolfo Coelho Cavalcante, Minelvino Francisco Silva e Geraldo Amâncio / Jéssica Melo de Oliveira. – 2019.

149 f.: il.

Orientador: Aleilton Santana da Fonseca.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2019.

1. Literatura de cordel. 2. Antônio Conselheiro – religioso brasileiro. 3. Crítica literária. 4. Literatura popular brasileira. 5. Cavalcante, Rodolfo Coelho. 6. Silva, Minelvino Francisco. 7. Pereira, Geraldo Amâncio. I. Fonseca, Aleilton Santana da. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 869.0(81)-91.09

Luis Ricardo Andrade da Silva - Bibliotecário - CRB-5/1790

JÉSSICA MELO DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NA LITERATURA DE
CORDEL:
LEITURA DAS OBRAS DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE, MINELVINO
FRANCISCO SILVA E GERALDO AMANCIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL -, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – como requisito à obtenção do título de Mestra em Estudos Literários.

Aprovada em 30 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aleilton Santana da Fonseca – Orientador (UEFS)

Profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araujo (IFBA)

Prof. Dr. Adeílato Manoel Pinho (UEFS)

*A toda as pessoas que veem no cordel e
no Belo Monte motivos para se apaixonar
pelo sertanejo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À Instituição, pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

Ao professor Aleilton Santana da Fonseca, pela orientação, apoio e confiança.

Agradeço à minha mãe Dilma Melo, heroína, que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai Josué Pinheiro de Oliveira, que, apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e que, para mim, foi muito importante.

À minha tia Maria Aldimar por ter me protegido e me amparado.

À minha irmã e companheira Dayana Melo de Oliveira.

À minha amiga e irmã Antônia Pereira Lima.

E aos meus amigos Miriam Carvalho, Pedro Juarez e Danilo Victor.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho propõe-se refletir como a literatura popular de cordel, produzida em diferentes épocas, representa a figura de Antônio Conselheiro. De maneira mais específica, estudam-se os folhetos: *História de Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1977), cordel de Minelvino Francisco Silva; *Antônio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos* (1977), de Rodolfo Coelho Cavalcante; e a *História de Antônio Conselheiro* (2010), cordel de Geraldo Amâncio. Essas produções realizadas em períodos distintos constituem discursos e representações particulares do beato, uma vez que cada cordel apresenta o Conselheiro de maneira singular. Nas primeiras obras de Cavalcante e Francisco da Silva, o cearense é adjetivado como fanático, louco, messiânico e o responsável pelo embate. Em contrapartida, nos folhetos de Amâncio, o conselheiro aparece como uma figura visionária do Belo Monte, o qual defendeu a terra e resistia ao sistema coronelista. Assim, os folhetos refletem representações diferenciadas, sendo possível entender e analisar as várias interpretações e versões feitas sobre o conflito. As versões apresentadas pela literatura popular são necessárias para se refletir sobre os conceitos que foram formados em torno desse acontecimento. Dentro desse contexto, o cordel constitui uma fonte histórica para a pesquisa. Por sua importância histórica, o cordel é considerado “o documento mais popular” do sertão. Os folhetos supracitados assumem uma visão crítica social, além de incorporar aspectos como a cultura, a oralidade, a história e a identidade nordestina. Ao analisar a representação de Antônio Conselheiro na literatura de cordel utiliza-se o aporte teórico de Edmundo Moniz (1984), Rogério Souza Silva (2001), Lindiane Santos de Lima Pinheiro (2015), Franklin Maxado (1980), Luís da Câmara Cascudo (1971), Roger Chartier (1988), Mark Curran (1998), Wellington Freire (2017), Joseph M. Luyten (1983), Berthold Zilly (1996), José de Ribamar Lopes (1994), Maria Ângela de Faria Grillo (2006), Adenilson de Barros de Albuquerque (2015), Idelette Muzart Fonseca dos Santos (2006), Marco Antonio Villa (1995), Sílvio Romero (1977), Edilene Matos (1986), Eno Teodoro Wanke (1983), Jairo Carvalho de Nascimento (2008), Rute Brito Terra (1983), Pedro Lima Vasconcellos (2019) e outros. Desse modo, demonstra-se que a ficção cordelista, enquanto produção literária, ressignifica a memória de figuras históricas que são marcantes e singulares no sertão.

Palavras-chave: Conselheiro. Cordel. História. Literatura.

ABSTRACT

In this work, it is proposed to reflect, as the popular Literature of cordel produced in different times represents the figure of Antônio Conselheiro. More specifically, we study the poetry of the leaflets: Antônio Conselheiro History and the Canudos War (1977), Minelvino Francisco Silva's line; Antônio Conselheiro, the holy warrior of Canudos (1977), by Rodolfo Coelho Cavalcante; and the History of Antônio Conselheiro (2010), the line of Geraldo Amâncio. These productions carried out in distinct periods constitute private speeches and representations of the Blessed One, since each string presents the Conselheiro in a singular way. In the early works of Cavalcante and Francisco da Silva, Ceará was adjectivized as a mad, messianic fanatic and responsible for the clash. On the other hand, in the booklets of Amâncio, the conselheiro appears like a visionary figure of Belo Monte, who defended the earth and resisted to the coronelista system. In this context, the brochures reflect different representations, being possible to understand and to reflect the various interpretations and versions made on the conflict. Since all these versions presented by popular literature are necessary to reflect on the concepts that were formed around this event. Within this context, the cordel, which discusses the Belo Monte as thematic serves as historical source for the Academy. As well, the cordel by its historical importance, is considered “the most popular document” of the sertão. Thus, the aforementioned leaflets have a critical social vision, besides incorporating aspects such as culture, orality, history and Northeastern identity. All this serves for the sertanejo to understand his reality. Therefore, in analyzing Antônio Conselheiro representation in cordel literature, it is important to seek the theoretical contribution of Edmundo Moniz (1984), Rogério Souza Silva (2001), Lindiane Santos de Lima Pinheiro (2015), Franklin Maxado (1980), Luís da (1998), Wellington Freire (2017), Joseph M. Luyten (1983), Berthold Zilly (1996), José de Ribamar Lopes (1994), Maria Ângela de Faria (1996), and the use of the term Edilene Matos (1986), Eno Teodoro Wanke (1983), Jairo Carvalho de Nascimento (2008), Rute Brito Terra (1983), Pedro Lima Vasconcellos (2019) and others. Thus, the literary fiction, as literary production, through its images resignifies the memory of historical figures, which are striking and unique in the backlands.

Keywords: Conselheiro. Cordel. Story. Literature.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 | A LITERATURA DE CORDEL NO NORDESTE: FONTE HISTÓRICA | 15 |
| 2.1 | A xilogravura | 19 |
| 2.2 | O cordelista e o repentista | 21 |
| 2.3 | O cordel histórico e a sala de aula | 24 |
| 2.4 | A religiosidade e o messianismo na literatura de cordel | 29 |
| 2.5 | O Belo Monte e o Conselheiro | 31 |
| 2.6 | O Belo Monte e o cordel | 40 |
| 3 | A REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NA LITERATURA DE CORDEL | 47 |
| 3.1 | A trajetória de Rodolfo Coelho Cavalcante | 47 |
| 3.2 | Antônio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos (1977) | 50 |
| 3.3 | O poeta Minelvino e o Conselheiro | 63 |
| 4 | NOVA REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NA LITERATURA DE CORDEL | 75 |
| 4.1 | O cordelista Geraldo Amancio Pereira | 75 |
| 4.2 | Antônio Conselheiro, o guia maior dos sertanejos | 76 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 94 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |
| | ANEXOS | 105 |

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel faz parte da cultura do Nordeste brasileiro como um discurso artístico popular de grande relevância. Através dos versos de seus cantadores, o povo sertanejo vivencia formas de reviver os fatos marcantes do passado, reconhecer e questionar o seu presente, e vislumbrar os desafios do futuro. Nesse sentido, um dos grandes fatos representados por essa literatura foi a chamada Guerra de Canudos (1896-97), ou, mais propriamente, o massacre de Belo Monte pelo Exército republicano, que abalou o país e se fixou como uma data crucial, constituindo um ciclo de memórias registrados na historiografia e nas artes em geral.

Dessa maneira, torna-se de fundamental importância desenvolver os estudos em torno dos folhetos que representam a figura de Antônio Conselheiro e a destruição da comunidade do Arraial de Santo Antônio do Belo Monte, de modo a verificar as formas de seus discursos, as diferentes tematizações, os pontos de vista, a evolução das ideias, as contradições, as correções de fatos e perspectivas, as versões a favor e contra os sertanejos, e demais questões polêmicas que ainda hoje envolvem o episódio sangrento e suas marcas indeléveis na cultura brasileira.

A história do cordel no Nordeste é rica em autores, temas e obras. As narrativas populares têm participação significativa na formação da intelectualidade nordestina, com um crescente diálogo estético entre a tradição escrita e a oralidade, indícios que aparecem claramente em obras de grandes autores como José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, entre outros. Por outro lado, elementos da literatura oficial são apropriados pelos folhetos de cordel, como se pode encontrar em autores como Rodolfo Coelho Cavalcante, Cuíca de Santo Amaro, Francisco Minelvino da Silva, e outros.

O conflito do Arraial do Belo Monte é o grande evento que marcou a história e a biografia dos sertanejos e se constituiu num tema tratado, em discursos díspares e diálogos tensos, por escritores e cordelistas, ao longo desses cento e vinte anos. Atualmente, vários poetas e escritores utilizam a literatura de cordel como fonte para tematizar diferentes aspectos da saga sertaneja diante do poderoso Exército da República Velha. Ao interpretar os fatos, os folhetos enriquecem o entendimento dos leitores e ao mesmo tempo se constituem como porta-vozes da cultura popular, evidenciando sua visão acerca do fato social e histórico.

A tradição dos folhetos não é de origem sertaneja *stricto sensu*, pois foi transplantada de regiões populares de Portugal em fins do século XVIII, no período da colonização lusitana. Entretanto, o gênero ganhou expressão e representatividade no Brasil a partir do século XIX, adquirindo uma feição visceralmente local no caldo multiétnico da cultura sertaneja. Em terras brasileiras o cordel enraizou-se inicialmente nos sertões e cidades dos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia e Ceará, estendendo-se para outras regiões do país, por via da produção e impressão de folhetos e, atualmente, através dos sites especializados e redes sociais, na internet. Aliás, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel mantém um dos sites mais importantes de informação e divulgação do gênero, com uma seção de cordéis digitalizados, acessíveis no endereço <http://www.ablc.com.br/> com facilidade.

O cordel atual não é mais uma literatura limitada somente aos folhetos impressos, vendidos apenas nas bancadas e nas feiras literárias. Hoje os folhetos populares contam com edições eletrônicas e são recorrentes nas redes sociais, sendo recitados e divulgados por vídeos disponibilizados pelo *Youtube*. Ademais, essa narrativa continua sendo acionada como meio de chamar atenção da população para os problemas sociais, fazer a crítica à violência no campo e na cidade, ao racismo, à violência contra a mulher, à corrupção dos políticos. Também se converte em formas de conscientização nas campanhas de saúde, nas denúncias da carestia, da miséria dos pobres explorados e, principalmente, dos acontecimentos históricos importantes que instigam a imaginação e demandam novas explicações. Por isso, esse gênero literário continua sendo um instrumento de crítica na vida contemporânea. Apesar de alguns estudiosos da cultura popular terem declarado a morte dessa expressão literária, persistem autores que veem no cordel a possibilidade de unir passado e presente, fazendo-o ressurgir a cada geração de forma diferente e adaptada a cada tempo.

O cordel tem sido muito utilizado em modelos educativos que valorizam a cultura popular como ensinamento para a vida cidadã. De fato, a narrativa de cordel, quando bem trabalhada em sala de aula, pode contribuir no processo de ensino aprendizagem, uma vez que comporta uma extensa riqueza linguística próxima da realidade do aluno sertanejo. Seu ensino torna-se fator de conscientização de uma realidade e reconhecimento de uma identidade. Assim, é importante que os discentes tenham contato com a literatura de cordel para observar sua estrutura e sua organização textual, bem como verificar as informações que o texto registra e difunde. Dessa forma, o estudante poderá praticar com maior facilidade a escrita de produções textuais, as quais exigem dele um conhecimento local e universal mais abrangente.

Para tal, o trabalho com os cordéis históricos, que fazem uma releitura crítica da historiografia brasileira, incentiva à pesquisa do passado e provoca a apreciação das artes visuais sertanejas, como a xilogravura. Nesse sentido, a semântica da intertextualidade é internalizada pelos estudantes, quando, na metodologia aplicada em sala de aula, analisa-se a história através da representação de personagens sertanejas, como Antônio Conselheiro, Lucas da Feira, Besouro, Corisco, João Pessoa, Chico Pinto, Lampião e Padre Cícero, por exemplo. Nesse contexto, o folheto torna-se interdisciplinar e necessário, pois o estudo dessa literatura potencializa o letramento e sua parte histórica fomenta a pesquisa e o entendimento social.

A formação da literatura brasileira de cordel é um processo dinâmico, com uma bibliografia vasta e diversificada, com autores cordelistas de grande destaque e renome, impressores, divulgadores, leitores, críticos e teóricos, formando um sistema próprio, nos termos de Antonio Candido (2000, p. 23).

Os poetas pioneiros da primeira fase de formação foram férteis e célebres, como o cantador Silvino Pirauá de Lima (1860-1913), Leandro Gomes de Barros (1865-1918) que foi o grande escritor do cordel antigo, o soldado João Melchíades Ferreira da Silva (1869-1983), Francisco das Chagas Batista (1882-1930) e João Martins de Atayde (1880-1959). Esses autores deram introdução à literatura popular e influenciaram, com sua maestria, diversos cordelistas que os sucederam.

Dentre os poetas citados, João Melchíades Ferreira da Silva foi um dos primeiros a representar Antônio Conselheiro e o conflito do Belo Monte, no folheto *A Guerra de Canudos* (s/d), no qual assume a defesa do Exército e condena as práticas e ações conselheiristas. Desde então, vários cordelistas têm tratado do tema canudense ao longo do tempo. Assim, esses poetas são conhecidos por seus registros cordelescos, que narram o embate ocorrido entre Conselheiro e a República, acrescentado novas visões e interpretações dos fatos.

A literatura de cordel representa o imaginário do sertão. Sua inserção no tema do Belo Monte é pontual e inevitável. O forte tom telúrico da poesia popular trouxe o fato histórico para o conhecimento comum, transformando-o em um saber para os leitores e ouvintes sertanejos. Poetas como João Melchíades Ferreira da Silva, José Souza Cunegundes, Minelvino Francisco Silva e Rodolfo Coelho Cavalcante expõem o Conselheiro como “fanático e insensato”. Esse discurso dialoga com *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, que atribui ao beato estes e outros epítetos negativos. Já Afonso Arinos, um intelectual do tempo da guerra, argumenta contra o discurso que considera o Conselheiro um fanático, um louco insensato. Como afirma o próprio Arinos (1985):

A luta da Bahia indica um estado d'alma que em parte alguma da superfície da terra, em época alguma da história, poderia ser produzida pela ação de um ou mais homens inteligentes, com fito político. Ela veio registrar a manifestação de um fenômeno, cuja elaboração deveria ter sido lenta e funda. Admitir-se que a simples ação de um indivíduo possa produzir o fanatismo de um povo, é ser cego, é não conhecer coisa alguma da História ou de Sociologia (ARINOS, 1985, s/p).

Assim, o escritor Afonso Arinos se opõe aos críticos que consideram o Conselheiro um fanático, acusando-os de desconhecerem as mazelas vividas pelos sertanejos que são estereotipados e vistos como raças inferiores, apenas por terem um modo de vida diferente que muitas vezes contrastava com as grandes capitais e regiões do litoral.

Muitas obras contemporâneas tanto canônicas como populares dedicaram-se a narrar e descrever a trajetória do beato de Belo Monte. A postura e a atuação de Antônio Conselheiro sempre foram alvo de diferentes interpretações literárias. O próprio Euclides da Cunha o descreve como louco e fanático. Muitos autores, a par da leitura de *Os sertões*, adotaram essa visão dicotômica em folhetos e em romances, emulando e disseminando o discurso euclidiano por várias décadas. Nessas obras, o leitor encontra diversas representações do povo sertanejo conselheirista, abrangendo o desenrolar do conflito e as situações posteriores à luta. São relatos significativos e dos mais variados: cartas, artigos de jornais, peças de teatro, obras de ficção, poesia dita erudita e as narrativas populares de cordel. Nesses relatos, a voz narrativa busca aproximar-se do leitor para relatar os fatos numa dada perspectiva, contra ou a favor de Antônio Conselheiro e seus seguidores.

Algumas das obras populares que reclamam estudos são os folhetos: *Antônio conselheiro, o santo guerreiro de Canudos* (1977), de Rodolfo Coelho Cavalcante e *Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos* (1977) de Minelvino Francisco Silva. Numa primeira leitura, já se pode perceber que ambos se inspiraram na obra euclidiana. Ao adotar uma perspectiva adversa aos canudenses, estes folhetos representam Antônio Conselheiro como líder fanático, louco, desequilibrado, carniceiro, dentre outros adjetivos que traçam uma imagem negativa do líder dos sertanejos. Os dois folhetos procedem de uma leitura euclidiana e, sendo escritos na mesma época, assumem um franco discurso anticonselheirista. Observa-se que a ideologia desses cordelistas era a mesma, ou seja, deteriorar a imagem dos conselheiristas e enaltecer os valores da República Velha. Conseqüentemente, estes folhetos propagaram a visão negativa do Belo Monte por algumas gerações. Entretanto, mais recentemente, surgem folhetos que, ao lado de pesquisas e estudos de revisão da historiografia

oficial da guerra refutam essas representações, explorando outro viés da história, com dados embasados em estudos que ressignificam os sentidos do embate. Enfim, são obras que apontam para o surgimento de novas versões adotadas pela própria literatura popular que contrariam o posicionamento conservador dos cordelistas tradicionais.

Nessa nova perspectiva, o cordelista e repentista Geraldo Amancio Pereira, poeta cearense que produz sua obra já no século XXI, escreveu o cordel intitulado *História de Antônio Conselheiro* (2010), que se diferencia radicalmente dos folhetos de Cavalcante e Minelvino. Esse artista contemporâneo descreve de maneira positiva as ações do peregrino e dos sertanejos. Como leitor do historiador Edmundo Moniz (1984), o repentista considera que o beato e os seguidores não eram loucos e nem fanáticos, mas que foram resistentes a um sistema de opressão e indiferença praticado pelo governo da época. Para tanto, os versos de Amancio qualifica a região do Belo Monte e seu povo, bem como critica os que foram contra o crescimento da cidadela sertaneja. Os versos desse autor desconstróem a mensagem negativa sobre o Conselheiro, e redimensiona a sua trajetória de forma positiva e reflexiva.

A fim de poder-se refletir melhor sobre a representação do Conselheiro na literatura de cordel, faz-se necessário salientar alguns subsídios teóricos que se debruçam sobre o cordel e o massacre do Belo Monte.

No Brasil, há várias fontes de pesquisa que podem ser utilizadas na pesquisa. Sílvia Romero (1977), crítico literário de vários periódicos pernambucanos e cariocas, deixou a sua contribuição à historiografia literária brasileira, uma das mais importantes vertentes de seu tempo. Destacou-se como primeiro estudioso brasileiro a dar informações de uma série de poesias populares que foram criadas e inspiradas na figura de Antônio Conselheiro e na Guerra de Canudos. Aclamado como o “pai do folclore brasileiro” deixou grandes contribuições para a cultura popular.

Entre outras obras, destaca-se o ensaio de Edmundo Moniz (1984), historiador que faz uma releitura diferenciada da historiografia de Canudos, concedendo ênfase ao contexto político, regional e nacional, no qual se originou a guerra. Rogério Souza Silva (2001) é um estudioso que reconstrói a figura de Conselheiro e o ataque ao Belo Monte e reinterpreta as visões ideológicas e reducionistas sobre o tema. Lidiane Santos de Lima Pinheiro (2015) aborda o tratamento que o jornal *O Estado de S. Paulo* conferiu ao conflito, discute as abordagens feitas pelos periódicos e investiga alguns escritos preparados pelo próprio Euclides da Cunha, os registros escritos por ele durante o conflito, e também registros posteriores, feitos em datas comemorativas, além da abordagem contemporânea.

Franklin Maxado (1980), cordelista e pesquisador da literatura de cordel é conhecido por defender a importância plurissignificativa e intertextual desse tema literário. Joseph M. Luyten (1983) compreende o cordel como sendo o jornal do povo, por ser possuidor e divulgador de variadas temáticas presentes em experiências dos nordestinos. Berthold Zilly (1996) pesquisou a vida e a obra de Euclides da Cunha e levantou questões interpretativas, com reflexões voltadas para o valor memorial de *Os sertões*, destacando suas peculiaridades ao narrar a gênese da terra e do homem do sertão, bem como ao descrever os sertanejos e os eventos da guerra. José de Ribamar Lopes (1994) complementa os suportes teóricos que contribuem para embasar o estudo analítico dos folhetos. Enfatizando e discutindo a importância social do cordel, reconhece a sua influência na vida literária dos grandes escritores. Maria Ângela de Faria Grillo (2006) trata da participação do cordel enquanto fonte histórica que pode ser utilizado na sala de aula. Ela considera que os folhetos resgatam fatos históricos em sua poesia e acabam ensinando mais do que os livros didáticos. Adenilson de Barros de Albuquerque (2015) interpreta obras mais recentes que retomam e reconfiguram o conflito, como *A guerra do fim do mundo* (1981), de Vargas Llosa, e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca. O ensaísta esmiúça o diálogo existente entre esses romances, os quais divergem e convergem em muitos pontos, ao narrarem situações significativas e metafóricas da histórica batalha.

Idelette Muzart Fonseca dos Santos (2006) contribui para o estudo da oralidade e a identidade da memória cultural nordestina. Mark J. Curran (1998), brasilianista, retrata as principais narrativas dos episódios de cem anos de história do país acompanhados pelo cordel e sua crônica poética. Em seus estudos, aborda os cordelistas que fizeram história tanto na temática de Canudos como em outros fatos relevantes do sertão.

Edilene Matos (1986) amplia o estudo da literatura popular, justapõe a seus textos conceitos e modelos configurados da literatura erudita, considerando que na manifestação cultural do povo estão presentes elementos eruditos. A estudiosa propõe a reflexão sob a constituição do imaginário popular em verso, situando a literatura popular em um novo espaço teórico-crítico.

José Calasans (1984), considerado o maior historiador da Guerra de Canudos, reuniu trabalhos e pesquisas que são fontes primárias. Com um trabalho singular, o professor Calasans valorizou a tradição oral, fazendo entrevistas com os descendentes e sobreviventes do confronto. Escreveu trabalhos relevantes nos quais cita ABCs que entraram para a História e que servem para se estudar a guerra por um viés mais próximo do povo. José Aras (1956),

cordelista, pesquisador da guerra de Canudos, escreveu versos que contam a guerra sob uma perspectiva conselheirista. Jairo Carvalho de Nascimento (2008) faz um levantamento breve sobre a participação de Calasans e outros intelectuais na composição dos folhetos que tematizam Belo Monte/Canudos.

De grande importância são as contribuições de Roger Chartier (1988), cujo trabalho levanta hipóteses sobre a representação da literatura de cordel. Consideram-se os conceitos que ele utiliza, ao esmiuçar a história cultural envolvida com práticas e representações. Por fim, um dos historiadores que mais se destacou nos estudos da história do embate do Belo Monte é o cientista da religião Pedro Lima Vasconcellos. Para ele o Belo Monte é uma das mais radicais experiências de religiosidade popular do país.

Enfim, a par desse suporte teórico, intenta-se interpretar as obras de cordel enquanto produção literária que procede a representação da figura histórica de Antônio Conselheiro, em sua trajetória nas trilhas do sertão e nos conflitos que envolveram o arraial do Belo Monte.

2 A LITERATURA DE CORDEL NO NORDESTE: FONTE HISTÓRICA

*Poesia pura dos poetas do sertão*¹

A literatura de cordel faz parte da identidade cultural do povo nordestino como um gênero literário popular que circula pelo sertão há muitos anos. Segundo Eno Teodoro Wanke (1983, p. 112) “o nome “cordel” foi imposição tardia dos estudiosos do gênero. Denomina-se assim porque em Portugal o “cordel” é o mesmo tipo de corda muito fina que no Brasil é nomeada de barbante. Assim, por influência dos portugueses, no século XVI, os folhetos são chamados de “cordéis”. Conforme o autor, o cordel teve origem na Europa, durante o Renascimento, no século XVI, com a popularização da impressão dos relatos que, pela tradição, eram feitos oralmente pelos trovadores. Já no século XVIII, o gênero era muito popular em Portugal, ficando conhecido como literatura de cego, já que em 1789 Dom João V criou uma lei que permitia à Irmandade dos homens cegos de Lisboa negociar livremente esse tipo de publicação. Sobre esse fato, Franklin Maxado (2012, p. 34) afirma que “o canto e o cordel, nesse ambiente, eram um caminho natural para os cegos se exercitarem e ganharem sua vida”.

Expressão cultural nos meios populares lusitanos, o cordel seguiria na bagagem de seus cultivadores, no processo de expansão ultramarina. Assim, o gênero migrou para o Brasil por meio da colonização portuguesa e também chegou a alcançar outros continentes. Sebastião Varela (1981) reforça que os folhetos foram trazidos para o Brasil pelos colonos em meados do século XVIII, bem como ganhou força e impulso no século XIX. Por fim, desenvolveu-se mais na região Nordeste, onde passou a ser comercializado e produzido com maior volume e frequência. Em seguida, a literatura de cordel no Brasil é expressiva no semiárido, ou seja, na região sertaneja do Nordeste. De forma especial, nos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia, sendo que começou intensa nessas regiões, onde se estabeleceu como parte das tradições da oralidade, no seio da cultura popular.

As origens mais remotas do cordel provêm de fontes orais, mas esse gênero não é um mero exercício da oralidade. Dentro de sua estética própria, o cordel exige uma realização oral adequada e compartilhada no meio cultural de produção e propagação dos folhetos. Desse

¹ Declaração feita por Rodolfo Coelho Cavalcante no folheto *origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*, publicada em Salvador ano de 1984.

modo, restringir o folheto à leitura silenciosa limita seu poder de comunicação e enfraquece o impacto de sua recepção. Assim, nas palavras de Mark Curran (2011):

O cordel é obra de poetas humildes impressa em folhetos de papel frágil de jornal vendidos nas feiras, mercados, esquinas e praças públicas do Nordeste brasileiro desde o final do século XIX. No começo, era encontrado tanto nas vilas nordestinas do sertão e do interior quanto em suas grandes cidades costeiras como Recife, João Pessoa, Aracaju, Maceió, Natal e Salvador (CURRAN, 2011, p. 16).

Descrito como “literatura dos humildes”, o cordel é encontrado em várias localidades do Brasil, o que permite uma aproximação significativa com a cultura do sertanejo e sua divulgação, possibilitando que seja compartilhado através da leitura coletiva. Com isso, o cordel torna-se um estímulo à pesquisa da cultura nordestina, já que os leitores podem seguir analisando os discursos dos poetas diante dos acontecimentos, sua evolução, sua linguagem, suas linhagens e suas perspectivas na contemporaneidade.

Os estados da Paraíba e Pernambuco eram, até a primeira metade do século XX, os centros da produção cordelística no Nordeste. Os outros estados nordestinos eram áreas de consumo e divulgação do gênero. Entretanto, na Bahia esse cenário começa a mudar com a chegada do alagoano e cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante à Salvador, transformando-se numa referência como cordelista e produtor de folhetos. Já influente na cidade, o poeta passou uma grande liderança no meio, chegando a tornar o Mercado Modelo da Bahia um centro difusor da poesia popular. Enquanto isso, no interior do estado, o poeta, xilógrafo e impressor Minelvino Francisco Silva também produzia e divulgava o cordel em várias cidades, a partir de desde Itabuna, no sul baiano, seguindo pelo sudoeste baiano, até o norte de Minas Gerais. Atuando na zona urbana das cidades, ele exerceu um papel fundamental para o sucesso do folheto, sendo, em primeiro lugar e acima de tudo, uma expressão do interior nordestino.

Mark Curran (1998, p. 67), brasilianista, pesquisador da literatura de cordel desde a década de 1960, ao destrinchar os percalços do cordel pelo Nordeste afirma: “Luís Câmara Cascudo, autoridade sobre a fase pioneira do cordel, sustenta que a poesia do século XIX e começo do século XX foi a mais expressiva do cordel e realmente guarda o sabor do sertão”. Nesse sentido, quando se fala em literatura popular é necessário citar Luís da Câmara Cascudo (1971), pois ele é um dos pioneiros no estudo do cordel e de suas raízes europeias. Conhecedor das artes e das disciplinas humanísticas, como história, direito, antropologia e sociologia, é considerado um grande mestre dos folcloristas brasileiros. Escreveu livros

importantes sobre o Nordeste, o folclore e o cordel durante quase quarenta anos, entre os anos 1930 até 1970, foi então o estudioso que mais escreveu sobre essa literatura. Assim, ele reforça que o cordel é uma literatura do sertão e desde suas origens, a crônica cordeliana sempre teve uma grande participação no conteúdo intelectual do Nordeste.

Por conseguinte, Câmara Cascudo (1971) considera que a vida cotidiana do nordestino estaria “fotografada” nas páginas e nos versos dos folhetos. A força da imagem poética do cordel está ligada à imagem da vida no Nordeste. O cordel cria, em seu imaginário, um Nordeste que está atualizando na contemporaneidade as personagens, as figuras sociológicas e estradeiras do Nordeste: o cangaceiro, o beato, o coronel, o contador de histórias, as pelejas, os desafios. Assim, os folhetos forjaram a seu modo, no seu imaginário, a personalidade do nordestino mostrando figuras como Lampião, que representa a imagem do “cabra macho”, exemplo de bravura e hombridade sertaneja. Nesse sentido, os folhetos serão um dos principais meios de afirmação e divulgação da personalidade e da fisionomia do homem nordestino, em suas inúmeras pelejas e enfrentamentos dos desafios da vida dura do sertão. Os folhetos registram esses tipos ou estereótipos sertanejos, como as figuras do valentão, “homem-macho”, o devoto, a beata, o religioso assíduo, o fiel contrito, e a figura forte do beato pregador. Muitas vezes, aí a religiosidade surge como opção ou fuga, no enfrentamento dos problemas causados pela seca.

Nesse contexto de representações, surgem as histórias dos líderes religiosos carismáticos, como o Padre Cícero Romão Batista (1884-1934) de Juazeiro do Norte, no Ceará, de extensa fama por sua trajetória e seu protagonismo na vida sertaneja, e Antônio Conselheiro (1830-1897), grande líder dos camponeses da Comunidade do Santo Antônio do Belo Monte, no sertão da Bahia. Antônio Conselheiro torna-se uma figura mítica, ao aparecer em vários folhetos de cordel como o “beato”, típico pregador popular, seguido por numerosos fiéis, no enfrentamento do Exército brasileiro, nas quatro batalhas da chamada “Guerra de Canudos”, fato que pode ser considerado um massacre de sertanejos, moradores de Belo Monte.

Os folhetos que tematizam, recriam e representam os fatos da “Guerra de Canudos” podem ser reunidos numa denominação específica de *cordel histórico*, uma vez que tratam de um fato da História oficial, dando-lhe contornos peculiares às formas do gênero cordelístico. No que diz respeito ao conteúdo, esse cordel contribui com versões variantes dos fatos, como índices da evolução das ideias e interpretações dos fatos, produzindo versões inovadoras em

relação aos acervos e discursos historiográficos oficiais. Os cordéis históricos apresentam em suas narrativas personagens e fatos reais, como Antônio Conselheiro, a Guerra de Canudos, o Padre Cícero e outros personagens políticos mais recentes. Sobre o cordel histórico, Maxado (2012, p. 67) reforça: “são considerados aqueles folhetos que tratam de temas da história, geralmente com a interpretação livre do autor ou da sua comunidade. Versa em poesia para descrever um acontecimento muito importante”. Para complementar essa teoria, os versos de Rodolfo Coelho Cavalcante (1977) ilustram bem a importância da literatura de cordel e suas particularidades históricas:

O cordel sendo cultura
 Hoje tem sua tradição
 Chamado literatura
 Veículo de Educação
 Retrata Histórias passadas
 Que estão documentadas
 Para toda geração.

A nossa literatura
 De cordel pelos sertões
 Educa o povo e distrai
 Pelas suas narrações
 Além disso documenta
 Um fato que se apresenta
 Atraindo as multidões²
 (CAVALCANTE, 1977, p. 6-7).

Os versos de cordel acima reforçam que o folheto, enquanto literatura presente no sertão, “educa o povo e distrai”. De fato, os sertanejos se identificam com essa literatura e o contato com a cultura do cordel torna-se importante para a construção de valores que reforçam a identidade sociocultural, contribuindo para sua historicidade e compreensão da região.

Essa literatura, originária da oralidade, evoluiu para a difusão impressa, e, na contemporaneidade, avançou para os meios eletrônicos, por conta da evolução tecnológica e do uso massivo das Redes Sociais. Atualmente, já se encontra o cordel eletrônico em vários sites da internet. Com isso, a literatura de cordel, principalmente os folhetos que contam fatos históricos, têm alcançado um espaço mais amplo de divulgação. Esse fato garante uma maior

² Declaração feita por Rodolfo Coelho Cavalcante no folheto *origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*, publicada em Salvador ano de 1984, p. 6-7.

visibilidade do gênero nos diversos tipos de mídia, principalmente na *web*, e conseqüentemente um maior reconhecimento nacional e internacional.

A internet tem contribuído para divulgar os folhetos que antes existiam apenas na oralidade e no registro impresso, levando essa literatura a percorrer outros caminhos, inserindo-se no hipertexto. A partir dessa evolução, passou a contar com uma maior adesão, bem como ganhou linguagem e recursos gráficos que renovam o modelo tradicional, acentuando o diálogo com as mídias sociais. Assim, por intermédio das redes, as pessoas de todas as classes podem ter acesso a essa literatura com maior facilidade, seja pela televisão ou pela internet.

2.1 A xilogravura

Os primeiros folhetos traziam na capa apenas o título e o nome do autor, às vezes imagens e desenhos feitos pelos próprios cordelistas. Somente por volta de 1930 é que as capas passaram a exibir as xilogravuras³. Quem introduziu essa técnica na Bahia foi Minelvino Francisco Silva, pois, além da poesia, Minelvino dedicou-se também à arte da xilogravura. Xilógrafo de exímio ofício, é considerado o introdutor, na Bahia, desse tipo de expressão, que tem por finalidade ilustrar os folhetos e textos de cordel.

Contudo, os folhetos mais contemporâneos possuem uma vestimenta gráfica que é o resultado do avanço do século XXI. Ainda acerca da xilogravura o pesquisador Luciano Ferreira (2017, p. 32) faz a seguinte afirmação:

Hoje, a xilogravura é reconhecidamente uma arte que bem caracteriza o sertão nordestino, de maneira que, não raramente, seu estilo bastante peculiar de traços fortes e rústicos é facilmente identificável nas gravuras e artes finais dos eventos relacionados à cultura popular em todo o Brasil. Não serão raros também os casos em que imagens oriundas da xilogravura apareçam em capas de livros teóricos ou literários, que, de alguma forma, tematizem a cultura popular, especialmente do sertão e/ou do nordeste brasileiro (FERREIRA, 2017, p. 32).

Dessa maneira, a xilogravura faz parte do cordel e da cultura nordestina, muitas vezes aparecendo não apenas no cordel, mas em livros teóricos ou literários, tematizando a cultura

³ Xilogravura ou xilografia significa gravura em madeira. É uma antiga técnica, de origem chinesa, em que o artesão utiliza um pedaço de madeira para entalhar um desenho, deixando em relevo a parte que pretende fazer a reprodução.

do povo, seus costumes, sua forma de vestir e de lidar com o semiárido. Entretanto, o uso da xilogravura tem diminuído, pois os cordéis mais recentes utilizam as impressões gráficas com ilustrações pela manipulação de tecnologias.

Para Matos (2000) a xilogravura se define nos seguintes termos:

Técnica de gravura em relevo sobre madeira, a xilogravura necessita, para sua confecção, que seja desbastado um desenho inscrito em suporte de madeira, para depois, untado com tinta, calcá-lo contra uma folha de papel. As partes escavadas, que não receberam tinta de impressão, constituirão os claros da estampa. Assim, o xilogravador ou xilógrafo dá vazão a suas fantasias, que são aí corporificadas e passam a condensar os temas desenvolvidos pelos cordelistas (MATOS, 2000, p. 20).

Matos (2000) afirma que o xilogravador externa suas fantasias quando faz o uso da xilogravura que é uma arte manual que exige concentração e dedicação do xilógrafo, o mesmo por vezes é estimulado pela poesia do próprio cordel, pois muito do que se faz no desenho tem relação com os versos produzidos.

Desse modo, os folhetos que representam a figura de Antonio Conselheiro e a guerra do Belo Monte geralmente trazem em sua capa a imagem do peregrino xilogravada de uma forma semelhante. Ademais, o xilógrafo José Soares da Silva, mais conhecido como “mestre Dila” fez a xilogravura do cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante, *Antonio Conselheiro o santo guerreiro de Canudos (1977)*, e nesse cordel o peregrino aparece da seguinte forma:

Figura 1 – Capa do livro de Rodolfo Coelho Cavalcante sobre Antonio Conselheiro



Fonte: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&pagfis=46912>

Como mostra a imagem acima, por vezes o beato aparece nas xilogravuras com o cajado nas mãos, vestindo em um longo roupão, com sandálias simples e com a fisionomia séria e magra, com o cabelo e a barba grandes. Assim, a xilogravura estampa o personagem principal da guerra, bem como evidencia seu modo peregrino de vestir e viver. Não só os versos do folheto servem como representação do Conselheiro, mas a xilogravura da capa também compõe de maneira artística a poesia de diversos folhetos.

Desse modo, a xilogravura faz parte da literatura de cordel como arte visual que ilustra a capa e introduz a narrativa dos folhetos. Não raro, o cordelista também é xilogravador, o que favorece a composição completa de seus folhetos. Muitas vezes o cordel, além de possuir versos relacionados à cultura dos nordestinos, utiliza a xilogravura para sugerir o conteúdo da poesia dos cordéis.

2.2 O cordelista e o repentista

O cordelista Franklin Maxado (2012) adverte:

O autor de cordel não é feito de estudo. O poeta nasce e o estudo apenas o aperfeiçoa. Mesmo com os erros de linguagem, o cordel sensibiliza pelas

imagens poéticas criadas. É a voz do povo, das raízes. E quem faz a língua é o povo! (MAXADO, 2012, p. 144).

Desde muito tempo, o grande narrador local da vida nordestina era o cordelista, que percorria as feiras e mercados cantando seus versos e vendendo folhetos, verdadeiros jornais para o povo. Contudo, com o passar do tempo e o advento do rádio e da televisão, sua popularidade foi decaindo. Ainda assim, nunca saiu do gosto popular e tem ganhado espaço crescente nas mídias sociais e na internet.

Isabel Cristina Martins Guillen (2006) enfatiza que Grillo reforça que o Nordeste do Brasil é considerado um local privilegiado em se tratando de narradores: cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, são todos considerados grandes oradores. Estes estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, constituindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho.

Conforme teoriza Edilene Matos (1986), o poeta, com voz e gestos, faz as coreografias e representações de suas narrativas. A voz melodiosa do cordelista popular é enérgica na garganta, faz barulho até no silêncio da poesia. Voz e corpo dialogam com a maestria dos versos. O poeta popular usa o corpo para conceder potência à palavra, pois nada existe para o cantor de cordel que não possa ser falado e cantado. Existe uma simbiose de oralidade, escrita e gestos. Ele utiliza o poder comunicador da voz para atrair o público leitor.

Assim, a apresentação do cordelista é feita através da experiência oral e gestual. Na contemporaneidade é possível encontrar a apresentação de muitos poetas no *Youtube* e na televisão em programas de auditório ou de entretenimento. Nesse sentido, o cordelista Bráulio Bessa, por exemplo, ganhou o apreço popular, e seus folhetos são compartilhados a todo o momento nas redes, veiculando mensagens altruístas e revolucionárias.

O poeta de cordel “jornalista” tem sobrevivido e resistido às mudanças digitais e tecnológicas da sociedade. Nem mesmo a globalização conseguiu barrar a circulação dos folhetos nas comunidades sertanejas. Os cordéis continuam sendo documentos e registros de fatos marcantes da vida cotidiana, da política, dos costumes, oferecendo-se à leitura comum e à leitura em sala de aula, bem como fontes de estudos acerca da resistência da cultura e poesia populares. A aplicação social e, por assim dizer, jornalística do cordel existe desde os seus pioneiros, caracterizando-se como um atributo permanente do gênero.

A respeito de Leandro Gomes Barros, a ensaísta Ruth Brito Lêmos Terra (1983, p. 37) afirma, “[...] o poeta tratava um tema da época muitas vezes de forma satírica e que em muitas

de suas sátiras, as “queixas da época” estavam presentes [...]”. Além disso, o poeta criticava os impostos. Considerado o criador da literatura de cordel, ele escreveu sobre assuntos diversos, como a política, a sociedade, o cangaço, o amor e a religião.

Para Terra (1983, p. 39) o cordelista Chagas Batista, por sua vez, “noticia e comenta fatos políticos, desastres e credices populares.” De acordo com Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), Francisco das Chagas Batista não foi cantador, mas um dos mais conhecidos poetas populares. Sua abundante produção forneceu vasto material para a cantoria de todo o Brasil.

João Martins de Athayde, conforme Terra (1983) foi aclamado nos anos 40 como maior poeta popular do Nordeste. Athayde foi o desbravador da indústria do folheto de cordel no país. Esse poeta comercializava sua produção e a de outros artistas, criando uma grande rede de atividades lucrativas no Nordeste, que se espalharam para outras regiões brasileiras, possibilitando a diversos poetas populares a dedicação exclusiva à poesia como atividade profissional. Foi o responsável por profundas mudanças na edição de folhetos de cordel.

Por fim, Terra (1983) menciona a citação de Câmara Cascudo, a qual reforça particularidades sobre o soldado João Melchíades Ferreira. Segundo Cascudo, Melchíades representava o sertão de outrora, tratando temas como escolhas de cavalo, raptos de moças e assaltos de cangaceiros. Assim, todos esses poetas tiveram uma participação singular na literatura cordeliana do Nordeste.

Nesse contexto, é importante destacar o repentista que é antes de tudo um poeta, e ele faz versos de improviso, ao som da viola, de forma cadenciada e melodiosa. Da mesma forma o cordelista produz versos de maneira cadenciada e com uma estrutura fixa que possui uma estética e assim os seus versos e rimas são livres, feitos às vezes de forma improvisada.

O repentista Edmilson Ferreira (2011) cita Silvio Romero em seu texto intitulado *A arte dos repentistas: sua história e suas técnicas*, que, no seu tempo, define o repentista como um homem de poucas letras, rústico, sem conhecimento de gramática ou quase sempre analfabeto; “intérprete fiel dos costumes, das histórias e do heroísmo de seu povo”. Já Câmara Cascudo (1971), também o conceitua como errante, analfabeto, apesar de também nomeá-lo “representante legítimo de todos os bardos e menestréis”.

Dessa forma, os repentistas contribuem decisivamente para a permanência e a valorização do gênero, inserindo-se na tradição da literatura oral e da literatura de cordel da região na qual atua e se torna conhecido. Atualmente, na Bahia, o cantador e repentista Bule-

Bule⁴, nome artístico de Antônio Ribeiro da Conceição se destaca por sua atuação e por sua fama que excede as fronteiras do estado.

Nesse contexto, o poeta cearense Geraldo Amancio Pereira (1946) é um repentista contemporâneo, com um vasto currículo no repente, e também cordelista. Nas palavras do próprio Amancio (2011, p. 1) sua arte é vista como “um dom de Deus”. Assim, afirma, “os cantadores de minha época tem dom hereditário. No meu caso, era meu avô e meu tio paternos”.

De fato, Amancio (2011) é atualmente considerado um dos maiores poetas e repentistas do Nordeste brasileiro. A riqueza de sua poesia ganhou notoriedade em dezenas de cantorias e desafios realizados em vários estados da região. Como repentista destaca-se na arte oral e contribui com a cultura brasileira com suas cantorias e narrativas. Um exemplo do seu talento pode ser observado quando expressou os seguintes versos, “meu verso é peso pesado para cantador carregar” Amancio (2011).

Enfim, o cordelista e o repentista, atividades artísticas contíguas e às vezes conjugadas, têm participação significativa dentro da oralidade sertaneja, como poetas do povo que trazem informação, vivência e fruição estética para os sertanejos, que se sentem representados no imaginário do repente e do cordel.

2.3 O cordel histórico e a sala de aula

Sabe-se que os folhetos quando bem aplicados em sala de aula podem contribuir no processo de ensino aprendizagem desenvolvidos pelo professor. Essa ficção traz uma riqueza linguística extensa e aproxima o aluno sertanejo da sua realidade. Ao experimentar o contato com a literatura de cordel para observar sua estrutura e organização textual, bem como as informações que o texto contém, o estudante poderá praticar com maior facilidade a escrita de produções textuais, as quais exigem dele um conhecimento local e universal maior.

Para tal, o trabalho com os cordéis que fazem uma releitura da historiografia brasileira incentiva à leitura e a pesquisa, bem como provoca a apreciação de artes visuais como a

⁴⁴ Um dos mestres da cultura popular nordestina mais renomados do Brasil. Antônio Ribeiro da Conceição, nome artístico Bule-Bule, nascido em 22 de outubro de 1947, na Cidade de Antônio Cardoso no Estado da Bahia, vem de uma região onde as influências culturais do sertão e do recôncavo baiano se misturam e contribuíram decisivamente para o arcabouço artístico deste grande poeta. Esta figura emblemática da cultura popular, conhecido como o maior repentista da Bahia, também é um excelente cordelista, com mais de 100 títulos publicados, um exímio sambador e tiraneiro, além de forrozeiro de grande valor.

xilogravura. Nesse sentido, a semântica da intertextualidade é internalizada pelos estudantes, quando na metodologia, analisa-se a história através da representação de Conselheiro presente na poesia de cordel. Esse contexto torna-se interdisciplinar e necessário, pois o estudo da literatura potencializa o letramento e a história fomenta a pesquisa e o entendimento crítico da vida social.

De modo lúdico, a linguagem dos folhetos revela a complexidade do cotidiano sertanejo, servindo ao ser humano também como referência histórica. Maria Ângela de Faria Grillo (2006) contextualiza que o cordel é como uma janela aberta para se investigar outras visões e outras versões das narrativas históricas. Ademais, os folhetos assim como os livros didáticos de História e de Literatura possuem a capacidade de ensinar com propriedade. Seguindo essa linha de raciocínio, Grillo (2006, p. 84) complementa:

A literatura de cordel pode ser trazida para sala de aula como uma linguagem alternativa para estudar história. Ao relatarem os acontecimentos de um determinado lugar num determinado período, os folhetos se transformam em memória, em registro e – por que não? Em documento (GRILLO, 2006, p. 84).

Desse modo, o cordel pode ser utilizado na sala de aula como opção para o ensino de História e de Literatura. Ademais, fundamenta as discussões literárias ao ilustrar em sua ficção a imagem de figuras e heróis que ficaram marcados no imaginário do sertão. Portanto, ao trazer essas representações acaba aproximando-se da oralidade popular, pois antes de tudo o cordel é uma apreensão da prática oral.

A literatura de cordel pode ser trabalhada na sala de aula como um mecanismo pedagógico que ressignifica a História oficial e que dialoga com a experiência popular. Além da Literatura canônica erudita o cordel também tem ganhado espaço nos planos de aula dos docentes, os quais buscam aumentar o vocabulário dos discentes e aproximá-los da sua realidade local com os folhetos. Acerca do cordel na sala de aula, Leidiane Faustino Lima (2015) afirma:

[...] vemos a importância da Literatura de Cordel como meio indispensável que possibilita o aluno a um diálogo mais livre com sua imaginação, gerando antecipações, expectativas e inferências no desenrolar da história ou a proposta de complementações do texto pelos autores. Comprovamos como trata-se de um texto rico em possibilidades linguísticas e culturais que levam o aluno a crescer na sua capacidade interpretativa e aumenta a oportunidade de identificação com a cultura local (LIMA, 2015, p. 11).

Essa literatura é uma opção para se trabalhar com temáticas históricas na sala de aula. De maneira lúdica e didática a linguagem do cordel aproxima o estudante do conteúdo, bem como a representação de personagens como Antônio Conselheiro feita pelo cordel, pode ser melhor entendida por intermédio dessa narrativa. Para aprendizagem o folheto torna-se significativo, pois o aluno pode identificar-se com essa produção, uma vez que se trata de um texto rico em possibilidades linguísticas e culturais. Afinal, o cordel está presente no cotidiano do sertanejo e capta os fatos rotineiros e históricos da memória nordestina. Aliás, como os cânones, os folhetos perpassam gerações, sendo lidos e apreciados nas escolas e nos circuitos literários.

Como reafirma Ribamar José Lopes (1994), enquanto arte literária folclórica fascinante, a narrativa do cordel já inspirou grandes escritores canônicos como João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna e Guimarães Rosa. Dessa maneira, a obra *O auto da Compadecida* (1955) do dramaturgo Ariano Suassuna, por exemplo, exibe uma confessa influência do cordel e ficou mais conhecida e apreciada pelo público brasileiro depois da adaptação cinematográfica, que lhe acentuou e fixou os traços do imaginário popular. O estilo cordelesco está presente de forma intrínseca nas narrativas e poemas de Ariano Suassuna que, através de suas personagens, afirma a riqueza da cultura popular nordestina. Acerca da ligação da literatura de cordel com o cânone, o estudioso e poeta Luciano Ferreira de Souza (2017) complementa:

Autores como Guimarães Rosa e Mário de Andrade – para citar apenas dois exemplos – absorvem em suas obras diversos elementos populares, que vão do cenário às personagens, que trazem consigo jeitos de ser, de falar e de agir próprios do povo simples que faz mais rica a nossa cultura. Quanto aos personagens, vale lembrar o vaqueiro Fabiano e sua família (à qual é incorporada a cadela Baleia), do livro *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, ou mesmo Macabéa de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, personagens genuinamente populares, que se destacam pela vida deprimente e que dizem muito pelo pouco que falam (SOUZA, 2017, p. 42).

Pode-se apontar, por exemplo, nas obras de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, um diálogo criativo com a literatura de cordel, quanto à utilização de elementos culturais populares, inclusive o vocabulário, os costumes e o imaginário. Essas obras acionam em seus enredos o imaginário, os costumes e a cultura do vasto universo sertanejo. Afinal, como asseverou Guimarães Rosa, na voz de Riobaldo, “o sertão está em todo lugar”. Assim, o

cordel também se torna um gênero popular em diálogo com a considerada alta literatura ou literatura elitizada e canônica, integrando-se à cultura geral, independentemente de suas origens sociais. Com isso supera a condição à parte, na constituição dos acervos, o que desautoriza a sua antiga marginalização.

Para se entender a participação do cordel na cultura do Nordeste enquanto literatura popular que antes foi marginalizada é importante perceber o contexto histórico detalhado por Durval Muniz (2009). Por volta do final do século XIX o Nordeste estava em plena produção de cana de açúcar, mas foi perdendo espaço para a plantação e o comércio de café do Sudeste brasileiro. A partir daí as atenções do país foram dirigidas para as regiões produtoras de café e o Nordeste perdeu o seu prestígio econômico. O declínio econômico e político da região vai levar a sua progressiva subordinação em relação ao Sul do país, notadamente São Paulo. Assim, numa tentativa de conceder destaque ao Nordeste e sua cultura, o cordel deu visibilidade ao sertão, bem como aos seus personagens (Antônio Conselheiro, Lampião, Padim Cícero etc.). Por outro lado, acabou reforçando certos estereótipos, como o Nordeste como lugar árido, deserto e sempre flagelado pela seca, além de adepto de uma religiosidade exacerbada. Paradoxalmente, a recepção dessa literatura no Sudeste na verdade a marginalizou, o que reforçou os estereótipos e preconceitos ali criados para depreciar a imagem do migrante nordestino. Entretanto, o Nordeste é múltiplo de várias culturas, cada uma com sua singularidade e composição, não sendo possível se adotar uma única verdade a respeito das manifestações culturais dessa região. As várias posições que estão na literatura de cordel e no cânone sobre os sertanejos e o seu local de vivência devem ser analisadas e estudadas de igual modo, pois não devem ser rejeitadas, mas sim conhecidas e respeitadas. Como se observa, sendo reflexo das práticas e valores culturais de uma época, muitas obras canônicas ou populares acabam reproduzindo estereótipos e criam um clima de segregação entre as regiões, rebaixando o Nordeste em relação às demais regiões do Brasil. A respeito da reprodução desse discurso Ribeiro Goés (2011) alega:

Primeiro a cultura nordestina não pode, nem deve ser negada, muito menos a literatura de cordel presente entre nós. O que se tem que ter cuidado é com os discursos que são difundidos sobre os nordestinos e a apropriação que os mesmos têm de algumas representações impostas pelo, ainda presente, discurso regionalista (GOÉS, 2011, p. 2525).

De fato, observa-se que os primeiros folhetos difundiram discursos que reforçam os estereótipos correntes sobre o povo sertanejo. Neles tem-se a ideia de que o Nordeste é um lugar seco, sem possibilidades de sobrevivência, com péssima qualidade de vida, onde existem “bandidos” como Lampião, e beatos “fanáticos” como o Conselheiro. Retratados pelo cordel como figuras emblemáticas do sertão, esses personagens adquirem uma importância mitológica, e por isso estão presentes em poemas, contos e romances, e principalmente na literatura de cordel.

Entende-se que esses folhetos mais antigos sofreram influência da mídia que conforme Durval Muniz (2003, p. 353) esteve presa a uma visibilidade e dizibilidade do Nordeste. Essa visão jornalística “de fora” muitas vezes veio em busca do folclórico, da miséria, da violência, da seca, de cangaceiros, beatos e coronéis. Ginzburg (2017, p. 14), citado por Daniel Alves, propõe que existe “uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante”. Logo essa influência é inegável e, ao mesmo tempo, vigente em muitos cordéis. A cultura popular de certa forma sofre influência da cultura dominante elitizada e vice versa. Contudo, a literatura de cordel não deve ser negada e nem marginalizada, por ser, por vezes, propulsora de estereótipos. Na verdade, a influência da visão midiática precisa ser investigada, pois há outra vertente que propaga valoriza e desmitifica essa posição, mostrando outros elementos da cultura do sertão.

Seguindo essa discussão, vale ressaltar que o vocabulário informal existente na literatura popular, principalmente no cordel, é uma variedade linguística recorrente no Nordeste, com dialetos que são utilizados no dia a dia do sertanejo. A narrativa cordeliana, assim como a narrativa canônica de um Guimarães Rosa, traz uma releitura do espaço cultural e expõe o vocabulário do sertanejo, bem como as diversas manifestações culturais, como a dança, a culinária, a vestimenta e outras artes sertanejas que são incorporadas à ficção. Segundo Muniz (2003, p. 129) “o cordel fornece uma estrutura narrativa, uma linguagem e um código de valores que são vigentes, em vários momentos, na produção artística cultural nordestina”. Ainda a respeito dessa variedade, Eno Teodoro Wanke (1983, p. 111) afirma “quando erra na ortografia ou na gramática, ele não o faz intencionalmente – a não ser em casos de imitação do linguajar matuto, em folhetos de gracejo, por exemplo”.

Tesouros populares do Brasil, os folhetos de cordel possibilitam ao leitor um conhecimento maior da arte sertaneja. Tido muitas vezes como rude e bárbaro pela história

literária, é um tipo de manifestação ficcional e imaginativa que tem o poder revelador da existência humana. Assim, Curran (1998) complementa essa ideia ao expressar que:

É precisamente dessa associação entre fatos históricos e liberdade de invenção que o poeta obtém a flexibilidade da narração e a oportunidade de criar arte com seus próprios talentos. Esta é, pois, uma segunda característica da crônica cordeliana: a mistura de fato e ficção (CURRAN, 1998, p. 31).

Dessa forma, a crônica revela eventos e comportamentos de toda gente. Ao misturar fatos com ficção, o autor e poeta está criando uma literatura que em sua complexidade torna-se indispensável para compreender o mundo e o imaginário popular. Enquanto produção popular, ressignifica a cultura erudita, tornando-se um material de resistência e discussão social. Assim, de acordo com Franklin Maxado (1980), o cordel é uma arte multidisciplinar que dialoga com outras produções artísticas como música, teatro, poesia e o jornalismo. Esse diálogo é muito fértil, visto que alguns folhetos se utilizam dessa pluralidade para construir um perfil mais crítico, irônico e plurissignificativo dos fatos narrados.

Ao adotar o discurso burlesco, muitos folhetos abordam temáticas polêmicas, assuntos políticos e históricos. A partir desse contexto, pode-se considerar que o cordel também denuncia as mazelas sociais e, por isso, constitui uma manifestação literária revolucionária, ícone de resistência do sertanejo. Curran (1998) complementa esse contexto ao expressar que, em certo sentido, cada história que faz parte da crônica do cordel é ao mesmo tempo uma reportagem do evento, uma reação a ele, um julgamento e um comentário.

Por conta desse contexto, é imprescindível que a Academia estude o Cordel, principalmente aquele que dialoga com outras áreas do conhecimento, sobretudo aqueles que versam sobre acontecimentos históricos importantes para a memória nordestina. Nesse sentido, a crônica cordeliana não é valiosa somente porque documenta um acontecido, mas por ter o poder de criar, com palavras, um retrato inesquecível que capta poeticamente a essência dos eventos sejam eles longos ou breves.

2.4 A religiosidade e o messianismo na literatura de cordel

A religiosidade brasileira é retratada pelos cordelistas, segundo as vivências e as práticas sertanejas. Nas narrativas costumam aparecer situações que afirmam os valores tradicionais do cristianismo católico, a relação do fiel com Deus, bem como a presença e

atuação do clero, os peregrinos devotos, as promessas, os pecados, as penitências e os temores à lei divina. Essa religiosidade aparece no cordel como um elemento de grande relevância na estrutura social. Nesse discurso, são recorrentes os personagens Padre Cícero e Antônio Conselheiro que aparecem como beatos engajados nos problemas sociais e podem ser considerados messiânicos. Aliás, há a ideia corrente de que o Conselheiro seria um enviado divino libertador, um messias, com poderes e atribuições capazes de interceder pela causa de um povo ou um grupo oprimido. Sobre essa religiosidade no cordel, Meira de Souza (1998) contextualiza que:

O aspecto de religiosidade na literatura de cordel é bastante remoto, por ter sido uma das formas mais preciosas para propagar a vida de Cristo, seus sofrimentos, milagres; as vidas dos santos; fatos sobre Nossa Senhora; pormenores sobre martírios; romarias; santos milagreiros; festas religiosas; profecias focalizando os castigos para os pecados dos homens (SOUZA, 1998, p. 13).

A religiosidade acompanha o folheto desde o início de sua propagação, como reflexo da forte religiosidade presente nas comunidades nordestinas. Muitas vezes o cordelista utilizava a fé católica para atrair os leitores, os quais, em sua grande maioria, eram devotos do cristianismo popular. Dessa forma, a religiosidade ligada às práticas sociais do Conselheiro e do Padre Cícero, bem como a devoção dos fiéis para com eles se tornam mais fortes do que as relações institucionais, para além das autoridades e das normas locais.

Os exemplos bíblicos inspiraram beatos e peregrinos, sejam padres, sejam pregadores leigos, nas diversas ações da igreja católica, mantendo a religião como centro da vida nas comunidades sertanejas. Em consequência, o sertão resultou estereotipado como sendo uma terra de beatos, devotos de santos e seguidores e admiradores de homens como Antônio Conselheiro e Padre Cícero. Essa forte religiosidade popular acaba sendo considerada um fenômeno messianista, conforme Meira de Souza (1998) contextualiza:

Além disso, no messianismo a figura de Jesus e suas práticas são resgatadas, por isso, os personagens como Padre Cícero e mais especificamente o Conselheiro são tidos nos folhetos como “messias” salvadores de uma nação. O aspecto messiânico, no Brasil, difundiu-se, sobretudo no Nordeste (SOUZA, 1998, p. 15).

Ademais, para alguns poetas esses homens são “santos” e imitadores do “messias”, bem como a eles é associada a realização de milagres e curas. Dessa forma, Meira Souza

(1998, p. 13) ainda explica “no nordeste, divulgaram-se figuras de beatos e homens “santos”, que se tornaram venerados e consagrados pelos feitos de caráter caritativo, milagroso e poderoso”.

Dentre os folhetos que apresentam o Conselheiro como figura messiânica, listam-se o de Minelvino Francisco Silva, intitulado *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos (1977)* e, sobretudo, o de Cavalcante intitulado *Antônio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos (1977)*. Em ambos os folhetos, Antônio Conselheiro é considerado figura mística e simbólica, líder dos sertanejos que os conduziu a guerra contra a República, através da fé. A respeito dessa representação, Meira Souza (1998) complementa:

Atualmente, chegam-nos muitos folhetos com abordagens do campo religioso. Esta frequência do símbolo místico é bastante forte nos poetas populares que ora são levados pela própria fé, ora pelo mister de um esteio transcendente que os ajuda a resignar-se diante de tanta pobreza em que muitos ainda vivem (SOUZA, 1998, p. 50).

Observa-se que esses folhetos têm um compromisso firme de deixar claro mais um testemunho desta manifestação messiânica na área nordestina. Assim, a ideia de messianismo está presente nos folhetos de cordelistas como Rodolfo Coelho Cavalcante e Minelvino Francisco Silva, os quais representam Antônio Conselheiro e Padre Cícero como personagens religiosos que ficaram no imaginário popular como santos e messias, benfeitores do povo e operadores de milagres.

2.5 O Belo Monte e o Conselheiro

Cento e vinte anos após o massacre do Exército ainda ecoam do fundo do açude de Cocorobó os gritos das vítimas do Belo Monte. Essa metáfora representa o vigor do tema, ainda posto na mesa de pesquisa e debate. O conflito decorrido em quatro batalhas, no período 1896-1897, marcou de maneira visceral a memória e o imaginário do sertão brasileiro. O fato permanece vivo e atual na contemporaneidade dos sertanejos. O conflito que inspirou diversas narrativas ainda precisa ser esmiuçado pelos estudiosos, principalmente os que respeitam e apreciam os ensinamentos da sabedoria popular. O massacre do Belo Monte poetizado no cordel deixa de pertencer ao passado e faz o ser humano, de qualquer tempo, quedar-se horrorizado diante dos desastres e da ruína causados pelo terrível genocídio sertanejo. Antes

de analisar os estudos dos primeiros cordéis que versaram sobre o embate é importante meditar e refletir sobre os fatos que aconteceram durante o conflito.

Por conta da sua importância histórica, o massacre ainda hoje é lembrado e representado em romances, poemas, contos, cordéis, pinturas, peças, filmes, canções etc. O arraial de Santo Antônio do Belo Monte, fundado por Antônio Conselheiro, em 1883, e denominada de Canudos pela nomenclatura oficial, tornou-se uma comunidade notável, chegando a atingir cerca de cinco mil lares. Atacados pelo poder oficial como uma pretensa horda de desordeiros monarquistas, os conselheiristas resistiram às forças bélicas da República, utilizando estratégias particulares de resistência e luta. O Exército brasileiro necessitou de quatro Expedições para conseguir enfraquecer e destruir o arraial. Mais do que a força humana, a determinação dos sertanejos e a vegetação da caatinga foram os principais inimigos dos soldados, simbolizando a resistência do sertão aos invasores do litoral.

Belo Monte era uma comunidade solidária. Todos os recursos produzidos no cultivo agrário e na criação de animais eram distribuídos entre os habitantes e as sobras eram comercializadas nas cidades vizinhas. Com essa logística, os conselheiristas conseguiam obter no comércio das redondezas as ferramentas, bens e produtos que não eram produzidos no arraial. Em cerca de 3 anos, o arraial se firmou na região como um contestado, passando a reunir cada vez mais sertanejos, refugiados que lutavam para fugir da miséria e da dominação dos coronéis, senhores dos grandes latifúndios.

O líder espiritual dos sertanejos foi o beato Antônio Vicente Mendes Maciel nascido em 13 de março de 1830 na cidade de Quixeramobim no Ceará. De acordo com alguns pesquisadores, como Marco Antonio Villa (1995), sua data de nascimento é incontestável, conforme a certidão de batismo existente no arquivo eclesiástico da cidade de Quixeramobim. Filho de uma família média, de comerciantes e pequenos proprietários de terra, seu destino mais lógico seria seguir a mesma jornada. Ao perder a mãe, aos seis anos de idade, foi criado pela madrasta. Desde o início da sua vida seus pais queriam que ele seguisse a carreira sacerdotal, única forma de ascender e fazer parte da alta sociedade. Frequentou a escola, desenvolveu as habilidades de ler, escrever e falar bem. Ao assumir mais tarde a direção dos negócios familiares, descobriu que não possuía habilidade para as questões administrativas. Por conta disso, o comércio dos Maciéis, deixado de herança aos filhos faliu. E Antônio Vicente Mendes Maciel ficou com algumas dívidas a saldar. Não tinha aptidão para comércio,

por isso, algumas vezes atuou como Rábula, orientando os pobres com questões jurídicas e lecionou para alguns filhos de fazendeiros.

Antônio Maciel casou-se com Brasilina Laurentina de Lima. Entretanto, sua esposa se envolveu e fugiu com um sargento de polícia, abandonando sua residência na Vila do Ipu Grande. Um novo casamento não durou, e conseqüentemente o levou a romper os laços familiares, saindo da cidade, para viver de lugar em lugar, sobrevivendo como mascate. Villa (1995) informa que Maciel chegou aos 41 anos praticamente ao fim da vida, sem emprego fixo, longe da família e desolado.

Entre os anos de 1871 a 1874 não se tem notícias confiáveis sobre o destino de Antônio Vicente Mendes Maciel. Dedicou-se mais à vida religiosa e saiu a peregrinar fora de sua terra natal. De acordo com Villa (1995, p. 17-18), a primeira notícia da chegada de Antônio Vicente aos sertões da Bahia e Sergipe data de 1874. Villa (1995, p. 18) mostra a citação de Sílvio Romero em que um promotor público da Comarca de Estância de Sergipe registra duas quadras sobre a sua chegada:

Do céu veio uma luz
Que Jesus Cristo mandou:
Sant' Antônio Aparecido
Dos castigos nos livrou
Quem ouvir e não aprender,
Quem souber e não ensinar,
No dia do júízo
A sua alma penará.

Essas quadras foram escritas na época em que Antônio Vicente Mendes Maciel estava ganhando notoriedade, e já começava a ser nomeado de “Conselheiro”. Sobre essa denominação, é preciso salientar que o peregrino passou a ser chamado de Conselheiro depois de ter abdicado da vida comum, e deixar a família, para peregrinar por algumas regiões do sertão. Nesse sentido, Souza Silva (2001, p. 235) destaca que Euclides da Cunha afirma em *Os sertões* que o Maciel “morrera por assim dizer”, para o surgimento do peregrino e beato Antônio Conselheiro.

O artigo, “*Renúcia*”: *de Antonio Vicente Mendes Maciel à “Antônio Conselheiro”*, da ensaísta Elvia Helena Iser (2008, p. 01) traz a seguinte afirmação: “Renunciou à família (...) para se dedicar à espiritualidade, saindo a peregrinar. Por conta dessa mudança em sua vida social passou a ser visto como beato.” Assim, Antonio Vicente Mendes Maciel tornou-se Antônio Conselheiro, a peregrinar pelo sertão como beato pregador de um cristianismo

tradicional e popular. Havia ainda outras nomenclaturas referidas ao peregrino, como expõe o mesmo artigo supracitado, conforme Elvira Helena Iser (2008, p. 01):

Os nomes adotados por Antônio Vicente Mendes Maciel são nomes que representam a plena imitação de nomes de Santos, como Antonio Conselheiro, o santo, Conselheiro de todos, Bom Jesus Conselheiro, nome da primeira igreja erguida na comunidade de Belo Monte, Santo Antonio Aparecido, seu santo fervoroso e padroeiro de Belo Monte (ISER, 2008, p. 01).

De fato, o peregrino de Belo Monte ficou mais conhecido pelas gerações recentes como Antônio Conselheiro, pois os outros epítetos não se sobressaem na mídia nem na literatura. Essa variedade de nomes atesta que o beato tinha larga fama e mantinha contato com várias pessoas, recebendo diferentes tratamentos místicos em suas peregrinações.

Ao pesquisar sobre o conflito, o leitor percebe que uma das questões que aborreceram o Conselheiro foi a recente governo da República haver separado a Igreja do Estado. Segundo Villa (1995, p. 22), Conselheiro era “[...] uma liderança comunitária que compreende a religião em um sentido mais amplo, que não se sujeita ao mandonismo coronelístico, apesar de conviver dialeticamente com esta estrutura. [...]”. Logo, ele pregava uma religião que transcendia o catolicismo, e sem deixar de ter relação direta com a vida cotidiana.

A partir dos anos 70 do século XIX e até sua morte em setembro de 1897, durante cerca de quase vinte e cinco anos, Conselheiro tornou-se um dos maiores beatos da história nordestina. Foi considerado “beato” porque viveu a fé longe da hierarquia da Igreja e transformou-se em uma grande referência religiosa para os canudenses. A propósito do Conselheiro, Luís Câmara Cascudo (1898-1986) o descreve como “Quixote brasileiro, bem como frugal, austero, exigente, disciplinador e casto”. Em suas ações peregrinas, ele construiu igrejas e cemitérios e passou a se comportar como um reformador. Usava um camisolão longo azul de brim americano, cabelos longos e um cajado na mão. Euclides da Cunha (2001) descreve-o da seguinte forma:

Revestido da longa camisa de azulão, que lhe descia, sem cintura, desgraciosamente, escorrida pelo corpo alquebrado abaixo; torso dobrado, fronte abatida e olhos baixos, Antônio Conselheiro aparecia. Quedava longo tempo, imóvel e mudo, ante a multidão silenciosa e queda. Erguia lentamente a face macilenta, de súbito iluminada por olhar fulgurante e fixo. E pregava (CUNHA, 2001, p. 442).

O beato apresentava-se como homem preocupado com a sua comunidade. Conforme Villa (1995, p. 29), “em outras palavras, Antônio Conselheiro dava um sentido à vida dos sertanejos, demonstrando no dia a dia os limites do poder autocrático do Estado, da Igreja e dos latifundiários e, mais ainda, a possibilidade de superação desta ordem social”. Contudo, nas cidades, como afirma à citação do historiador Durval Muniz (2009, p. 95) a figura de Conselheiro “passou a significar, no imaginário urbano hegemônico, o atraso, a barbárie, a monarquia, a irracionalidade. Seus seguidores, dentro do universo mental da “era dos impérios”, eram apresentados como primitivos.” A classe dominante passa a considerá-lo um anti-herói, uma ameaça à realidade republicana.

Antônio Conselheiro apresentava-se como um homem religioso que atraía seguidores com seu discurso e suas práticas, e pode ser considerado uma das figuras mais emblemáticas do sertão, como, aliás, é representado no cordel até os dias de hoje. O Conselheiro buscava meios para melhorar o arraial do Belo Monte e dentre as obras feitas em benefício da comunidade constava a construção de uma nova igreja, mais espaçosa, para comportar o número crescente de fiéis, novos moradores que acorriam a Belo Monte, atraído pelas notícias de sua prosperidade comunitária. Para a conclusão da obra foi feita a solicitação da madeira, na cidade de Juazeiro, antecipadamente paga para entrega imediata. Contudo, a madeira não foi entregue. Nesse contexto, o juiz de Juazeiro, Arlindo Leoni, que já havia tido algumas desavenças com o beato fez pressões junto ao comerciante que estava encarregado da encomenda e, por conta disso, o negociante, que já havia recebido o dinheiro da compra, recusou-se a entregá-la, desagradando os sertanejos. A respeito da postura do juiz Arlindo Leoni, o historiador Marco Antonio Villa (1995) assegura:

Independente das versões, o fato é que Arlindo Leoni, tão logo chegou em Juazeiro, iniciou uma sistemática política de descrédito dos conselheiristas, tentando a todo custo impedir a continuidade regular dos contatos econômico-sociais com a comunidade de Belo Monte. A ocasião da compra da madeira foi um momento propício para Leoni iniciar a vingança contra o Conselheiro. Em decorrência das pressões do Juiz, o negociante que estava encarregado da encomenda – e que já recebera o pagamento, cerca de um conto e duzentos mil réis – recusou-se a entregá-la, deixando os conselheiristas irados pelo atraso nas obras da igreja e furiosos por terem sido enganados [...] (VILLA, 1995, p. 139).

O Conselheiro enviou um grupo de seguidores para fazer o carregamento da madeira para cobrir a nova igreja do arraial, a tempo de inaugurá-la nos festejos de Santo Antônio. O

juiz Arlindo Leone, que os considerava bandidos, enviou no dia 4 de novembro um telegrama para ao governador Luís Viana alegando que o povo do Belo Monte invadiria a cidade de Juazeiro. O governador, para não ser acusado de conivência com o povo do arraial, mandou as primeiras tropas para reprimir os sertanejos do Belo Monte.

A primeira Expedição foi comandada pelo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, e formada por três oficiais, 113 guardas, um médico, dois guias (Pedro Francisco de Moraes e seu filho João Batista de Moraes), e tendo uma ambulância como suporte. Partiu de Salvador no dia 6 de novembro de 1896. Quando os soldados chegaram a Uauá, vieram com pouca água e trilharam por estradas ruins. Euclides da Cunha (1902, p. 205) descreve que a tropa chegou exausta em Uauá, depois de uma travessia penosíssima. Então, no dia 21 de novembro, as tropas entraram em confronto com os conselheiristas. Sobre isso Walnice Nogueira Galvão (1974) afirma que:

A tropa seguiu a pé, por péssimos caminhos, e ao cabo de uma semana de marcha só conseguira atingir Uauá, faltando ainda uns 100 quilômetros até Canudos. Os homens estavam exaustos, andando debaixo de um sol inclemente, sem uma sombra sequer para descansar. Em Uauá, embora o tenente tivesse disposto sentinelas pelos caminhos, a população logo tratou de escapar, o que fez furtivamente. De madrugada, os conselheiristas, havia muito prevenidos por seus simpatizantes, que eram maioria em toda a região, e auxiliados pela demora da tropa em chegar até Canudos, deram assalto (GALVÃO, 1974, p. 72).

Wellington Freire (2017, p. 66) comenta que o conflito foi no início do dia, os homens de Conselheiro, sem qualquer experiência militar, estavam armados de maneira simplória, e mesmo assim avançavam sobre o inimigo entoando músicas religiosas, com o estandarte do divino, e levando uma imensa cruz de madeira. De maneira rápida e bem articulada, os fiéis de Antônio Conselheiro, que estavam sob o comando de Pajeú e João Abade, líderes combatentes dos sertanejos, enfrentaram o primeiro conflito como muita bravura. Ao fim, com muitas baixas diante do fogo profissional dos soldados, resolveram bater em retirada, de retorno a Belo Monte. Mas tiveram uma vitória moral, deixando a tropa em frangalhos.

Com o fervor dos ânimos e o orgulho ferido, articulou-se a Segunda Expedição e os chefes militares arquitetaram o novo ataque, com um grande efetivo de homens e munição. Essa expedição foi liderada pelo major Febrônio de Brito, também do 9º Batalhão de infantaria do Exército. Composta por oito oficiais, cem praças e cem soldados. Os soldados

saíram de Salvador no dia 25 de novembro e, pela estrada de ferro, chegaram a Queimadas e de lá marcharam até Monte Santo.

O historiador Marco Antonio Villa (1995) afirma que o juiz Arlindo Leone recebeu a ordem do governador Viana para auxiliar Febrônio de Brito na organização da Expedição. Entretanto, em marcha para a cidadela sertaneja, a tropa da Segunda Expedição foi surpreendida pelos canudenses. Quando os soldados tentavam atravessar a Serra do Cambaio, foram cercados de maneira inesperada. Wellington Freire (2017) comenta:

Alega que os soldados marcharam para a própria aniquilação e caíram na emboscada dos beatos. Em todos os locais que procuravam passar encontravam os piquetes conselheiristas, mesmo estando em menor número, os fiéis conseguiram vencer e enfrentar a tropa fortemente armada, logo, o segundo fogo fracassou como o primeiro (FREIRE, 2017, p. 72).

No dia 20 de janeiro inicia-se a marcha de regresso para Monte Santo. Porém, os soldados estavam extenuados, maltrapilhos, incapazes de qualquer trabalho, abatidos e derrotados. O governador Luís Viana atribuiu toda responsabilidade pela derrota a Febrônio de Brito, que tentou se defender das acusações na imprensa. A princípio ele considerou que seria fácil vencer os homens do Belo Monte, entretanto os canudenses, mesmo estando em desvantagem, usaram algumas estratégias para enfraquecer fisicamente e psicologicamente os soldados. Tanto Brito como outros líderes especialistas em combates, após essa derrocada do Exército, solicitaram do Governo a aniquilação imediata de Canudos por meio da atuação das forças federais. Assim, para Marco Antonio Villa (1995), “o governo Federal começou a aceitar que Canudos era um antro monárquico, como insistia a imprensa jacobina carioca”.

A Terceira Expedição teve como comandante o temível Coronel Moreira César, o famoso “Corta-cabeças”, figura bastante comentada nas páginas jornalísticas e literárias. Essa expedição foi esperada com ansiedade, pois chegava à informação aos canudenses de que os soldados estavam fortemente armados. Moreira César era considerado um homem sanguinário, de acordo com os relatos de historiadores e do próprio Euclides da Cunha (1902). Ele acreditava que iria tomar Canudos sem disparar mais um tiro, e sim à baioneta. Entretanto, não foi como o coronel “eufórico” esperava. Moreira César partiu para o Belo Monte, caminhando dez quilômetros diários. No caminho do arraial, assim como o segundo fogo, eles foram atacados por piquetes conselheiristas. Apesar do efeito destrutivo desses pequenos ataques, os sertanejos não conseguiram impedir a chegada das tropas ao arraial.

Apesar da resistência heroica, em relação ao Exército, eles estavam em condições extremamente desfavoráveis.

O confronto se deu no dia 3 de março de 1897. Depois de três horas de intensos combates, o coronel Moreira César acabou ferido, e por conta disso entregou o seu posto ao colega Tamarindo. O corta-cabeças não resistiu aos ferimentos e faleceu de madrugada. Os soldados, ao tomarem conhecimento da morte do comandante da expedição, e da decisão dos oficiais de iniciar a retirada, começaram a fugir em grupo para o Cumbe. Assim, o chamado “terceiro fogo” foi vencido pelos sertanejos.

Tal acontecimento levou, na época, a uma repercussão enorme na mídia nacional e internacional. Villa (1995) informa que os jornais duplicaram as tiragens, os acontecimentos de Canudos passaram a repercutir no exterior e a todo custo houve uma busca de atos heroicos por parte dos soldados da expedição, como forma de diminuir o efeito negativo do desastre militar. O país e a cúpula da República, que já estavam voltados para a guerra, presenciaram mais uma derrocada do Exército. Segundo Cunha (2009, p. 56): “a expedição Moreira César parecia ter tido um objetivo único: entregar-lhes tudo aquilo, dar-lhes de graça todo aquele armamento moderno e municiá-los largamente”. De fato, o armamento e a munição deixados pelos soldados derrotados foram recolhidos pelos sertanejos para uso próprio em sua luta de resistência.

A Quarta Expedição começa a ser organizada. O quarto e último fogo contou com uma forte ação militar. A respeito desse combate Freire (2017) contextualiza:

A última expedição contra Canudos mobilizou entre 10 e 12 mil homens em armas, um terço do total geral da força militar terrestre nacional nos dias de então. Quase todos os estados da federação forneceram contingentes de homens, sob a forma de batalhões de polícia, ou de brigadas do Exército. O dispositivo tático previa o desdobramento da força invasora em duas colunas que partiriam de pontos diferentes – Salvador e Aracaju – convergindo para o teatro de operações a fim de realizarem uma clássica manobra de envolvimento de pinça, envolvendo o inimigo em duas poderosas tenazes que se fechariam sobre ele como um anel de aço (FREIRE, 2017, p. 91).

A Quarta Expedição avançou para Belo Monte com um contingente bélico arrasador. As duas colunas do Exército partiram de Salvador e de Sergipe, respectivamente, com o propósito de cercar e destruir o arraial conselheirista. As tropas reuniam oficiais e soldados de vários estados do país, e estavam munidas com toneladas de alimentos e farta munição. Após dias de avanço e ataque, os soldados haviam cercado o Vaza Barris, e tomado o Alto da

Favela. Desse ponto estratégico, começaram a bombardear as estruturas da cidadela sertaneja. O cenário, nesse momento, era muito adverso para os conselheiristas, os quais, mesmo submetidos à fome e à sede, não se renderam. Nesse quarto fogo, as torres da igreja, símbolo de fé conselheirista, foram derrubadas a tiros de canhão. Nesse período, o líder Conselheiro estava acometido por grave enfermidade intestinal, vindo a falecer em 22 de setembro de 1897. Sua morte e a derrubada do templo foram reveses decisivos que destruíram a força e a disposição da resistência sertaneja.

No fim do quarto fogo, os soldados invadiram o Belo Monte e usaram querosene e dinamite para atear fogo e destruir as casas, nas quais ainda se encontravam alguns sobreviventes dos ataques. Assim, a comunidade sertaneja ardeu nas chamas da destruição, diante de um batalhão sedento por vingança. Segundo Caio Clímaco (2017):

A guerra contra Canudos teve como saldo final a destruição total do arraial, o incêndio de todas as casas, o extermínio de prisioneiros civis, o abuso sexual, a prostituição e a degola de mulheres e crianças, deixando até os dias de hoje uma ferida em aberto no sertão brasileiro. O Exército havia cumprido, portanto, com o objetivo proposto pelo então presidente, Prudente de Moraes, que chegou a fazer a seguinte declaração: “Em Canudos não ficará pedra sobre pedra, para que não mais possa se reproduzir aquela cidadela maldita” (CLIMACO, 2017, p. 01).

Desse modo, a campanha bélica contra Belo Monte se encerrou no dia 05 de outubro de 1897, com a destruição total dos sertanejos que resistiram até o fim, em defesa de sua terra e de suas famílias. A respeito da quarta expedição, Curran (1998) realça:

O cúmulo foi a quarta expedição, que Euclides da Cunha detalhou em suas reportagens e em *Os sertões*: um ataque do Exército aliado às tropas locais da milícia baiana sob o comando do general Arthur Oscar de Andrade Guimarães, contando com quase seis mil homens, canhões de guerra e uma plethora de oficiais na liderança (CURRAN, 1998, p. 51).

O Belo Monte é considerado símbolo de resistência. Protegidos pela caatinga e pelo Vaza Barris, conforme Edmundo Moniz (1984), eles organizavam uma comunidade igualitária. O “Bom Conselheiro” acolhia os camponeses desvalidos e perseguidos pelos grandes proprietários. Atacado pelo governo, em nome dos latifundiários, o povo do arraial lutou pela sobrevivência, no combate contra a força brutal das forças republicanas.

Após as batalhas, não houve um projeto de reconstrução social que concedesse à comunidade um desenvolvimento na educação, saúde e infraestrutura. Ademais, Canudos e as

outras localidades próximas da região permaneceram com o cenário de analfabetismo, fome e mazelas sociais de antes.

Atualmente, 120 anos após a guerra, a região canudense ainda possui um desenvolvimento econômico ínfimo em relação ao nível necessário a uma vida de qualidade. A região permanece com um IDH (Índice de desenvolvimento humano) baixo. A economia é fraca e desigualdade social continua muito acentuada. Esse cenário é visível para quem frequenta ou visita a cidade. Como contextualiza Caio Clímaco (2017):

Atualmente a economia da cidade se desenvolve, principalmente, através do comércio e da produção de banana, sendo que a grande parte da população sobrevive através da prestação de serviços e da aposentadoria. A infraestrutura do município é bastante precarizada, demonstrando que o descaso com o povo e com a história do local continuam vigentes ainda nos dias de hoje (CLIMACO, 2017, p. 01).

Do Belo Monte restaram fotografias, relíquias como balas, armas, roupas e outros acessórios que são guardados pelos memoriais e pelos moradores. Quando os turistas visitam a região do conflito percebem que os habitantes guardam lembranças e miudezas, as quais ilustram e acompanham o momento das narrativas orais feitas por eles. Das poucas obras construídas, tem-se o Parque Estadual de Canudos, que atrai os curiosos e, sobretudo, os estudiosos da Guerra.

2.6 O Belo Monte e o cordel

Todo esse conteúdo introdutório é imprescindível para compreender a gênese do cordel que versa sobre Canudos. Sílvia Romero (1977) foi o primeiro estudioso a dar notícias de um ciclo de poesia popular que estava se formando em torno da figura principal de conflito, o beato, Antônio Conselheiro. Dessa maneira, Sílvia Romero (1977, p. 32) deu uma importante contribuição à historiografia literária brasileira. Em seus livros, sempre aborda assuntos ligados à cultura popular. Para ele, “[...] possuímos uma poesia popular das mais brilhantes que se conhecem [...]”. Enfim, Romero considerava a literatura de cordel importante para a identidade do nordestino.

Curran (1998, p. 49) discorre sobre o cordel como crônica poética e história popular de eventos e relatos conhecidos que correspondem ao começo da República Velha. Segundo ele, “a crônica do cordel começa em 1896 porque o primeiro grande evento registrado por essa

literatura foi a Guerra de Canudos, num relato feito pelo soldado, João Melchíades Ferreira da Silva, um dos pioneiros desse tipo de literatura”. Entretanto, isso não significa que o cordel não tenha tratado do passado anterior a Canudos. Para os leitores mais leigos e humildes da época, o cordel de Melchíades foi uma das primeiras oportunidades de conhecer um acontecimento histórico relevante cantado em versos. Nessa perspectiva, Curran (1998, p. 49) afirma: “é essa versão sobre Canudos que permite ao leitor compreender como a narrativa de um evento importante cumpre requisitos de crônica de época e, ao mesmo tempo, contribui para o registro da história brasileira com uma nota popular”, pois a guerra contada pela poesia popular atinge gerações de leitores.

O soldado João Melchíades⁵, alcunhado de o “cantor da Borborema”, lutou contra os conselheiristas e participou da luta no sertão. Seu folheto é a única obra de cordel, até aqui conhecida, feita por um soldado combatente. Ele foi, sem dúvida, um poeta de reconhecida capacidade. Poeta, cronista e cantador de sua região de origem, principalmente da Serra da Borborema, cantou histórias e feitos dos seus habitantes, beatos, heróis e valentes, além de descrever seus usos e costumes.

A narrativa de João Melchíades Ferreira da Silva defende o Exército e condena os sertanejos. Não poderia ser diferente, pois, por ser militar do Exército Brasileiro, é natural que defendesse a República e fosse contra as ideias pregadas e praticadas por Conselheiro e seus seguidores. Ademais, ele não viu nenhum mérito nem valor naquele grupo de sertanejos. O seu folheto *A Guerra de Canudos*, publicado no início do século XX, sequer foi assinado, porém a autoria é reconhecida, conforme discernido pelo pesquisador José Calasans (1984, p. 27). É, certamente, um dos primeiros escritos em versos sobre a tragédia que abalou os sertões da Bahia. Sua crítica contundente aos sertanejos aparece muito clara nos versos.

Ergueu-se contra a República
O bandido mais cruel

⁵ O poeta popular e cantador João Melchíades Ferreira da Silva nasceu em Bananeiras, Paraíba, em 7 de setembro de 1869. Filho de pequenos proprietários ficou órfão de pai muito cedo. Nunca frequentou a escola. Aprendeu a ler com o beato Antônio Simão que pregava o catolicismo e alfabetizava adultos e crianças, por ordem do Padre Ibiapina. Entrou para o exército aos 19 anos e, cinco anos depois, foi promovido a sargento. Combateu os partidários de Antônio Conselheiro na Guerra de Canudos, em 1897, e participou das campanhas do Acre, na disputa de território entre o Brasil e a Bolívia, em 1903. Em 1904, depois de reformado do Exército voltou a morar na capital paraibana, onde casou e teve quatro filhos, tornando-se poeta popular e cantador. Segundo alguns, era mais poeta popular do que cantador, não se enquadrando como um repentista nato. Intitulava-se o Cantor da Borborema e é invocado, com nome e codinome, na obra de Ariano Suassuna *A Pedra do Reino*. É autor do folheto *A Guerra de Canudos*, o primeiro cordel sobre Antônio Conselheiro, publicado no início do século XX que, apesar de não ter sido assinado, foi identificado como seu pelo pesquisador José Calasans.

Iludindo um grande povo
 Com a doutrina infiel
 Seu nome era Antônio
 Vicente Mendes Maciel⁶

Assim como a imprensa local, Melchíades considera Antônio Conselheiro um criminoso e uma ameaça à República. A doutrina religiosa pregada por Conselheiro é adjetivada de “infel” e o beato é visto como culpado por iludir a população sertaneja. O soldado em nenhum momento elogia o beato, reduzindo-o a um inimigo a destruir.

Melchíades descreve o Conselheiro e utiliza uma linguagem hiperbólica para se expressar. O trabalho do soldado Melchíades é descrito assim por Curran (1998):

O velho soldado João Melchíades Ferreira da Silva registrou seu testemunho para sempre no cordel, embora só o escrevesse e publicasse bem mais tarde, quando, aposentado do Exército, tornou-se cordelista na capital da Paraíba. Em oitenta estrofes de sextilha, rima *abcdbd*, resume as três primeiras expedições e descreve detalhadamente a quarta, da qual participara como combatente. Além de detalhes da luta, cita estatísticas sobre os armamentos e o número dos soldados, os nomes dos comandantes e o de um soldado comum, cabo Daniel, feito prisioneiro por Antônio Conselheiro, que sobreviveu e reencontrou Melchíades na Guerra do Acre, anos depois (CURRAN, 1998, p. 51).

Nesse sentido, esse é dos primeiros folhetos a difamar a imagem do Conselheiro, mantendo a visão que interessava ao governo e à igreja da época. Com seu folheto, Melchíades já aposentado, contribuiu para firmar a ideia de que o beato era um perigoso desordeiro.

José Calasans, em *Canudos na Literatura de Cordel* (1984), reúne um conjunto de ABCs e folhetos que trouxeram a temática de Canudos. Nesse sentido, Calasans também se refere aos poemas manuscritos pelos canudenses que chegaram ao conhecimento de Euclides da Cunha e foram por ele copiados, em 1897, em sua *Caderneta de campo* (1975) no próprio campo de batalha. Segundo Calasans (1984):

[...] Euclides da Cunha citou [em *Os sertões*] sete quadras dos dois ABCs que chegaram ao seu conhecimento e foram por ele copiados na Caderneta de campo. Julgamos que as citadas composições teriam sido as primeiras obras completas da poesia popular sobre o “conselheirismo” e, portanto, precederam os trabalhos de literatura de cordel aqui e agora reunidos na

⁶ João Melchíades Ferreira da Silva apud Mark Curran, *História do Brasil em cordel*. 1998.

presente publicação. O segundo dos ABCs copiados por Euclides da Cunha, o ABC da Incredulidade, “contava como se dera a morte do coronel Moreira César e a derrota completa da tropa por ele comandada, em março de 1897 (CALASANS, 1984, p. 03).

Nessa citação, o pesquisador e professor Calasans confirma a existência de ABCs feitos pelos sertanejos. Esses ABCs podem ser considerados os primeiros registros da literatura popular sobre a luta sertaneja. Diferente de muitas literaturas que já surgiram, esses registros são genuínos, feitos de dentro para fora, constituindo a versão e a visão do conflito pela ótica dos sertanejos. Por conta disso, tornam-se documentos singulares e genuínos do conflito.

Enquanto testemunha intelectual da guerra, Euclides da Cunha (1975, p. 58-61) também reconheceu a importância do verso popular e da crônica cordeliana para sua argumentação acerca dos conselheiristas. Assim, recolheu alguns versos populares dos ABCs, reproduzindo-os da forma como foram escritos por seus autores, na sua famosa Caderneta de campo. Do *ABC das incredulidade*, coletado por Euclides da Cunha, destacam-se os seguintes versos:

Qapitão Morera Sezar
hera homem di opinião
veo dar carne aos zurubú
nas Catingas do sertão
quem briga com o Bom Jesus
não conta vitória não⁷

Essa estrofe refere-se ao coronel Moreira Cesar, comandante da Terceira Expedição e morto no conflito. Os versos citados demonstram o despreço que os sertanejos devotavam ao capitão republicano, e comemora a vitória na luta contra sua expedição. Nesse sentido, José Calasans (1984), comenta que Euclides da Cunha foi um dos primeiros intelectuais a considerar a contribuição do bardo anônimo para a interpretação dos sentimentos populares em relação às atividades do Conselheiro. Apesar da apreciação negativa de Cunha, ele pode ser considerado um dos primeiros ensaístas a julgar como válidas as fontes orais e a importância da poesia popular para a interpretação dos costumes do arraial.

De acordo com Jairo Carvalho do Nascimento (2008), José Calasans utilizou os registros da oralidade, a sabedoria popular e a memória dos sobreviventes da guerra como

⁷ CUNHA, Euclides da. ABC das incredulidade. In: ____ . **Caderneta de campo**. São Paulo, Cultrix, 1975, p. 56.

fontes e documentos históricos. Valorizou a visão dos vencidos sobre a própria história, registrando as impressões e sentimentos dos sertanejos e das pessoas que viveram em torno da região do Belo Monte, que se tornaram portadores de sua história oral. Os versos e a poesia dos trovadores foram feitos de diversas formas, passando por vozes dos vários cordelistas. Cada poeta tentou impor sua leitura e seu conceito sobre o conflito. Portanto, pode-se dizer que as várias versões carregam consigo um dizer próprio da batalha, incluindo também a visão do povo sertanejo.

José Calasans chamou a atenção da sociedade para o uso da literatura de cordel como uma fonte para a compreensão da guerra e da própria trajetória da vida de Antônio Conselheiro. Em suma, sua contribuição foi singular para a historiografia de Canudos, pois ele percebeu a validade da oralidade e dos folhetos para os estudos históricos da sociedade brasileira.

Outro folheto importante foi o escrito por João de Souza Cunegundes em 1897, publicado no Rio de Janeiro pela *Livraria do Povo Quaresma & Cia*. O poeta residia no Rio de Janeiro e, naturalmente, foi bastante influenciado pelo noticiário da imprensa local. Nesse sentido, para esse poeta, os sertanejos deviam ser condenados pela morte de Moreira César. Assim ele desaprova os sertanejos e os critica duramente:

Morreu este patriota
 Uma glória do Brasil
 A favor de sua pátria
 Contra aquela gente vil.
 O Brasil ficou de luto
 E o Exército também;
 Todos choraram a morte
 Daquele homem de bem
 Esta horda de bandidos
 Fanáticos e traiçoeiros,
 Afinal foram batidos
 Pelos soldados brasileiros.⁸

A poesia de Cunegundes descreve os conselheiristas de forma depreciativa e representa um apoio aos republicanos e ao Exército brasileiro. De forma semelhante procedem os poetas Melchíades, Minelvino Francisco Silva e Rodolfo Coelho Cavalcante em seus folhetos. Além desses poetas, é importante citar Jota Sara, pseudônimo de José Soares Ferreira Aras (1893-1979), natural do antigo Cumbe, hoje Euclides da Cunha. José Aras foi

⁸ João de Souza Cunegundes, 1897.

um grande sabedor e pesquisador da vida sertaneja, e crítico de sua realidade. Filho do sertão do Conselheiro, reuniu e recolheu notícias e narrativas sobre a guerra. Diferente dos outros cordelistas citados, Aras foi um autor “conselheirista”. Por conta disso, trouxe em seu folheto intitulado *Guerra no sertão de Canudos* um ponto de vista que contraria as narrativas dos cordéis de Melchíades e Cunegundes. No seu folheto, o narrador revela seu desprezo ao comandante Moreira César:

Moreira César foi ao céu
Com Tamarindo ao seu lado
São Pedro falou assim:
O quê, cara de malvado
Tamarindo entristeceu
São Pedro assim respondeu:
Espere mais um bocado.

E disse a Moreira César
Pra seu ódio não há perdão
Foste orgulhoso no mundo
Não terá a salvação
Volte lá para a terra
Vá cuidar de sua guerra
No reino da escuridão⁹

José Aras sempre procurou denunciar, em sua poesia, os desmandos políticos. Também utiliza o cordel para chamar atenção para as injustiças sociais que eram cometidas no sertão. O poeta utilizou a crônica cordeliana para mencionar detalhes da guerra e de seus participantes. Por isso, suas narrativas possuem como tema central a justiça. Aras expõe em seus folhetos as informações sobre a sua cidade, tornando a abordagem histórica mais dinâmica. Assim como Aras, o cordelista Geraldo Amancio com o folheto *História de Antônio Conselheiro* (2010), traz um discurso ficcional de visão conselheirista. Esses poetas, diferentemente de Melchíades e Cunegundes, fazem uma leitura ressignificada da historiografia da guerra, mostrando assim as injustiças sociais que foram cometidas no conflito.

Nem todos os cordéis representam o Conselheiro e a guerra da mesma forma. Estabelece-se uma dicotomia entre duas linhagens de folhetos, os que se colocam contra e os que se colocam a favor do beato sertanejo. Os mais antigos, primeiros a registrar a guerra, costumam criticar e condenar o Conselheiro. Os mais recentes assumem o lugar

⁹ ARAS, José. **Meu Folclore**. (Folheto em cordel) Feira de Santana, 1956.

conselheirista, expressando uma voz que defende e qualifica o beato, em contraposição aos folhetos antigos.

Como se observa, a literatura de cordel teve e tem uma participação significativa no registro da guerra do Belo Monte. Contudo, as posições díspares que se observam entre os vários folhetos levam o leitor a refletir sobre o contexto social do período do conflito, bem como a presença do cordel no registro do imaginário popular sobre a guerra.

3 A REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NA LITERATURA DE CORDEL

3.1 A trajetória de Rodolfo Coelho Cavalcante

Rodolfo Coelho Cavalcante (1919-1987) destacou-se enquanto cordelista e poeta da geração nova, sendo um dos maiores autores das produções do cordel de 1955 até 1986. Esse escritor inspirou-se na obra de João Martins de Athayde para compor seus folhetos. Certa vez, adquiriu na Paraíba um lote de folhetos de Athayde, iniciando nessa feira a sua trajetória de vendedor de cordel. Considerado um intelectual da poesia popular, Cavalcante era natural de Rio Largo, Alagoas, filho de Arthur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante. Foi criado pelos avós maternos até os 8 anos, e depois retornou à casa dos pais. Sobre isso Teodoro (1983) complementa:

Poucos dias depois de nascido Rodolfo, sua avó materna Belinha apareceu na casa branca dos operários e deparou com um quadro terrível. O bebê, cuidado apenas por sua irmã mais velha, Dalila, de apenas cinco anos, dava dó: magro, cheio de feridas, com fome, chorando num caixãozinho de gasolina ou de sabão, enrolado em trapos cheirando a urina. Morreria ali, pensou Dona Belinha, penalizada (TEODORO, 1983, p. 17).

Dona Belinha alfabetizou Cavalcante e o avô, o velho Coelho, ensinou versos para o menino que se tornaria um vesejador. Os avós contribuíram muito para que ele se tornasse um cordelista renomado, já que todos eram envolvidos com a cultura popular. Assim, o avô do alagoano Velho Coelho era muito comunicativo, apreciava a prosa e recitava alguns versos para o neto, sobre o avô, Teodoro (1983, p. 20) afirma: “Coelho foi o verdadeiro “encaminhador” da vocação de nosso herói em sua carreira de trovador”. Essa influência externa contribuiu para que Rodolfo se interessasse desde cedo pela poesia. Como todo nordestino de sua geração e das que se seguiram e antecederam, gostava dos folhetos de Cordel de feira de João Martins de Athayde e de Leandro Gomes de Barros.

Nesse sentido, os problemas financeiros e familiares, gerados pelo alcoolismo do pai, levaram-no a trabalhar ainda adolescente, para ajudar no sustento familiar. Dentre as atividades exercidas para ganhar dinheiro, ele atuou como camelô, palhaço de circo, vendedor etc., profissões que exigiam dele uma boa comunicação e maior interação com as pessoas. Desse modo, enquanto bom vesejador apreciava a cultura popular, participando de eventos

pastoris, cheganças e reisados. A respeito da trajetória de Cavalcante o especialista Luciano Ferreira de Souza (2017) afirma:

Aprendeu as primeiras letras com sua avó materna, antes de passar pelos estudos formais na Catedral de Alagoas e numa escola pública de sua terra natal. Estudou durante pouco tempo, já que ainda na infância teve que encarar o trabalho na venda de frutas, caldo de cana e bugigangas. Com o pai alcoólatra, o menino Rodolfo teve de trabalhar para ajudar a mãe. Foi vendedor de bilhetes de loterias e propagandista das Lojas Paulista em Maceió, emprego que teve de abandonar por ser menor de idade. Com o dinheiro do precário ofício, comprou uma casa para a mãe aos treze anos. Teve sua idade alterada para poder trabalhar numa companhia de telégrafos (SOUZA, 2017, p. 60).

Antes de começar sua carreira como cordelista, Cavalcante passou por experiências, as quais o levaram a ser um escritor renomado. Pode se dizer que esse escritor encontrou na poesia de cordel um meio de sustento e uma saída para seus problemas. Para tal, escreveu o seu primeiro cordel quando estava de passagem por Fortaleza, contando a tragédia de um afogamento na praia de Iracema. O cordel fez sucesso e em poucos dias vendeu cerca de três mil exemplares.

Ao se estabelecer na capital, Teresina, em 1942, Cavalcante começou a publicar. Criou o folheto, *Os clamores dos incêndios em Teresina*, um sucesso de vendas, escrevendo mais outros 34 folhetos. Entusiasmado, instalou um ponto para venda de folhetos e miudezas. Essa citação de Teodoro (1983, p.78) ilustra esse episódio: “A tragédia da Praia de Iracema. Os jornais abriram manchetes. Rodolfo, inspirado, escreveu imediatamente um folheto, e tratou de mandar imprimi-lo. Fê-lo em quatro páginas, como se fosse um jornal, sem capa”.

Na Bahia, Cavalcante instalou-se em Salvador-Ba em 1945. Costumava ficar na praça Visconde de Cairu, onde comercializava seus folhetos. Segundo Luciano Ferreira de Souza (2017, p. 61) foi sua participação no III Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em Salvador em 1950, que o inspirou a realizar em 1955, o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros na Bahia. Na Bahia atuou também como jornalista e fundou alguns periódicos, como *A Voz do Trovador*, *O Trovador* e *Brasil Poético*. Para tal, sua produção de cordel foi intensa e os temas mais recorrentes dessa literatura são os abecês, biografias, cantorias, relatos do cotidiano e acontecimentos políticos, temáticas recorrentes entre os poetas e pesquisadores da literatura de cordel. Sobre a atuação desse artista em congressos Luciano Ferreira de Souza (2017) confirma:

O Congresso culminou com a criação da Associação Nacional de Trovadores e Violeiros (ANTV), instituição que não durou muito tempo. Para tornar possível a realização do evento, Rodolfo teria buscado apoio de intelectuais, alguns deles ligados ao comunismo, o que não foi muito bem visto por vários artistas do cordel. Alguns acreditavam que Rodolfo desejava tirar proveito político e pessoal do evento; outros imaginavam que o trovador teria ganhado muito dinheiro com o Congresso. Tudo isso fez com que Cavalcante abandonasse a instituição, que não prosperou sem ele (SOUZA, 2017, p. 62).

Esse poeta ficou conhecido como defensor e líder da classe de poetas cordelistas. E chegou a enfrentar autoridades para poder comercializar os folhetos que por vezes eram proibidos de ser vendidos. Acerca disso Teodoro Wanke (1983, p. 140) elucida, “quando Rodolfo chegou a Salvador, em 1945, a profissão de folheteiro não era bem vista pelas autoridades... a leitura em voz alta dos folhetos era proibida, o que, evidentemente, prejudicava a venda”. Mesmo diante desse contexto, ele foi a favor da classe de poetas de bancada, publicando artigos em jornal, tratando e correspondendo com autoridades governamentais, organizando congressos ou fundando associações e agremiações a favor da literatura popular. Nesse sentido, a importância de Cavalcante para a literatura de cordel pode ser relacionada à de dois outros grandes nomes dessa literatura já citados: Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde. De fato, Cavalcante destaca-se por haver lutado pelo espaço dos cordelistas, sendo a favor da classe dos poetas de bancada.

Rodolfo Coelho Cavalcante frequentou a escola durante um curto período, seu currículo escolar foi, oito anos de alfabetização na Escola de ABC de Dona Belinha, um ano e meio na escola Pública de Dona Lídia, em Maceió e mais um ano e meio na Escola Gustavo Paiva, com o professor Ferreira, na qual estudou até cosmografia, porém foi um autodidata. Ele lia com regularidade, o que certamente contribuiu para que tivesse uma coluna no *Diário da Bahia* com a finalidade de divulgar o Congresso de Trovadores e Violeiros, realizado em 1955. Ele também criou seus próprios jornais, nos quais, assim como na referida coluna diária, demonstrava uma fluência na escrita, digna de alguém com instrução formal e elevada, bem como, um conhecimento considerável da Língua Portuguesa.

Tudo na Terra tem fim é um dos folhetos mais famosos de Cavalcante, no qual descreve alguns nomes que marcaram a história da humanidade. Muito mais do que uma mera descrição aleatória de celebridades, o poema apresenta nomes agrupados de acordo com a

corrente ideológica ou segmento político ou religioso a que estão relacionados. A poesia induz a uma reflexão, ao evidenciar que a vida é passageira e a morte é o destino de todos. Além desse cordel, o poeta também escreveu o cordel *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras* (1984), o qual ilustra a importância literária do cordel. Como mostra o trecho abaixo:

Cordel quer dizer barbante
 Ou senão mesmo cordão,
 Mas cordel-literatura
 É a real expressão
 Como fonte de cultura
 ou melhor: poesia pura
 Dos poetas do sertão.

O narrador exalta a literatura de cordel, bem como evidencia que essa ficção é presente no sertão, fazendo parte da cultura nordestina, como meio de expressão, sendo uma manifestação autêntica e verdadeira. Para tal, a colocação “poesia pura” revela que o folheto possui uma ligação entre o seu lugar de origem e a sua forma material.

Rodolfo Coelho Cavalcante estava em plena atividade quando morreu atropelado no dia 7 de outubro de 1986. A respeito desse poeta, Edilene Matos elucida: “Torna-se importante esclarecer que Rodolfo Cavalcante faz questão de dar veracidade ao que conta, já que ele incorpora ao seu imaginário a realidade que o cerca até a não delimitação do que é real concreto e o que não é.” (Matos, 1986, p. 67). Assim, o poeta busca reconstruir criticamente as experiências pelas quais passa em sua realidade cotidiana.

3.2 Antônio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos (1977)

*O poeta conta a história, mas não de maneira simpatizante ao Conselheiro.*¹⁰

De forma geral, são vários os folhetos que versam a respeito das batalhas de Canudos. Acerca dos cordéis formados com a temática do conflito, José Calasans (1984) complementa:

¹⁰ Comentário de Curran sobre Rodolfo Coelho Cavalcante encontrado na seguinte referência: Curran, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[...]Dispomos de elementos que apontam a existência de uma apreciável literatura de cordel em torno da temática Canudos, sobretudo nestes últimos dez anos. Muitos nordestinos vêm enfocando nos seus folhetos a história dramática do Belo Monte como Maxado Nordestino (Profecias de Antonio Conselheiro), Minelvino Francisco Silva (Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos), Apolônio Alves dos Santos (Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos), Rodolfo Coelho Cavalcante (Antonio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos), R. Santa Helena (Guerra de Canudos), José Saldanha Menezes (O apóstolo dos sertões), José de Oliveira Falcon (Canudos, guerra santa no sertão), Sebastião Nunes Batista (Canudos revisitada) [...] (CALASANS, 1984, p. 07).

O folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante, como muitos folhetos desse poeta especialista, possui oito páginas e vinte e oito estrofes, cada uma com sete versos ou septilha. Na capa observa-se a xilogravura que representa e ilustra a imagem de Conselheiro (cf. capítulo anterior) indicando seus costumes e suas vestes. Segundo Moniz (1984, p. 49) “era uma túnica azul, assim ele aparecia diante dos fiéis, pregando durante uma hora ou mais”. Nas mãos mantinha um cajado, assemelhando-se a um pastor de ovelhas. Entretanto, o que chama atenção no cordel são as suas representações. De maneira peculiar e ritmada, Cavalcante expõe o Conselheiro e seus seguidores como fanáticos. Assim, a princípio, o cordelista descreve os feitos e a chegada do Conselheiro na Bahia da seguinte forma:

Fim do século dezoito
 Na Bahia apareceu
 Um pregador cearense
 Que dizia:- Quem sou eu?
 Sou emissário Divino
 Salvador do Nordeste
 Que ouve o conselho meu
 (CAVALCANTE, 1977, p. 01).

Nessa parte do início do folheto, o narrador canta que o beato se apresentava como um messias enviado por Deus, bem como prometia salvação para quem ouvisse os conselhos proferidos por ele. Dessa maneira, essa estrofe mostra a forte relação do peregrino com a religiosidade popular sertaneja. Essa religiosidade por muito tempo foi interpretada como loucura, assim confirma a citação de Aquino Wanderlei (2011):

Também durante muito tempo Antônio Conselheiro foi considerado pelo pensamento letrado – leigo e eclesiástico – um fanático recalcitrante. Opinião que se consolida no início do século XX e permeia com variados matizes a maior parte dos estudos sobre o tema – inclusive os trabalhos de

orientação marxista. Esta visão repousa, quando não deliberadamente produzida com a finalidade de combater o conselheirismo, numa absoluta incompreensão acerca do caráter de devoção e penitência das tradições do catolicismo sertanejo. Ao analisar os escritos de Antônio Conselheiro é possível perceber com clareza o quanto esta interpretação, a despeito de sua insistência e por sua imprecisão, embaraça o reconhecimento do significado social e religioso do conselheirismo (WANDERLEI, 2011, p. 05).

O clero não aprovava a devoção dos sertanejos que viviam no Belo Monte. O catolicismo comunitário vivido por eles foi interpretado como heresia e barbárie. O cordel atualiza essa intolerância em seu discurso, numa visão crítica conservadora, assente com o pensamento da classe senhorial. Contudo, os escritos atribuídos a Antônio Conselheiro, hoje conhecidos graças aos estudos de Ataliba Nogueira (1978), desautorizam essa representação negativa por ser tendenciosa e equivocada. Conforme a citação acima, encontra-se em estudos contemporâneos o significado social e religioso do beato que não fora bem compreendido pelas gerações mais antigas, senão pelas leituras dos jornais da época e pela visão de Euclides da Cunha e outros escritores que beberam em suas fontes.

Quando se trata da religiosidade presente no cordel é importante ressaltar que, segundo Adriano Carvalho Viana (2012), “Antônio Conselheiro como o Padre Cícero são figuras muito conhecidas e de presença marcante na sociedade, tornam-se ícones que são aclamados pela fé popular e por sua ousadia em defender o povo oprimido”. O povo sertanejo atribui o epíteto de “santo” a estes personagens, como força de expressão, uma forma de reconhecer e tornar sublime a sua bondade. Nesse sentido, para Meira Souza (1998, p. 18) dentre os personagens que são consideradas como santos, destacam-se os Papas, o Frei Bernardo da Bahia, o Padre Cícero, o Frei Damião e, talvez o mais marcante, Antônio Conselheiro. Dessa forma, tanto o Padre Cícero como Antônio Conselheiro foram líderes que deixaram suas marcas na história e na cultura popular, sendo reconhecidos por suas ações em favor dos seus fiéis. Tornaram-se próximos do povo devido ao seu carisma, à sua ousadia e ao seu espírito de luta em defesa do povo humilde do sertão nordestino. Assim, o “santo” Conselheiro é uma titulação que se origina na fé popular, considerando-se a representação do imaginário sertanejo, bem como seu exemplo de liderança religiosa e social.

O poeta trovador Cavalcante na quinta estrofe adjectiva os sertanejos de fanáticos, mas ao mesmo tempo descreve a comunidade como cooperativista:

Pelo cooperativismo
Os fanáticos viviam,

Trabalhavam sem salários,
 O que ganhavam comiam,
 Se conseguissem dinheiro
 Entregavam ao Conselheiro
 Assim nada possuíam
 (CAVALCANTE, 1977, p. 04).

Dessa forma, a narrativa do folheto afirma que os sertanejos viviam em regime de cooperativismo e de comunidade, produzindo seu próprio sustento.

Os camponeses de Belo Monte trabalhavam e produziam para a própria subsistência, organizados em regime de parceria e partilha. Compreende-se que eles não buscavam acumular riqueza, mas apenas se mantinham e viviam uma vida em devoção cristã, seguindo os ensinamentos do beato, nos moldes do catolicismo tradicional. Desse modo, criavam gado, sobretudo caprinos, vendiam couro, produziam farinha e rapadura, plantavam frutas e legumes. Todos contribuía e usufruíam do que era criado, ou plantado e colhido, em verdadeira vida simples e comunitária.

O beato contribuiu para que a comunidade do Belo Monte tivesse comportamentos e ações altruístas. Assim educado, o seu povo aceitava viver experiências ligadas ao benefício mútuo, sem se criarem relações de exploração. Belo Monte desenvolveu a capacidade de produzir e garantir o próprio desenvolvimento econômico, transformando-se num fato de crescimento comercial para as cidades vizinhas. Nesse sentido, foi uma organização que obtinha êxito, fora do domínio coronelista.

Belo Monte desafiava, assim, o poder do coronelismo no sertão. O domínio social dos coronéis se mantinha com a posse dos latifúndios, a influência política e seus benefícios econômicos, advindos da exploração da terra e do trabalho braçal dos sertanejos pobres. Esta estrutura fundiária se manteve forte até o final da Primeira República, com a chamada Revolução de 30. No entanto, seus resquícios perduram na política brasileira até os anos atuais. De acordo as concepções de Robert M. Levine (1995, p. 146):

O poder coronelista alcançou o auge durante a Primeira República, quando funcionários do governo estadual franqueavam liberdades ilimitadas para sua clientela de coronéis em troca de votos fraudulentamente conseguidos nas urnas eleitorais. Normalmente os coronéis controlavam a eleição dos juízes locais. Essa influência, juntamente com o poder de nomear o chefe de polícia local, significava que os crimes cometidos pela facção no poder não iriam ser punidos [...] (LEVINE, 1995, p. 146).

Dessa maneira, o coronel exercia um poder grande sobre a região que dominava, bem como abusava desse poder para controlar outros cargos públicos, e se beneficiava com isso. Caso cometessem um crime, os juízes locais, nomeados pelos próprios coronéis, abstinham-se de aplicar qualquer punição contra eles. A partir daí percebe-se que se trata de um sistema injusto, déspota e corrupto, que marcou o Nordeste durante mais de um século. Diante desse sistema político baseado no coronelismo e no latifúndio, as ideias comunitárias do Conselheiro eram vistas como uma afronta aos poderosos. Para Levine, Antônio Conselheiro representava a resistência ao sistema.

No cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante, percebe-se que na quarta estrofe o narrador é o próprio beato. Assim, afirma fazer diversas benfeitorias para o povo, no que concerne a construções e outros serviços que seriam incumbência do clero e do governo. Porém, ele afirma fazer essas ações sociais sem impor qualquer ônus ao povo:

– Caso e batizo de graça
 Não pago imposto também
 Porque a terra é de Deus
 Não pertencendo a ninguém...
 Construirei a cidade
 Que se chama na verdade:
 A “Santa Jerusalém”
 (CAVALCANTE, 1977, p. 01).

Os versos confirmam que o Conselheiro foi um homem construtor, tendo edificado igrejas e cemitérios, além de serviços de reparos e reformas de bens públicos, nas cidades e povoados por onde peregrinava com seus seguidores, antes de fundar o Belo Monte. Segundo o professor Calasans:

Tendo feito, no início da sua vida de peregrino, uma promessa de levantar igrejas nos sertões nordestinos, plenamente convencido de que a tarefa era útil e agradável aos divinos olhos do Bom Deus, Antônio Vicente Mendes Maciel procurou realizar uma das finalidades de sua existência. Não se limitou, como declarara biblicamente, a “apanhar pedras pelas estradas”. Empregou todos os meios ao seu alcance, a fim de atingir ao objetivo colimado, influenciando pessoas para obter os recursos materiais, movimentando gente para os trabalhos das construções. Fez-se, assim, inquestionavelmente, o maior edificador de igrejas dos sertões da Bahia, naquela zona compreendida entre os rios São Francisco, Vaza-Barris e Itapicuru, por onde peregrinou durante quase um quartel de século, de 1874 a 1897 (CALASANS, 1973, s/p).

Com sua liderança influente e como peregrino, o beato mobilizava as pessoas que o seguiam para que ajudassem na construção das benfeitorias e recuperação dos monumentos. Ainda hoje, encontram-se obras construídas pelo Conselheiro que foram restauradas, como a igreja de Crisópolis na Bahia. Assim, é considerado pelo pesquisador Calasans o maior construtor de igrejas dos sertões baianos. Da mesma forma, Euclides da Cunha (1902) citado por Calasans, declara que em quase todas as suas passagens o Conselheiro deixava, “um cemitério arruinado de muros reconstituídos; além, uma igreja renovada; adiante, uma capela que se erguia, elegante sempre”.

Já o narrador do folheto de Cavalcante, nos versos da sétima estrofe, aponta o Conselheiro como “anarquista”:

Era caso de polícia,
O modo do Conselheiro,
Pois já virava anarquia
Contra o país brasileiro
Foi o governo ciente
Do pregador insolente
Contra um povo tão ordeiro
(CAVALCANTE, 1977, p. 04).

Acusado de ser monarquista e de combater a República, o beato torna-se alvo de perseguição pelos poderosos e pelo governo republicano. No folheto em questão, a expressão “caso de polícia”, utilizada no dialeto popular, insinua que as autoridades deveriam agir contra o beato, que já era considerado uma ameaça à ordem. Moniz (1984, p. 41) esclarece que “Antônio Conselheiro fora sempre perseguido pelas autoridades monárquicas e republicanas”. O peregrino também foi acusado de ter assassinado a esposa, e essas acusações chegaram ao conhecimento popular, que disseminaram ainda mais a pretensa imagem de um homem criminoso.

Dessa maneira, o cordelista prossegue a descrever o beato e declara que foi protagonista de um crime. Assim, afirma:

Era Antônio Conselheiro
Cearense foragido
Que tinha sido mascate,
Coletor reconhecido,
Devido um crime de morte
Mudou ele até de porte
Para não ser conhecido

(CAVALCANTE, 1977, p. 03).

Conforme a estrofe acima corriam boatos de que o Conselheiro agira contra a vida da mãe e da esposa. À época, um processo criminal movido na cidade de Quixeramobim já o inocentara das acusações, provadas falsas em juízo. Entretanto, muitos escritores sustentaram-se nisso, como peripécia de bom efeito narrativo. Assim apresentavam o beato como criminoso e um “fora da lei”. As afirmações falsas, sendo repetidas, incorporaram-se às lendas construídas pelo imaginário popular. Para tanto, segundo Ana Paula Martins Corrêa Bovo (2007, p. 36):

Sempre pesou sobre Antônio Vicente Mendes Maciel a acusação de ter matado a esposa e a mãe. Isso foi, inclusive, o que utilizaram para o prender em 1876. Ele foi inocentado, já que a mãe falecera quando Antônio tinha apenas seis anos e a esposa fora encontrada viva em Sobral. Mas a história continuava a ser contada pelos sertões, como uma espécie de lenda que poderia justificar a vida dura a que tinha se submetido aquele homem. Afora essa, pairava sobre ele uma outra grave acusação: a de acolher no seu grupo criminosos confessos, facínoras perigosos (BOVO, 2007, p. 36).

Na verdade Antônio Conselheiro sempre demonstrou abominar a violência. Assim, Moniz (1984, p. 46) reforça que, em Belo Monte, em caso de crime de morte, “o Conselheiro expulsava o assassino da cidade ou entregava-o às autoridades da comarca de Monte Santo para ser julgado de acordo com a lei”. Prontamente, percebe-se que ele não tolerava a impunidade e não se considerava com direito de fazer justiça, preferindo entregar o infrator ao julgamento correto. De fato, durante os combates contra o Exército, o beato proibia terminantemente que se tocasse no dinheiro de um soldado morto ou ferido, coibindo assim qualquer atitude criminosas por parte dos moradores do arraial.

Ademais, Calvacante descreve o momento da guerra de forma diferente de outros folhetos. O seu folheto não narra de maneira fidedigna o desenrolar das quatro expedições com detalhes. Contudo, esse poeta enfatiza a participação do governador da Bahia, o Doutor Luis Viana no conflito:

O doutor Luis Viana
Governador da Bahia
Relatou ao presidente
Tudo quanto ele sabia,
Fanáticos municidados
Assassinavam soldados

A qualquer hora do dia
(CAVALCANTE, 1977, p. 04).

Os versos reafirmam a presença da autoridade no momento do conflito e a historiografia confirma essa participação. Desse modo, a respeito da atuação do Governador, o estudioso Moniz (1984) escreve que Luiz Viana cedeu às pressões, mas em 14 de dezembro de 1896 escreveu numa carta confidencial que enviou a Manuel Vitorino, então presidente da República em exercício, nestes termos:

Estou convencido de que a projetada expedição era inteiramente desnecessária e talvez mais perigosa à ordem pública e ao bem da zona do que o próprio Antônio Conselheiro... A força que combateu em Uauá, ao partir daí, saqueou todo o povoado, havendo soldados que chegaram a Juazeiro com um e mais contos de réis, e não contentes com isso incendiaram a cidade (MONIZ, 1984, p. 65-66).

Enquanto autoridade, o governador considerava Conselheiro um agitador do povo, causador de distúrbios a serem reprimidos pela ação policial regular, e não de modo ostensivo através de forças militares. Tanto que em sua carta critica os atos criminosos da força militar que combatera os conselheiristas em Uauá, alegando que os soldados haviam saqueado e incendiado todo o povoado, antes de partirem para Juazeiro.

No cordel em apreço, destaca-se também a estrofe abaixo, na qual o narrador atribui características ao beato e compara-o com um personagem bíblico. Essa comparação comprova que o poeta tinha afinidade com as narrativas bíblicas, o que lhe permite fazer uma incursão intertextual no seu cordel, nestes termos:

Vestia ele uma túnica
Grosseira de azulão,
De cabeça descoberta
Apoiando um bastão,
Barbas brancas e crescidas
Seus cabelos, parecidos
Semelhantes de Sansão
(CAVALCANTE, 1977, p. 02).

O poeta compara Conselheiro ao personagem bíblico Sansão, bem como o descreve fisicamente, como o fazem Euclides da Cunha e Varga Llosa. Essa descrição faz o leitor remeter-se à imagem apresentada pela xilogravura da capa. Luciano Ferreira de Souza (2017, p. 70) reafirma a relação do cordel de Cavalcante com a temática religiosa. O ensaísta também

revela que não é somente o conhecimento do catolicismo popular que norteia grande parte dos folhetos de seu cordel, mas é o contato mais profundo com o texto bíblico, daí seu gosto pelo diálogo intertextual.

Além da religiosidade, o leitor encontra os vocábulos “fanáticos” e “fanatismo”, que aparecem tanto na literatura popular como na canônica. No folheto de Cavalcante, essas palavras são atribuídas ao Conselheiro e seus seguidores de forma recorrente em várias estrofes, a exemplo dos versos abaixo:

O estranho missionário
 Na sua Santa Missão
 Espalhava o fanatismo
 Prometendo salvação
 Pai de família empregado
 Por ele catequizado
 Se juntava a multidão.
 (CAVALCANTE, 1977, p. 03).

Considerado “estranho” por não ser um padre renomado, o beato foi acusado de espalhar fanatismo e loucura. A imprensa teve participação significativa na difusão de uma imagem negativa do Conselheiro como homem fanático e perigoso. E essa representação perdurou tanto que chegou a ser influente no cordel de Cavalcante, cerca de oitenta e quatro anos depois.

O trecho a seguir do *Diário de Notícias*, de 31 de maio de 1893, que foi citado por Novais (2011), comprova a difamação sofrida pelo Conselheiro.

O célebre fanático, conhecido, entre as turbas que o acompanham, por Conselheiro, tem levantado uma cruzada contra o pagamento de impostos, inculcando no ânimo dos seus ouvintes as mais subversivas teorias. (...) urge que o governo empregue toda a energia, a fim de evitarem-se cenas de maior gravidade. O Conselheiro é um indivíduo perigoso, é um elemento de desordem, desde o tempo do império; dispõe de grande prestígio entre as populações, às quais ilude com práticas religiosas (*Diário de Notícias*, 31 maio 1893, s/p).

O trecho mostra como a imprensa da época cultivava uma visão deturpada do peregrino. Por conta desses discursos os habitantes das capitais, leitores do jornal, passaram a considerar o Conselheiro como um homem perigoso e intolerante. Através dessa imprensa, a opinião pública era levada a condenar o Conselheiro e o arraial de Belo Monte, apoiando uma intervenção militar para restabelecer o total domínio dos coronéis.

O próprio poeta Cavalcante se autodenominava um poeta repórter (CURRAN, 1997). Assim, essa representação feita por Rodolfo Coelho Cavalcante em seu cordel, certamente sofreu influência da memória elaborada pela imprensa da época. Gilmário Moreira Brito (2013) enfatiza a forte relação desse escritor com o jornal:

Assim, observamos que Rodolfo está interessando em reunir duas mídias impressas os folhetos de cordel e os jornais periódicos de grande importância para informar, noticiar e sondar o público já que se destinam a grupos sociais cujas capacidade de consumo, habilidades de leitura e recepção são bastante diferenciadas. Ao buscar ampliar o público leitor de seus folhetos tornar-se referência organizativa para sua categoria profissional e ganha visibilidade política como articulador de suportes de leituras, relações sociais e veiculação de concepções políticas que atingem diferentes grupos situados em distintos tempos e territórios da Bahia (BRITO, 2013, p. 05).

De fato, o cordelista alagoano parece informado pelos discursos jornalísticos da época. Atento às questões políticas para construir seus folhetos, com o objetivo de agradar ao público, ele fazia uma espécie de crônica em forma de cordel. As experiências rotineiras e os acontecimentos políticos que estavam no auge eram o seu alvo. O poeta Luciano Ferreira (2017, p. 185) complementa que “[...] Cuíca, Rodolfo e Minelvino foram poetas de bancada, que encontraram na poesia sua principal fonte de subsistência. O caráter jornalístico é também um ponto convergente na produção desses vates”.

O poeta Cavalcante elogia a República e o Exército, procedimento corrente em outras obras da época, como se observa na seguinte estrofe:

Coronel Moreira Cesar
 Heroicamente lutou
 Noutro combate cerrado
 Porém alguém o alvejou...
 Ferido disse sorrindo:
 – Tome conta Tomarindo
 Que minha hora chegou
 (CAVALCANTE, 1977, p. 07).

Semelhante ao cordelista Cunegundes, Cavalcante glorifica a atuação de Moreira Cesar, considerando-o uma vítima do confronto. José Calasans (1984, p. 02) afirma que “a figura mais alevantada nas quadras de Cunegundes é o coronel de infantaria Antônio Moreira César, que perdera a vida combatendo os jagunços”. Da mesma forma, Cavalcante elogia o capitão e critica veementemente o Conselheiro.

Calasans (1984, p. 02) em sua análise, afirma que “a obra de Cunegundes servia bem aos interesses políticos da situação dominante. Era o julgamento de um poeta da Capital Federal, inteiramente dominado pelo noticiário da imprensa.” Da mesma maneira, a obra de Cavalcante foi direta e indiretamente influenciada pela memória construída pela imprensa e ainda dialogava com os primeiros cordéis feitos sobre a guerra, todos informados pela ideologia da época.

Por fim, nos últimos versos o poeta Cavalcante insere as letras iniciais do seu nome, forma de assinar o seu folheto e garantir a sua autoria. Nessa estrofe final, o narrador clama para que não surja outro líder sertanejo como Antônio Conselheiro:

Para concluir, leitores,
Foi Antônio Conselheiro
Um Bravo, um herói, fanático,
Um cidadão brasileiro
Que seria premiado
Se ele lutasse ao lado
De um ideal verdadeiro.

R-uiu todo misticismo
O-nde a falsa pregação
D-issipou milhares vidas
O-bscurecendo o sertão
L-ivre Deus pai verdadeiro,
F- indo Antonio Conselheiro
O-utro não apareça, não.
(CAVALCANTE, 1977, p. 08).

Assim, o poeta encerra seu folheto com um acróstico. Esse arranjo era costumeiro na prática dos cordelistas, que usavam as septilhas com um esquema rimático comum de ABCBDB. A respeito disso, Eno Teodoro Wanke (1983) propõe que:

Outra hipótese da preferência de Rodolfo pela septilha poderá, talvez, ter origem na tradição ou no costume dos cordelistas em terminar seus folhetos com a última estrofe formando o acróstico do nome do autor, à guisa de assinatura. A palavra “Rodolfo”, acróstico de muitos dos seus folhetos, tem sete letras... (WANKE, 1983, p. 111).

Em “Livre Deus pai verdadeiro”, observa-se o uso do humor, sarcasmo e ironia, onde o trovador deixa subtendido que o Deus aclamado pelo Conselheiro e seu povo seria um Deus falso, assim como pensava o clero da época. Portanto, o poeta clama ao poder divino para que esse impeça o surgimento de outro Conselheiro nas terras do Sertão.

Nesse sentido, o final da guerra é descrito da seguinte forma pelo poeta:

Dia cinco de outubro
Do ano mil e oitocentos
Noventa e Sete Canudos
Entre mares de tormentos
O sangue ensopando a terra
Terminou a triste guerra
Que só causou sofrimentos.

Conselheiro estava morto
Por sofrer tanto revés
Porém morreu como líder
Nos momentos mais cruéis,
Foi ele um santo guerreiro
Que teve o fim derradeiro
Morrendo pelos fiéis
(CAVALCANTE, 1977).

O fim do peregrino é expresso pelo poeta que parece não lamentar a morte do líder sertanejo. Porém, ele afirma que a morte se deu em prol dos seus fiéis. Villa (1995, p. 29) confirma que Conselheiro era um homem envolvido com a comunidade e com os sertanejos, ele reforça que “Antônio Conselheiro dava um sentido à vida dos sertanejos, demonstrando no dia a dia os limites do poder autocrático do Estado, da igreja e dos latifundiários e, mais ainda, a possibilidade de superação desta ordem social”.

O cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante representa de maneira hiperbólica o Conselheiro como messianista e os demais seguidores como alienados por seu líder. A respeito dessa linguagem hiperbólica do folheto, Meira de Souza (1998, p. 38) reafirma que “uma das características da literatura de cordel é hiperbolizar os acontecimentos, e isto se explica por se constituir o sensacionalismo de um título de folheto de feira numa chama fácil para a venda dos mesmos”. Nesse sentido, além da linguagem composta por hipérbolos a ficção do poeta compõe-se de septilhas, com rimas, as quais são ortograficamente bem construídas. O folheto se compõe de oito páginas, todas demonizando, acusando, culpando e considerando o Conselheiro como responsável pelo massacre dos sertanejos.

É importante pontuar que o país mantinha essa postura conservadora em um contexto ditatorial. Por conta disso não se produziam folhetos revolucionárias que confrontassem a opinião midiática e a postura retrógrada do governo. Acerca disso Dreifuss (2017) ao ser citado por Daniel Alves dos Santos (2017) sugere:

É importante que se considere o contexto em que esse poeta escreveu seus livros, para que se possa compreender sua forma/escrita. Quando Rodolfo relata sobre o perigo da paixão por uma corrente política, ele deixa pistas de repressão sofrida por alguns poetas, pois ao afirmar sobre a obrigatoriedade de mudança de lugar por parte de alguns poetas e seus motivos, afirma existir censura e violência contra esse cordelistas. Dessa forma, destaca-se que o contexto do auge da produção poética de Rodolfo Coelho Cavalcante (entre as décadas de 1950 e 1980) foi também um período marcado por instabilidade política que antecedeu um período ditatorial, comandado pelos militares com apoio de setores da sociedade civil com seu ponto de culminância em 1964, na deposição do Presidente João Goulart (DREIFUSS, 2018, p. 8 *apud* SANTOS, 2017, s/p.).

O contexto subjetivo e objetivo da realidade de Cavalcante estão presentes em sua poesia. Mesmo afirmando seu desinteresse pela política, sua poética demarca um posicionamento político, bem como se observa que ele possuía um caráter conservador e tentou através da linguagem moralizar a poesia.

A literatura de cordel de Cavalcante sofreu influência do discurso dominante, mesmo sendo ele um autor popular, engajado com a liberdade dos poetas, e oriundo de família humilde. Assim, acabava por reproduzir o discurso oficial, que sempre considerou o Conselheiro uma ameaça ao governo. De acordo a Daniel Alves dos Santos (2017, p.13-14) por mais que esse poeta fosse um legítimo representante das classes populares, isso não significa que sua produção não sofresse influência das manifestações da classe dominante. Para tanto, o poeta aceitava a ordem vigente e discursos conservadores no intuito de se manter como representante da classe dos poetas e, assim, conseguir organizar seus pares em torno de seus interesses.

Além do cordel *Antônio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos* (1977) de acordo Meira de Souza (p. 47) Rodolfo Coelho Cavalcante produziu outro folheto intitulado de *O papa do Diabo inaugura a sucursal do inferno em Sergipe* (1981), no qual ele cita o Conselheiro de forma depreciativa e negativa:

Se o governo não tomar
Uma providência urgente,
Contra esses fanatismos
Iremos ter, realmente,
Novo “Antônio Conselheiro”
E o Nordeste Brasileiro
Irá sofrer, certamente”
(CAVALCANTE, 1977, p. 04-05).

A palavra fanatismo era associada ao Conselheiro e suas práticas, até mesmo em outros folhetos do poeta Cavalcante. Há um episódio no qual o poeta cordelista considera o Papa um fanático e critica as suas ações. Em seguida, o cordelista considera exagerada a atitude do Papa e o compara com o Conselheiro. Da mesma forma que se mostra religioso em seus folhetos, ele também se apresenta irônico e crítico com as atitudes do clero.

Rodolfo Coelho Cavalcante, já um cordelista renomado, em seu cordel *Antônio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos* atualiza uma visão negativa e conservadora acerca de Antônio Conselheiro, também influenciado pela mídia e pela ideologia repressiva corrente nos anos 70, na vigência da ditadura militar.

3.3 O poeta Minelvino e o Conselheiro

Antes de analisar a representação de Conselheiro no cordel de Minelvino Francisco Silva é importante acompanhar a trajetória desse autor. Baiano nato, ele nasceu na Fazenda Olhos D'Água, no município de Mundo Novo, Bahia, em 29 de novembro de 1926. Criou-se na terra do ouro, ou seja, em Jacobina. Nesse local, trabalhou como garimpeiro de ouro, diamante e cristal. A respeito dessa experiência Matos (1986, p. 11) informa que: “O contato com as pedras preciosas, de brilhos e formatos diferentes, levou-o a vislumbrar um mundo encantado, quase mágico, além de lhe despertar e desenvolver a sensibilidade e o inato senso estético”. Desse modo, a vida no garimpo serviu de inspiração para poesia desse cordelista.

Minelvino Francisco Silva (1926-1998) além de poeta foi xilógrafo dos mais talentosos na poesia e no talhe, escrevia folhetos em sextilhas e septilhas. Aprendeu com o amigo Cavalcante a produzir versos com excelência. Devido à sua linguagem criativa e singular, esse autor tornou-se muito reconhecido por conta da beleza de sua poesia cordelista. Portanto, Matos (1986, p. 29) complementa esse contexto ao declarar que:

A arte de Minelvino é uma prática complexa, feita da manipulação hábil, sensível e também apaixonada de diversos códigos e linguagens: do verbal, do gestual, do musical, do visual. Os produtos de sua arte não merecem leitura ou estudo apenas de superfície, ao contrário, devem ser percorridos e penetrados a fundo, para que se possa conhecer melhor sua envolvente e cativante densidade humana, aliada sempre a um tom popular entre ingênuos e carinhosos (MATOS, 1986, p. 29).

Cordelista famoso, Minelvino destacou-se no universo da literatura de cordel e usou esse meio para divulgar seu talento. Dessa maneira, subentende-se que não se deve fazer leituras superficiais dos cordéis desse autor, uma vez que sua escrita exige mais concentração, dedicação e análise, pois é um material criativo e com uma característica estética singular.

Dessa forma, segundo a professora Edilene Matos (1986) “Minelvino Francisco improvisou um folheto durante o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros em julho de 1955, evento organizado pelo amigo Cavalcante”. O trovador fez uma poesia dedicada a João Martins de Ataíde e essa se expressa assim: “Até eu cheguei na hora /Como humilde trovador Abracei ele, dizendo/ Parabéns meu Professor /Por todas as suas obras de grandioso valor.” É preciso ressaltar que além de Rodolfo Coelho Cavalcante, Minelvino Francisco foi também bastante influenciado pelo trabalho do poeta e editor João Martins de Athayde.

Seguindo essa linha de raciocínio, o estudioso Luciano Ferreira de Souza (2017) faz algumas declarações sobre o primeiro cordel desse autor, ou seja, a primeira poesia de muitas que vieram compor a vida intelectual desse escritor:

Seu primeiro folheto teria caráter jornalístico, sugerindo o surgimento de mais um poeta repórter. O texto relata um acontecimento duplamente trágico: *A enchente de Miguel Calmon e o desastre do trem de Água Branca*. O responsável pela edição foi o já conhecido Rodolfo Coelho Cavalcante, com quem o poeta mundonovense viria a manter contato frequente, e, inclusive, firmar um pacto de não escrever folhetos licenciosos. A publicação sequenciou uma intensa produção que ultrapassaria a numerosa marca de 550 folhetos, em quase 50 anos de carreira (SOUZA, 2017, p. 78).

Em 50 anos de carreira, o escritor mundonovense chegou a publicar vários outros cordéis, os quais sempre estiveram em alta no gosto popular. A parceria com Cavalcante foi importante para impulsionar sua carreira, pois com o alagoano ele aprendeu muito sobre cordel. Acredita-se que a experiência, a amizade, e o envolvimento político de Cavalcante tenham exercido influência marcante sobre a poesia de Minelvino Francisco Silva.

Com o passar do tempo, Minelvino Francisco Silva tornou-se um cordelista baiano de renome que promoveu ações para ajudar os poetas. Em Itabuna escreveu seus primeiros versos e aí permaneceu até os últimos dias de vida. É importante destacar que esse cordelista foi mais um exemplo de autodidatismo, pois que buscava sozinho se aperfeiçoar no uso da língua portuguesa para compor seus versos. Até nisso os dois poetas eram semelhantes. Outra

semelhança dos dois era o compromisso com a luta em prol de conquistar mais espaço para os poetas cordelistas. De acordo a Edilene Matos (1986):

Radicado em Itabuna, Minelvino batalhou pelos direitos dos poetas populares e, em 1956, apresentou um projeto à Câmara Municipal propondo a denominação de rua dos Trovadores a uma das vias públicas de sua cidade. Residiu nela até 1999, ano em que, com sua morte, os benditos de Bom Jesus da Lapa deixaram de ser entoados por seu autor e cantor (MATOS, 1986, p. 28).

Tanto o poeta Cavalcante como o cordelista Minelvino frequentavam eventos que eram organizados para os cordelistas da época. A respeito da amizade dos dois poetas, Rodrigues (2010, p. 2) realça que “Rodolfo Coelho Cavalcante foi sem dúvida uma figura importante na vida de Minelvino, sua maior contribuição foi ensinar ao trovador apóstolo as técnicas da métrica na trova.” Ambos os poetas, além de serem muito conhecidos, possuíam características similares, pois participaram do mesmo contexto social. Ainda sobre a amizade dos dois, Matos (1986, p. 27-28) arremata:

Homem cordial e sensível, Minelvino trazia no bolso o retrato do amigo fiel Rodolfo Coelho Cavalcante. Entretanto, cioso da expressividade simples e espontânea dos poetas populares, não hesitava em pôr de lado sua natural cordialidade para erguer a voz contra a poderosa editora Luzeiro, que costumava corrigir os originais dos poetas que publicava, tendo chegado mesmo a suprimir várias estrofes do seu folheto *Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos*. “Eu gosto é do meu, simples, bem feito, do coração”, dizia Minelvino (MATOS, 1986, p. 27-28).

“O trovador apóstolico”, como era alcunhado, escreveu aproximadamente 500 folhetos, alguns deles publicados pela Editora Luzeiro. Segundo a citação presume-se que a Editora tenha suprimido algumas estrofes do cordel *Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos*, e por conta disso o poeta Minelvino levantava a voz contra essa prática editorial.

O cordel de Minelvino Francisco Silva, *Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos* (1977) se assemelha ao cordel supracitado de Cavalcante *Antônio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos* (1977) de Cavalcante. Ambos representam o peregrino de forma anticonselheirista, com uma posição que dialoga mais com a visão euclidiana. A respeito da posição de Euclides da Cunha, Levine (1995, p. 45) comenta que “percebe-se hoje que *Os Sertões* tiveram um grande impacto na consciência nacional, já que difundiram aquela visão

do povo como um grupo de pessoas fanáticas, loucas.” Por conta disso, os folhetos supracitados como outras obras literárias receberam bastante influência do cânone euclidiano.

Observa-se que há uma aproximação muito estreita entre o cordel de Cavalcante e o de Minelvino. As semelhanças são recorrentes em muitas estrofes, as quais apresentam a mesma temática e o mesmo foco narrativo ao representar a guerra e, sobretudo, o Conselheiro. Tal fato demonstra que os dois amigos tinham a mesma visão a respeito da guerra, bem como viviam em um período histórico, no qual as obras costumavam apresentar as ações do Conselheiro de forma negativa.

Assim como Rodolfo Coelho Cavalcante, o poeta Minelvino Francisco Silva critica o Conselheiro, denominando-o de “desordeiro” e “carniceiro”. Tanto ele como Rodolfo parecem ser influenciadas pela memória oficial e também pelo cânone euclidiano, pois, como se sabe, Euclides da Cunha descreve o beato como “assombroso”, “truanesco”, “pavoroso”, “desventurado”, entre outros epítetos rebaixantes.

Ademais, na década de 70 do século 20, em geral os cordelistas tendiam a se alinhar com a visão conservadora apoiada pela elite, pela mídia e pelo governo ditatorial, sob a vigilância implacável da censura. A tendência era seguir o pensamento conservador e oficial.

Na segunda estrofe do cordel *História de Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1977) comprova-se o objetivo de rebaixar a figura de Antônio Conselheiro:

Foi assim que aconteceu
Com Antônio Conselheiro
Que desejava seguir
Pra nosso Deus verdadeiro
Por se meter na política
Se virou num carnicheiro
(MINELVINO, s/a, p. 01).

Celina Leal dos Santos (2016, p. 4) reafirma que “Minelvino segue o rumo de Euclides, ao considerar o Conselheiro um fanático, prova da variação analítica dessa controvertida figura, no cancionário popular e nos folhetos de cordel”. Conforme afirma Leal, Minelvino Francisco faz em seus folhetos as afirmações correntes no discurso oficial construído em torno da figura de Conselheiro, sendo que as diversas versões literárias provocam muitas discussões.

Desse modo, Leal (2016, p. 5) ao mesmo tempo em que cita a narrativa de Minelvino e seu posicionamento, mostra a representação diversificada de Patativa do Assaré sobre o

Conselheiro. A representação de Patativa é diametralmente contrária a de Minelvino e a de Cavalcante. A autora demonstra que o escritor popular Patativa do Assaré, em seu poema “Antônio Conselheiro” proclama a sua admiração pelo beato:

Antônio Conselheiro
 Cada um na vida tem
 O direito de julgar
 Como tenho o meu também
 Com razão quero falar
 Nestes meus versos singelos
 Mas de sentimentos belos
 Sobre um grande brasileiro
 Cearense meu conterrâneo,
 Líder sensato espontâneo,
 Nosso Antônio Conselheiro.
 Este cearense nasceu
 Lá em Quixeramobim,
 Se eu sei como ele viveu
 Sei como foi o seu fim,
 Quando em Canudos chegou
 Com amor organizou
 Um ambiente comum
 Sem enredos nem engodos,
 Ali era um por todos
 E eram todos por um.
 (PATATIVA DO ASSARÉ, 1999, p. 15).

Conforme Adriano Carvalho¹¹ (s/d) “Patativa produz uma voz profética, sendo um verdadeiro anunciador da boa-notícia aos pobres e oprimidos do sertão nordestino: sua poesia é a respeito do pobre, para o pobre e do pobre.” O posicionamento de Assaré é uma contraposição que desmistifica a ideia oficial de que o Conselheiro foi um “louco”.

Leal (2016) ainda reforça que:

Quer como tema, quer como base para pesquisa, é inegável, portanto, a influência de Euclides na poesia de cordel. Do intercâmbio entre o clássico e o popular resulta uma Literatura riquíssima, repleta de contrastes e aproximações. Escritores como Euclides da Cunha, Minelvino Francisco Silva, Patativa do Assaré, Gustavo Dourado e tantos outros asseguram à Literatura Brasileira uma produção artística fértil, vasta e, sobretudo, humanizadora, em dias tão conturbados como os que vivemos na atualidade (LEAL, 2016, p. 09).

¹¹ Formando em Filosofia, pelo Centro Universitário Assunção, atual PUC- São Paulo, Especialista em Educação pelo FATEH e Mestrando em Docência e Gestão da Educação- Administração Escolar é autor do artigo *a literatura de folhetos nordestinos e a religiosidade popular*.

As obras de Minelvino, Cavalcante e Assaré são importantes produções férteis, ou seja, não é necessário elencar uma melhor, mas evidenciar a controvérsia que as três vezes atualizam, e sua contribuição ao debate e às revisões contemporâneas. Por isso, a narrativa do cordel *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*, de Minelvino Francisco Silva, apresentam outras estrofes que adjetivam o beato de forma negativa. Nas estrofes 3, 4 e 5 é possível encontrar o nome do juiz Arlindo Leone, nomeado, certamente por falta de melhor informação, como Dr. Arthur Leone:

Nos anos 96 (1896)
 Seu Conselheiro vivia
 Nas zonas do Bom Conselheiro
 No estado da Bahia
 Pregando e curando gente
 Cada vez se prosseguia.

O Dr. Arthur Leone
 Juiz daquela cidade
 Achou que o seu conselheiro
 Não estava com a verdade
 Apenas levava o povo
 Pra uma infelicidade

Deu ordem pra o Conselheiro
 Do município ir embora
 E deixasse o povo em paz
 Sozinho caísse fora
 Com 48 Horas
 Era somente a demora
 (MINELVINO, s/a, p. 01)

Sabe-se que foi determinante a participação do juiz Arlindo Leone na deflagração do conflito. Assim o cordelista o cita a autoridade e seus feitos. A propósito, a ensaísta Walnice Nogueira Galvão (1996, p. 71) confirma que existia uma inimizade entre o juiz e o beato: “há várias versões sobre a causa da inimizade, mas o fato é que o juiz era um desafeto do Peregrino e não perdia a oportunidade de prejudicá-lo”.

Não há registros que comprovem a veracidade dos chamados milagres do Conselheiro, conforme a fama registrada pela memória. Por ser um homem de fé, essa crença cresceu e atravessou o sertão, fazendo-o venerado como um santo fazedor de milagres, que edificava um arraial sagrado, lugar da cura e do bem-estar. Conforme ressalta Pedro Lima Vasconcellos, ao citar Calasans (2018, p. 1): “Quem quiser remédio santo/Lenitivo para tudo/Procure o Conselheiro/Que ele está lá nos Canudos”.

Após citar o perfil milagreiro do beato, o cordel de Minelvino mostra o lado construtor, movido por causas sociais, sobretudo construções de igrejas e cemitérios (p. 2):

Dizia ele pra o povo:
 O que Jesus mais deseja
 É que nós construiremos
 Uma tão bonita igreja
 Porque com ela podemos
 Enfrentar toda peleja
 (MINELVINO, s/a, p. 01)

A respeito das ações do Conselheiro, Robert M. Levine (1995, p. 280) comenta que “o Conselheiro tinha outros motivos para desprezar o governo. Precisava reconstruir as igrejas e cemitérios do sertão porque as autoridades deixavam-nos ruir”. De acordo com Levine, o beato construía igrejas não para se promover, mas com intuito de ajudar o povo, já que o governo não atendia às suas necessidades.

Ainda tratando do cordel do “trovador apostólico”, toma-se conhecimento de uma estrofe, na qual a voz do narrador indaga sobre a presença do beato, pois o mesmo já havia falecido:

Onde está o Conselheiro?
 O general perguntou
 Eu não sei, outro, eu não sei
 Cada um assim falou
 Como se procura agulha
 O general procurou
 (AUTOR, s/a, p. 15).

Nesses versos, o narrador está referindo-se ao corpo do Conselheiro. A respeito disso, Robert M. Levine (1995, p. 265) faz a seguinte declaração sobre a morte do beato:

Determinou-se posteriormente que o Conselheiro havia morrido em 22 de setembro, duas semanas antes do embate final, e provavelmente de disenteria. Ele fora tratado com ervas, pois não havia remédios disponíveis. As pessoas mais próximas ao Conselheiro se recusaram a enterrá-lo durante quase uma semana, pressupondo – segundo uma profecia do próprio Conselheiro-que ele ressuscitaria depois de três dias e que milhares de anjos desceriam do céu empunhado flechas flamejantes (LEVINE, 1995, p. 265).

Os fiéis mais próximos do beato acreditavam que ele era santo, e por isso ressuscitaria depois de três dias, da mesma forma que o relato bíblico afirma haver acontecido com Jesus Cristo. Nessa visão de fé, o peregrino colocava-se na esfera do sagrado. Ironicamente, os componentes do Exército queriam encontrá-lo para submeter o corpo a pesquisas científicas e contrárias à visão religiosa.

Os soldados encontraram o corpo do Conselheiro enterrado numa cova próxima ao alicerce da Igreja. Sobre esse momento Villa (1995, p. 217) relata que “Às 11 horas da manhã de 6 de outubro foi exumado o corpo de Antônio Conselheiro.” Depois do laudo médico, o cadáver foi decapitado e a cabeça enviada a Salvador para ser examinada pelo doutor Raimundo Nina Rodrigues, então professor da Faculdade de Medicina e representante do lombrosionismo no Brasil. Ele, como muitos intelectuais do país, entre o século XIX e a primeira metade do século XX, defendiam teses eugenistas, as quais consideravam que o homem branco era o padrão ideal para sociedade. Adeptos de ideias positivistas, racistas e científicas, acreditavam que a capacidade intelectual baseava-se em características fenotípicas¹². Logo, o doutor Nina Rodrigues acreditava que Conselheiro “era muito suspeito de ser degenerado, na sua qualidade de mestiço”, Villa (1995, p. 218). Segundo Pedro Vasconcellos (2019, s/d) o próprio Euclides da Cunha deu crédito ao laudo de Nina Rodrigues.

Contudo, Souza (2001, p. 32) se contrapõe a esse posicionamento cientificista e realça que “Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, tinha consciência de sua época e de seu lugar. Seu olhar sobre a cidade de Canudos, provavelmente, levou-o à conclusão de que ela era mais um fragmento das inúmeras realidades brasileiras”. Para ele, o Conselheiro refletia a situação de muitos brasileiros que passavam pelos mesmos problemas sociais do sertão de Canudos.

No folheto de Minelvino em análise, existem outros temas e focos narrativos que se assemelham aos recursos empregados por Cavalcante, como se observa nos seguintes versos:

E assim deram começo
 Todas lonas desarmando
 Com a turma dos fanáticos
 Cada vez mais atacando
 De vez em quando por terra
 Ia um soldado tombando.

¹² O fenótipo são as características observáveis ou caracteres de um organismo ou população, como: morfologia, desenvolvimento, propriedades bioquímicas ou fisiológicas e comportamento.

E tudo bem explicaram
 Que os fanáticos na luta
 Muitos soldados mataram
 Por muita felicidade
 Eles correndo escaparam.
 (CAVALCANTE, 1977, s/p)

O ataque é representado como se fosse articulado apenas pelos sertanejos. Mais uma vez a narrativa de cordel os apresenta como protagonistas ofensivos do conflito. Dessa maneira, a estrofe possui uma mensagem maniqueísta, pois classifica o que é “mal” e elucida a representação do “bem”. Aliás, esse jogo do bem *versus* o mal é uma característica da literatura de cordel. Tanto no cordel de Minelvino quanto no de Cavalcante o Exército representa o bem que luta contra os malfeitores, os quais são os sertanejos conselheiristas. Assim, os versos de Minelvino lamentam as derrotas sofridas pelos soldados:

A República chora
 Pelo mundo inteiro
 Coberto de luto
 O Exército brasileiro.
 (MINELVINO, s/a)

Robert M. Levine (1995, p. 283) reforça que “o fato de as elites, de quem os pobres esperavam proteção, abraçarem a República, justamente num período de penúrias e mudanças desconcertantes, encorajava “atos coletivos de protesto que expressassem a imoralidade da elite e invocassem o castigo divino”. Dessa forma, o fato de a elite apoiar a República e ser contra os sertanejos revoltava os menos favorecidos. Assim, pode-se dizer que havia no período do confronto uma luta de classes: de um lado a elite, os latifundiários, coronéis beneficiados pelo governo, e de outro os camponeses que eram explorados por essa elite proprietária.

Nesse sentido, no cordel de Minelvino Francisco encontra-se uma incidência maior do vocábulo fanático do que na poesia de Cavalcante. Essa frequência comprova que tanto o cordel de Francisco como o de Cavalcante, datados da mesma época (1977), são discursos de uma literatura popular que estavam de acordo com as ideologias elitizadas desse período, e que serviam aos interesses da República. A seguir verifica-se essa incidência em algumas estrofes do folheto:

Contaram todo ocorrido
 E tudo bem explicaram
 Que os **fanáticos** na luta
 Muitos soldados mataram
 Por muita felicidade
 Eles correndo escaparam.

Que os **fanáticos** em Canudos
 Acabaram o povo seu
 De mil soldados que foram
 Escapou o que ocorreu
 O resto nas armas deles

De uma só vez morreu
 E que mandasse reforço
 Para seguir bem ligeiro
 Pois estava ameaçada
 A cidade de Juazeiro
 Por um grupo de **fanáticos**
 Cada qual mais desordeiro.
 (CAVALCANTE, 1977, p. 212-2013).

A respeito dessas colocações Robert M. Levine (1995, p. 274) contextualiza que “em meio à euforia da vitória, o custo humano do conflito foi deixado para trás. As quatro campanhas entraram para a história do Brasil como a guerra, com seus heróis sobre-humanos e suas vítimas descritas como rebeldes, fanáticos e demônios.” Assim, os canudenses, mesmo depois da guerra, sendo inocentados por novos estudos, não receberam do governo os reparos necessários para reconstruir o que fora destruído por um conflito posteriormente reconhecido como um crime.

Ainda nesse contexto, Cavalcante, assim como Minelvino, cita Moreira César e também o coronel Arthur Oscar Andrade, que, aliás, não aparece no cordel de Coelho. Ambos os folhetos engrandecem o nome de Moreira César como homem de grande bravura. No entanto, sabe-se que o famoso Corta-cabeças não é glorificado nem mesmo pela História Oficial, que o registra como prepotente e arrogante, tendo subestimado a capacidade de defesa dos sertanejos:

Coronel Moreira César
 Homem de muita energia
 Capaz para vencer a guerra
 Quer de noite ou quer de dia
 Esse foi o premiado
 Pra seguir para Bahia.

Coronel Oscar Andrade
 De grande disposição
 Na coragem era um davi
 Na força era um Sansão
 O elegeram para ser
 Chefe da exposição.

Entretanto, para Robert M. Levine (1995, p. 252) “Moreira César e seus colegas eram arrogantes demais para acreditar que alguns camponeses fossem capazes de resistir a uma força militar superior.” Como se sabe a Terceira Expedição, comandada pelo coronel Moreira Cesar, foi completamente esfacelada em combate. Sua derrota causou choque e escândalo no país e essa abalou a própria autoconfiança da República.

Nesse sentido, dentro da ficção os sertanejos narram o combate contra os soldados. Nesse trecho, o que chama atenção é a forma como eles se expressam enquanto personagens:

Quando vier mais soldados
 Mataremos novamente
 Vamos provar ao governo
 E também ao presidente
 Que os que mandar contra nós
 Não volta um pra semente.

Nessa estrofe, os sertanejos verbalizam as ações de luta, e aparecem como agressivos, impiedosos, com espírito de violência. Percebe-se que essa é a postura das narrativas tradicionais. A par dessa tradição, as escritas contemporâneas começam a operar uma revisão, reabilitando a figura do Conselheiro, e reconfigurando os conselheiristas como vítimas de um massacre do governo republicano da época, em proveito dos interesses do latifúndio. Ainda nesse contexto, Pinheiro Araújo (2011, p. 43) afirma que “um dia as próprias ‘vozes do sertão’ não serão personagens, nem narradores, serão autores.” Desse modo, os sertanejos serão protagonistas da própria história e terão suas vozes propagadas de maneira correta e não deturpada.

Em suma, os folhetos intitulados *Antônio conselheiro, o santo guerreiro de canudos*, de Rodolfo Coelho Cavalcante e *Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos* de Minelvino Francisco Silva são discursos que dão continuidade ao viés euclidiano, pois representam o Conselheiro como fanático, louco, desequilibrado, carniceiro, dentre outros adjetivos, os quais negativizam a imagem do peregrino. Assim, são representativos do tradicional discurso anticonselherista, que apontam o líder sertanejo como um criminoso. Esse contexto prova que

a concepção intelectual e a visão de mundo desses poetas eram semelhantes, ao darem curso ao pensamento conservador a respeito do massacre do Belo Monte. Ambos eram amigos e viviam em um período ditatorial, no qual havia censura e propaganda das ideias do governo. Contudo, pesquisadores como Edmundo Moniz (1984), Oleone Coelho Fontes, Robert M. Levine, Marco Antonio Villa entre outros buscam revisar a historiografia da guerra, através de estudos que refutam as representações presentes nos folhetos. Esses autores expõem, através da releitura dos fatos da guerra, que Antônio Conselheiro foi um líder carismático, e não um homem fanático e louco como mostram os folhetos de Cavalcante e de Minelvino. Ademais, as leituras dos historiadores levam o leitor a pensar de forma mais crítica sobre essas representações da década de 70, feitas por grandes cordelistas, mas que seguem a ideologia de um período conservador e elitista. Assim, descobre-se que existem outras versões mais contemporâneas da própria literatura popular que destoam desse posicionamento e, as quais contrariam e apagam esses epítetos agressivos e equivocados.

4 NOVA REPRESENTAÇÃO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NA LITERATURA DE CORDEL

*[...]Eram suas homilias
Abrigo dos rejeitados
Conforto dos sem herança,
Único fio de esperança
Desses mal aventurado.¹³*

4.1 O cordelista Geraldo Amancio Pereira

Geraldo Amâncio Pereira é um cordelista que nasceu no Sítio Malhada de Areia no município do Cedro-Ceará, em 29 de abril de 1946, onde trabalhou na roça até os 17 anos. Teve pouca escolaridade e somente cursou história na Universidade Vale do Acaraú aos 64 anos de idade, porém por motivos de viagem deixou o curso pela metade. Nesse sentido, ele é possuidor de duas habilidades que não vieram dos estudos: cantar e fazer poesias, as quais o cordelista considera hereditárias, ou seja, herdadas do avô Manoel Amancio Pereira e do tio paterno chamado Amancio Pereira. Sobre isso, Amancio (2018) faz a seguinte declaração “Eu tenho esse dom que considero hereditário, pois, meu avô paterno e um tio eram poetas. Tive infância e adolescência povoadas de cantorias, com grandes menestréis do repente.” Portanto, a habilidade criativa sempre foi efetiva na vida do poeta, tanto no repente como na poesia. Ademais, com relação ao cordel, ele complementa que se “meteu num meio que não era seu” referindo-se ao universo dos cordelistas.

Amancio canta há 47 anos ao som da viola, bem como ministra palestras sobre o cordel. É autor de duas antologias sobre cantoria e tem 15 CD’S gravados e alguns cordéis publicados. Enquanto repentista e cordelista, esse autor iniciou sua carreira no ano de 1963, transformando-se num dos maiores repentistas da poesia popular do Nordeste. Ele ainda consegue de improviso fazer versos na hora, pois como outros repentistas está pronto para mostrar a qualquer momento a sua arte. Tornou-se na sua região e em todo Brasil uma referência no meio do repente¹⁴. Para o poeta (Amancio, 2017) “o cordel para ser perfeito, o cordelista tem que conhecer a métrica correta, o que raramente acontece. A métrica do repente

¹³ AMANCIO, Geraldo. *A história de Antonio Conselheiro*. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010, p. 29.

¹⁴ A diferença entre cordel e repente é que o cordel é a poesia popular que se caracterizou como tal pelo fato de ser publicada em folhetos, enquanto o repente é a poesia feita pelos cantadores, os quais geralmente recebem da plateia um tema, chamado MOTE, e o desenvolvem na hora.

é cantante, não tem a obrigação da contagem silábica poética”. Nisto consiste a diferença dessas duas produções.

Esse poeta popular cearense, com um público imenso e fã de sua cantoria, foi também apresentador de programas televisivos em Fortaleza, por aproximadamente duas décadas, alcançando uma grande audiência, inclusive ao nível nacional. Desse modo, as seguintes poesias são dele: *Viveu e Morreu Lampião* e *100 Dicas de Português*. Desse modo, tanto a vida de repentista como de cordelista foram expressivas e hoje, com 72 anos, Amancio (2018) afirma que “a literatura de cordel é a manifestação espontânea de um povo que sabe se expressar através dos seus poetas”.

Nesse sentido, o autor além de ter se destacado no repente foi referência no cordel também. Para tal, Geraldo Amancio é um cordelista que pensa para além de seu tempo. De origem humilde, esse poeta reconhece a importância da poesia que fala do Brasil e, sobretudo, do Nordeste. Ele pode ser considerado um cordelista e um repentista contemporâneo que funde em seu cordel o presente e o passado, fazendo uma nova reconstituição da história, agregando a essa novos significados e conotações, os quais provocam novas reflexões.

4.2 Antônio Conselheiro, o guia maior dos sertanejos

Desse modo, Geraldo Amancio compôs o cordel intitulado *A história de Antonio Conselheiro* (2010) no qual, conforme explica Paulo de Tarso (2016), “escreveu-se em sextilhas a história do cearense de Quixeramobim, Antônio Mendes Maciel (Conselheiro), que lutou contra vários batalhões do Exército Brasileiro, em Canudos no Estado da Bahia, deixando um legado na luta em defesa dos menos favorecidos”. De tal modo, esse cordel de Amancio representa o Conselheiro como homem humilde e sensato. Essa forma de representação destoa das representações de Cavalcante e Minelvino, sendo assim inovadora, pois se afasta do estereótipo de fanático tão apregoado por outras obras, as quais inspiraram se em *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

A estrofe a seguir traduz por meio dessa representação quem foi o Conselheiro e suas práticas, descrevendo-o como um homem revolucionário e à frente de seu tempo. Diferente dos cordéis anteriores de Cavalcante e Minelvino, os versos de Amancio destacam as qualidades do peregrino e rebatem os estereótipos, fazendo-lhe elogios como protetor dos humildes:

Foi Antonio Conselheiro
 Grande abolicionista.
 Mas os historiadores
 Não o botam nessa lista.
 Achando muito mais prático
 Tratá-lo como fanático,
 Mentecapto e comunista.

Dos homens, foi Conselheiro
 O de ideal mais profundo.
 O que se pensa num século
 Ele pensou num segundo.
 A igualdade pregada,
 Pra outra vida esperada,
 Ele plantou neste mundo.

Como era triste o cenário
 Do sertão horripilante!
 Não tinha direito a nada
 O campônio ignorante.
 Era na zona rural
 Uma peça serviçal
 Da servidão degradante.
 (AMANCIO, 2017, p. 08)

Amâncio descreve o beato de forma semelhante aos demais cordelistas, mencionando seu roupão de brim, sua aparência física e sua atuação. Os cabelos longos e o cajado na mão assemelham-no às figuras bíblicas como Moises, Abraão e o próprio Jesus Cristo. O perfil do Conselheiro é composto por um conjunto de ações e discursos, os quais compõem a beleza e a espontaneidade de sua figura original. Para tal, a narração prossegue a cantá-lo da seguinte forma:

Alpargatas de rabicho
 Pisando pedra e capim,
 Um chapéu de abas bem largas,
 Um casaco azul de brim.
 Roupas velhas, sermão novo,
 Lá vai Antonio do Povo
 Dando conselhos sem fim.
 (AMANCIO, 2017, p. 21)

O poeta enfatiza que se tratava de um homem do povo, sempre com uma palavra nova para falar, não ostentava riqueza. Com liderança espontânea, não era um padre ordenado pela igreja, tampouco era um coronel. E liderava seus seguidores de forma democrática e

igualitária. Acreditava na terra e no poder da união para prover a sobrevivência. No folheto de Amancio aparece como um grande líder e influenciador, com propósitos sociais definidos.

Amancio cita as origens do Conselheiro, a família Maciel, seu o convívio com o pai e a mãe, que proviam na educação do filho, e ansiavam que o mesmo tivesse uma vida religiosa ativa. De fato, foi muito forte a ligação da família com a igreja de Santo Antônio, em Quixeramobim, situada a uma quadra da residência familiar. Ali Antônio Maciel recebeu os sacramentos católicos, do batismo ao casamento, sendo frequentador assíduo da paróquia, além de afilhado e devoto de Santo Antônio.

Sua mãe era Maria
 Joaquina de Jesus
 O seu pai Vicente Mendes
 Que com prazer lhe conduz.
 Eis o menino risonho
 Que para os pais era um sonho,
 Para o Brasil uma luz.
 (AMANCIO, 2017, p. 05)

O pai do futuro peregrino teve grande participação na formação religiosa do filho, inclusive o quis ordenado padre. Para tanto, por um determinado tempo Conselheiro se vocaciona para o ordenamento, estuda latim e tem contato com língua estrangeira, o francês. No entanto, devido à enfermidade do pai, é obrigado a assumir os negócios da família e se distancia do projeto paterno. Em tempo de seca e crise na região, o comércio familiar não progride, e esse fato é visto pela história oficial como um fracasso pessoal. Entretanto, acredita-se que esse contexto fez com ele alçasse voos mais altos, pois se transformou em um prático, exercendo ofícios de professor, rábula, arquiteto, líder, pacifista, conselheiro, sendo enfim um homem de várias habilidades.

Além do perfil do líder e suas origens, o cordelista ilustra a situação de miséria vivida pelos canudenses, bem como critica alguns historiadores que insistem em tratar o peregrino como fanático. Ademais, o poeta utiliza as palavras “mentecapto e comunista”, para explicar a forma como o Conselheiro era execrado pela elite. Também utiliza a expressão “servidão degradante” para descrever a situação imposta aos sertanejos pelos coronéis. Por isso, é pertinente afirmar que essa poesia denuncia a falta de direitos e a situação de miséria vivida pelos sertanejos naquele período do governo republicano.

Para o cordelista contemporâneo Geraldo Amancio, o Conselheiro não era um desordeiro nem um desequilibrado, mas o “guia maior dos pobres”, um homem compromissado com as causas sociais que buscava conceder melhores condições de vida a um povo castigado pela seca e pelo latifúndio. Nesse contexto, são vários os versos que mostram a mensagem de fé e esperança que o Conselheiro transmitia aos sertanejos, como contextualizam os versos da estrofe abaixo:

Tornou-se o guia maior
 Dos pobres escoraçados
 Eram suas homilias
 Abrigo dos rejeitados
 Conforto dos sem herança,
 Único fio de esperança
 Desses mal aventurados.
 (AMANCIO, 2017, p. 29)

A respeito da conduta do peregrino, em uma entrevista o próprio Amancio (2018, s/p) afirma que o Conselheiro era um homem símbolo de “fé e resistência”. E foram justamente essas características que chamaram a atenção do cordelista, que também teve uma origem humilde e simples, no sertão. Desse modo, o poeta considera que o beato era o “único fio de esperança” para a pobreza dos sertanejos, os quais eram vítimas “Desses mal aventurados”.

A poesia de Amancio adota um tom mais crítico e revisionista com relação à chamada Guerra de Canudos e à República. Ao se posicionar a favor do Conselheiro, fazendo o seu elogio, assume uma postura anti-tradicional e opera uma ressignificação do contexto e das personagens do conflito. Assim, como cordelista do século XXI, Amancio repercute a noiva tendência do ciclo narrativo de Canudos, que reescreve a história, dando voz ao sertanejo, ao reinterpretar os fatos, numa ótica favorável aos vencidos, deixando falar a voz do sertão. Como tal, o poeta contemporâneo se beneficia de uma maior conscientização sobre o fato histórico, resultado de novos estudos e pesquisas, outros pontos de vista e interpretações, novas narrativas que revisam as versões originais pautadas em ideologias positivistas e interesses oficiais, sem se limitar às informações de *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha.

Seguindo essa linha de raciocínio, um dado importante que aparece no cordel desse repentista é o nome do historiador Edmundo Moniz. Aqui já citado, Moniz faz uma releitura da historiografia do conflito, bem como mostra versões diferentes dos registros da história oficial. Ao fazer pesquisas históricas mais profundas, esse historiador revela muitas questões

ocultadas pela história tradicional. Em seu discurso de revisão, ele questiona e apaga os termos pejorativos e ofensivos impostos aos sertanejos, e critica as ações bélicas da República. Através de seu folheto, o cordelista Amancio também faz esse mesmo papel, pois cada estudioso utiliza do seu meio para se expressar, assemelhando-se no propósito de reescrever a história de resistência do povo de Belo Monte. As estrofes a seguir comprovam essas afirmações:

Diz Edmundo Muniz
 Que quando havia esses pegas
 A polícia e a justiça
 Sabiam dessas refregas
 De verba havia o retorno
 Sujeitavam-se a suborno
 Ficavam mudas e cegas.
 (AMANCIO, 2017, p. 12)

Nesse sentido, o próprio Amancio (2018, s/p) faz a seguinte afirmação sobre Edmundo Moniz: “li *Os Sertões* do famoso Euclides da Cunha e depois a *Guerra Social de Canudos* de Edmundo Moniz. A leitura deste último trouxe-me a vontade e também a inspiração para realizar esse trabalho”. Ou seja, para compor esse cordel o autor inspirou-se na leitura do livro de Edmundo Moniz, o que demonstra o diálogo entre diferentes saberes, a história e a literatura, com vistas ao mesmo objetivo de rever injustiças e esclarecer a verdade dos fatos.

Geraldo Amancio, certamente por ser de origem humilde, compreende as dificuldades sociais vividas pelos sertanejos conselheiristas. Natural do sertão do Ceará, esse repentista identificou-se com a comunidade do Belo Monte, assumindo sua defesa no discurso do cordel. O seu folheto marca um distanciamento histórico do massacre do Belo Monte, o que também contribuiu para que pudesse fazer uma releitura da tradição, reconfigurando fatos e personagens do fatídico conflito.

De fato, o folheto busca restaurar a ideia original da comunidade do Belo Monte, como lugar de acolhimento e esperança de uma sobrevivência digna e igualitária. Em sua ótica, o narrador destaca o senso de coletividade, o amor cristão e a igualdade, levando o leitor/ouvinte a perceber que o arraial era espiritualmente atrativo, como um lugar utópico, porém real. Embora solidária, não se tratava de uma aldeia comunal, pois existiam os comerciantes, os irmãos Vilanova que detinham propriedade e condições econômicas superior aos demais moradores. Ou seja, havia comércio, lucro e diferenças sociais, mas predominava

o regime de solidariedade e partilha, de forma nunca vista no sertão. Desse modo, Belo Monte criava uma economia popular, totalmente distinta do regime oficial, em que os coronéis latifundiários, sob proteção e guarda particular de seus jagunços, faziam valer seus interesses e sua riqueza, mediante a exploração primária da força de trabalho dos camponeses sertanejos, que não tinham o que comer nem onde morar, vivendo em condições de semiescravidão. Em oposto a isso, a narrativa de cordel destaca Belo Monte/Canudos da seguinte forma:

Com os bens distribuídos,
Para a coletividade,
Aí sim, reinava a lei,
Do amor, da igualdade.
Com todos se repartia
E cada um recebia,
Conforme a necessidade.

Todos viviam pra todos,
Velhos, rapazes, crianças.
Poderia ser chamado
Chão das bem-aventuranças.
Tudo ali se repartia,
Em Canudos não havia
Misérias nem abastanças.
(AMANCIO, 2017, p. 48)

O poeta repentista declara acerca do Conselheiro: “um homem que acima de tudo, só quis o bem dos povos, o que para muitos é utopia, ele tornou realidade”. Esses versos valorizam o arraial, levando a se entender a razão humanitária e econômica do êxodo das fazendas. Os camponeses buscavam refúgio em Belo Monte, onde trabalhariam para si mesmos. Assim o arraial chegou a ter a segunda população da Bahia, só perdendo para a capital do estado. De igual modo, a multidão buscava o conforto espiritual, para se redimir e obter a salvação e o poder, desfrutando de uma vida material melhor, a salvo da exploração nas fazendas dos coronéis. A busca de uma vida digna e solidária e a forte religiosidade moveram multidões de camponeses na direção de Belo Monte, que a todos recebia sem distinção.

A busca da harmonia social em Belo Monte, sob a observância da fé e dos costumes, não significa que não houvesse tensões na comunidade. As relações comerciais e interpessoais podiam, em alguns momentos, chegar a extremos. O que interessa observar é o objetivo

regular, a mediação do Conselheiro e o ideal comunitário, forças preponderantes na concepção do arraial como uma espécie de irmandade cristã tradicional.

Em realidade, os sertanejos apegavam-se à religião desde suas origens, no processo de formação cultural, com a forte presença dos jesuítas no seu território. Isolados do resto do país, desenvolveram uma religiosidade peculiar, de talhe tradicional e popular, marcada por valores remanescentes da contra-reforma ibérica. Assim, nas feiras livres muitas vezes apareciam os missionários e os pregadores. Os nordestinos a todo o momento tinham suas ações ligadas à religião, e dessa maneira temiam o castigo divino, exerciam a devoção aos santos, pediam por milagres e praticavam os rituais da sua fé, para evitar males, sofrimentos e má sorte. Em consonância com essa discussão Robert M. Levine (1995) reafirma que:

A trama relativamente fechada da sociedade costeira era substituída no sertão pela cultura do catolicismo sertanejo, ao menos, até um certo grau. A população sertaneja, como raramente via um clérigo de paróquia, era assistida por missionários evangélicos, beatos, pregadores leigos, curandeiros, e, em meados da década de 1890, por Antônio Conselheiro. O fato de a influência religiosa, nas regiões interioranas, estar centrada num sistema itinerante e provisório só acentuou a tradição sertaneja de uma escolha individual livre, o que pode ter facilitado a decisão das famílias sertanejas de levantar acampamento e seguir o Conselheiro para o seu santuário protegido (LEVINE, 1995, p. 138).

Como se observa, o clero não era muito presente na região sertaneja. Por conta da pouca presença de padres nas paróquias, os fiéis acabavam sendo assistidos por missionários evangélicos, beatos, pregadores leigos, curandeiros, ou seja, por pessoas simples que não faziam parte do clero. Esse fato talvez tenha contribuído para que o povo seguisse Antônio Conselheiro e seus ensinamentos. Essa necessidade de uma proteção de liderança religiosa é a principal característica da religiosidade do Belo Monte.

A igreja oficial não viu com bons olhos a liderança do peregrino, inicialmente por uma questão de hierarquia. Para o clero, só poderia pregar a mensagem cristã os representantes oficiais do Vaticano. Por outro lado, as paróquias locais perdiam fiéis, que preferia ouvir as pregações do Conselheiro. O Êxodo dos fiéis para Belo Monte deixou muitas igrejas vazias. Isso trazia inveja e preocupação aos padres e autoridades eclesiais, com forte repercussão na Diocese sediada em Salvador. Até mesmo as obras e benfeitorias do Conselheiro eram motivos de preocupação por parte dos poderosos. A narrativa do cordel complementa:

Nesse tempo já pregava
 Da outra vida os mistérios.
 Se fazia acompanhar
 Por muitos campônios sérios.
 Além de plantar virtudes
 Ia construindo açudes,
 Igrejas e cemitérios
 (AMANCIO, 2017, p. 20)

Além de pregar ao povo, o Conselheiro coordenava a construção e reformas de igrejas, casas e cemitérios, e os sertanejos humildes exaltavam essas benfeitorias com orgulho, pois se sentiam enfim assistidos. Em Belo Monte, a vocação de construtor do beato se revelou em todo o seu potencial.

As estrofes a seguir referem-se ao crescimento do Belo Monte e da atuação dos sertanejos na sua construção, de modo contínuo e acelerado. Em regime de mutirão solidário, como ainda hoje se pode nas regiões sertanejas, os moradores erguiam as casinholas para cada família que vinha em busca de abrigo e trabalho. Esse movimento é assim descrito pelo cordelista:

Um crescimento espantoso
 Logo em Canudos se via.
 Até mais de doze casas,
 Eram feitas num só dia.
 Ali, nesses arredores,
 Seria uma das maiores
 Cidades lá da Bahia.
 (AMANCIO, 2017, p. 42)

A respeito das construções feitas no arraial do Belo Monte, Pedro Lima Vasconcellos (2019) afirma que a edificação das igrejas, assim como o levantamento de casas era uma ação rápida e efetuada de forma coletiva. Nesse contexto, todos ajudavam, carregando pedras e madeiras, enquanto outros entoavam cânticos e louvores. Belo Monte crescia velozmente, tornando-se uma cidade notável, em franco desenvolvimento.

Antônio Conselheiro tornou-se uma das lideranças mais importantes para história do sertão, tendo exercido grande atração popular durante anos. Não era apenas sua força mística ou carismática o motivo da adesão de tantos seguidores. O peregrino mobilizava as massas com o poder de suas palavras, lastreadas em práticas sociais efetivas, sem utilizar armas nem formas de pressão.

A narrativa de Amancio reafirma seus elogios ao Conselheiro, pela bravura de conviver com os males da seca e enfrentar a sanha de seus inimigos, jamais abandonando seu povo. Submetidos ao coronelismo latifundiário, no fim do século XIX, os sertanejos viviam em condição de miséria, sofrendo os rigores das secas, sem meios de sobrevivência. Multidões de pessoas famintas vagavam pelas estradas e povoados. Grupos de bandoleiros e saqueadores pontilhavam o território. Todos pobres, desvalidos, brancos, negros, caboclos vagavam à procura de meios para sobreviver. A atuação do Conselheiro é, desse modo, uma escolha consciente, já que elegeu a peregrinação como uma missão de fé, para ajudar os pobres e necessitados do sertão. Nesse contexto, milhares de pessoas encontraram sossego e paz no sertão da Bahia, no arraial de Santo Antônio do Belo Monte. Segundo os versos de Amancio (2017):

Em qualquer trabalho tinha
Bravura e muita coragem.
Porém, Euclides da Cunha
Denegrindo a sua imagem
De uma maneira mesquinha
Diz n'Os Sertões que ele tinha
Tendências pra vadiagem.

Nesse ir e vir conhece
Muitos latifundiários.
Campônios escravizados,
Mãos de obra sem salários,
Exploração, discrepância,
Injustiça e intolerância
De patrões contra operários.
(AMANCIO, 2017, p. 17):

O narrador destaca que Euclides da Cunha acusa o beato de vadiagem, como se ele não exercesse ocupações árduas e fatigantes, e vivesse sem propósito ao redor da comunidade. De forma oposta, o narrador nomeia o beato de bravo e corajoso, e acusa o narrador canônico de difamar a imagem do sertanejo. Certamente, os defensores de uma República que se instituía com repressão e autoritarismo não poderiam aceitar a existência exemplar de uma liderança popular constituída totalmente fora da institucionalidade legal e da cultura dominante. Assim, produzem um discurso reativo, destrutivo, com pitadas de comisseração e piedade. Em contraponto, os versos de Amancio denunciam as injustas acusações:

Pra nenhum tipo de crime

Conselheiro se propunha...
 Abelardo Montenegro,
 E o próprio Euclides da Cunha,
 Seguindo a triste corrente,
 Lhe acusam gratuitamente,
 Sem nenhuma testemunha.
 (AMANCIO, 2017, p. 37):

A narrativa de cordel não se exime de acusar que o lugar assumido por Euclides da Cunha acerca do Conselheiro é conservador. De fato, tratava-se de um intelectual preparado, munido de conhecimentos científicos e conceitos filosóficos provenientes de sua formação de engenheiro e militar. No entanto, embora lamente o massacre, a visão euclidiana permanece caudatária das teorias científicas, bases de sua formação. Seu livro *Os sertões*, grande monumento literário, já não pode ser uma lição final sobre o beato e sua comunidade sertaneja. Segundo o teórico Levine (1995):

Sem dúvida o mais conhecido e dramático texto sobre Canudos é o de Euclides da Cunha. Quando seu trabalho foi publicado, em 1902, tornou-se imediatamente a base da interpretação oficial do significado de Canudos. Não que as observações de Euclides fossem singulares. Houve antes dele uma série de outras vozes, algumas datando já dos primeiros dias de existência da comunidade, e todas compartilhando a perspectiva que eu chamo de visão do litoral. Os intelectuais brasileiros, desde os idos de 1870, já se preocupavam com a questão do sertão e sua população mestiça-formada por uma maioria de caboclos analfabetos, tachados de ignorantes e supersticiosos porque grande parte deles praticava uma forma profundamente rústica e austera de catolicismo (LEVINE, 1995, p. 37).

Assim, é importante destacar que houve antes de Cunha outras obras, como outras vozes, surgidas logo nos primeiros dias de existência da comunidade do Belo Monte e quase todas compartilhavam da perspectiva e visão conservadora do litoral. Nesse sentido, desde os tempos de 1870 os intelectuais brasileiros já nomeavam os sertanejos de supersticiosos, analfabetos e ignorantes e viam como uma ameaça os caboclos e mestiços dos sertões.

No folheto *A história de Antonio Conselheiro*, de Geraldo Amancio, além de criticar padres, coronéis, o juiz e o governador, também questiona a imprensa e seus julgamentos feitos “no calor da hora” (GALVÃO, 1974) sobre a trajetória do peregrino. Ora, os jornais propagavam a ideia elitista e litorânea da época, completamente desmoralizante em relação a Antônio Conselheiro e seus seguidores. Em contrapartida, folhetos contemporâneos como o

de Geraldo Amâncio começam a surgir, trazendo uma representação revisionista que destoa das posições oficiais hegemônicas. Assim:

Com o poder a imprensa
 Estava comprometida
 Criou contra o Conselheiro
 Uma história distorcida:
 O chamava monstro e louco
 E ainda achando pouco
 O acusou de matricida.
 (AMANCIO, 2017, p. 22)

A imprensa influencia na formação da opinião pública e na construção da realidade ao através de seus textos informativos e interpretativos. O cordel acusa o comprometimento da imprensa com o *status quo* e seu discurso distorcido e parcial. Longe do sertão, as pessoas eram informadas sobre a guerra através de uma ótica tendenciosa, destinadas a enaltecer e heroicizar as ações do Exército e da República recém-implantada no país. Essa condução da opinião pública pôs antolhos na avaliação dos fatos, numa época na qual não havia como acompanhar e averiguar a veracidade das notícias e análises jornalísticas.

As ideologias dos intelectuais do litoral, propagadas pelos textos jornalísticos e ensaísticos da época, capturaram a opinião da sociedade urbana, que clamou pela destruição do arraial sertanejo. Hoje é possível observar que houve contra o Conselheiro e seus seguidores uma campanha difamatória pelos jornais, à base de boatos, insinuações, intrigas e falsas notícias. São narrativas que acusavam o beato de ser um homem mau, criminoso, assassino da mãe e da esposa, lunático e perverso. Entretanto, o folheto de Amancio, já informado por estudos revisionistas contemporâneos, elabora outra versão, contestando essa representação: distorcida:

É o tipo do boato
 Recheado de maldade
 Onde não pode existir
 Nem um pingão de verdade
 Sua mãe, santa rainha,
 Morreu quando Antônio tinha
 Só seis anos de idade.
 (AMANCIO, 2017, p. 25)

Chega a Quixeramobim,
 A terra da sua gente.
 Todas as acusações

Era tudo impropriedade
 Pelo seu comportamento
 Não houve nem julgamento,
 Foi solto como inocente.
 (AMANCIO, 2017, p. 26)

Pressupõe-se que os boatos e as acusações inverídicas hajam prejudicado a imagem do peregrino, que passou a ser visto como lunático, criminoso e bandido, no período do conflito, uma má fama que permaneceu ainda, de modo residual, na posteridade. Nesse caso, a narrativa de cordel contradiz a visão preconceituosa e reescreve a biografia do beato no seu espaço de recepção cultural.

Nesse contexto, o narrador mostra-se reflexivo e continua a colocar-se compadecido com os sertanejos, ao afirmar que o Belo Monte foi uma sociedade de boa convivência e de compartilhamentos de melhores condições de vida. Assim:

Longe das autoridades,
 Policiais e civis,
 Belo Monte foi erguida
 Vizinha ao Vaza-Barris.
 Independente se erguia,
 Ali o pobre teria
 Direito de ser feliz.
 (AMANCIO, 2017, p. 42).

Por se colocar em apoio aos mais humildes, o poeta Amancio (2018, s/p) justifica que “existe em mim o hábito de sempre ficar do lado da dos mais humildes. Até porque tive uma infância de muita pobreza. Assim não tive dificuldade de entender, e de me sentir como se fosse também um canudense sofrido e sonhador”. O escritor admite que teve uma origem simples, por isso se identifica com as classes mais baixas. Assim, Geraldo Amancio (2019, s/p) comenta também que a fé e a resistência dos sertanejos são questões relevantes para ele e são características que o autor considera destaque nos peregrinos.

Com efeito, a atitude de rebeldia e a capacidade de sobrevivência dos sertanejos eram vistas como um péssimo exemplo pelos coronéis nordestinos e seus aliados, o governo e a Igreja Católica. A determinação de exterminar o arraial do Belo Monte ultrapassou os limites do bom senso e da legalidade. Assim, mesmo quando, na iminência da derrota, um grupo de canudenses se entregou ao Exército, com uma bandeira de paz, não foi poupado da morte. Todos foram sumariamente degolados. A cena terrível consta em Os sertões, e não poderia deixar de figurar nos folhetos de cordel, conforme encontra-se nos versos de Amancio:

Pedem-lhe o fim do conflito
 Que esse acordo se faça.
 Que aqui não haja mais
 Matança, fome e desgraça.
 E que deixe os canudenses
 Partirem com seus pertences,
 Inclusive arma de caça.

Quando o beato calou-se
 Houve um silencio total.
 Foi quando arrogantemente
 Respondeu o general:
 -Leve a minha informação,
 Só aceito a rendição
 Sendo incondicional.
 Quando o beato voltou,
 Para tudo esclarecer,
 Com essa história que todos
 Teriam que se render,
 Ouviram e não aceitaram,
 Aí se determinaram
 A lutarem até morrer
 (AMANCIO, 2017, p. 120).

De fato, consta que José Beatinho, auxiliar próximo ao Conselheiro deixou a cidadela em ruínas e se entregou ao general. Convencido a buscar os demais, com a promessa de que seriam poupados, Beatinho retorna com um grupo, com uma bandeira de paz. No entanto, o acordo não foi cumprido, e todos foram degolados. Assim, o cordelista acentua: “ – Pois a guerra continua, meu Deus, que cenário horrível, situação triste continua, meu Deus, que cenário horrível, situação triste crua!, as casas virando lamas, os corpos virando lamas, o sangue alagando a rua. Amancio (2017 p. 123). A prática da degola, a terrível “gravata vermelha”, foi denunciada como crime e covardia por alguns intelectuais da época, como Ruy Barbosa e o próprio Euclides da Cunha, em *Os sertões*.

Ao final do conflito, a terra dos camponeses foi arrasada pela República. Lugar de gente sem escolaridade regular, refúgio de negros alforriados ou remanescentes de quilombos, solo nativo de índios e caboclos despossuídos, uma legião de brasileiros pobres e excluídos. A única resposta dos homens do litoral foi exterminá-los, uma ambição do governo, militares e “homens de bem” da época. Todos imbuídos do desejo de triunfar sobre o Conselheiro para amealhar prestígio, poder e cargos, como agentes de um grande feito da República. Contudo,

a par de estudos recentes e novas interpretações, o folheto de Amancio critica estes equívocos, esclarecendo:

Terra para os camponeses,
Abrigo aos desamparados,
Escola para os incultos
Escravos alforriados.
Tudo para toda gente
Isso batia de frente
Com os privilegiados
(AMANCIO, 2017, p. 37).

Como destaca o narrador, os sertanejos “batiam de frente” com os privilegiados, ou seja, resistiam à perseguição do governo, da igreja e dos coronéis. Segundo Eduardo Junqueira (s/d, p. 03), “suspeitava-se que os fanáticos eram ajudados com recursos por alguns poderosos locais, sequiosos, ante a possibilidade do retorno à antiga ordem monárquica”. Entretanto, eles sobreviviam com uma cultura de subsistência, sem ajuda de latifundiários, comercializavam entre si e as cidades vizinhas. E ainda comenta o narrador de Amancio:

Falando em nome de Deus
levava fé aos descrentes
sempre cercado de adeptos,
fervorosos penitentes
tratando com muito zelo
era como um pesadelo
para as classes dirigentes.
(AMANCIO, 2017, p. 32)

Nas estrofes seguintes, o folheto considera que os conselheiristas eram ativistas, acostumados aos maltratos da escravidão e do latifúndio, tornarem-se resistentes, sempre em luta pela sobrevivência e pela dignidade. Dessa maneira, o ativismo e a resistência do Belo Monte incomodavam e não podiam ser aceitos pelos latifundiários, ciosos de seu domínio sobre toda a região. Já o governo preferiu ver a comunidade como uma ameaça à consolidação da República. Em consonância com essa ideia os versos abaixo complementam:

Falava da escravidão,
Do trabalho serviçal.
A voz da libertação
Chegava à zona rural.

Da revolta um ativista,
 O maior antagonista
 Do feudalismo rural.
 (AMANCIO, 2017, p. 35)

No período da guerra a escravidão já havia sido extinta, porém grupos de escravizados, assim como de mestiços pobres e desvalidos, vagavam pelas estradas e povoados, excluídos do acesso à terra, sem moradia, sem condições básicas de vida e com raras oportunidades de trabalho. Nesse estado de anomia social, a liderança do Conselheiro ocupou um espaço real de atuação religiosa e, por assim dizer, política. A fome, a seca, a falta de emprego, o descaso oficial, tudo isso impôs a necessidade de uma solução. Assim, o sertão humilde seguiu e adotou como verdade para si o discurso do peregrino, como capaz de resgatá-los da condição de extrema pobreza.

O governo da República intervia no sertão, impondo a arrecadação de impostos a fim de completar os seus planos. Por princípio, o beato contestava o regime republicano recém-adotado no país, por convicção religiosa e social. Ao pregar contra os impostos e contra o governo e, ainda, fundar um povoado independente, acionou a fúria dos poderosos. Tudo isso serviu de argumento para se convencer a opinião pública da necessidade de destruir Belo Monte, sobretudo após os primeiros reveses das tropas do governo. Sobre essa situação, Eduardo Junqueira (s/d) ao citar Walnice Nogueira Galvão, comenta que:

Todos clamavam pelo aniquilamento dessa ameaça à novel República. Os estudantes assinaram uma petição exigindo a liquidação dos sequazes. Deputados e senadores não discutiam outra coisa no parlamento. Os jornais tratavam a derrota como calamidade nacional (JUNQUEIRA, s/d, p. 04).

A situação começara a se complicar ainda em 1893, quando os sertanejos se revoltaram contra a cobrança de impostos e queimaram a ordem emitida pelo juiz Arlindo Leone em nome do governo. Logo adiante, o arraial começou a ser visto não só como um lugar de fanáticos religiosos, mas também como um foco de rebeldes monarquistas e jagunços perigosos.

Entretanto, as quatro campanhas contra Canudos foram árduas e desgastantes. Nas três primeiras, a resistência heroica dos sertanejos e as derrotas dos soldados geraram um forte clima de comoção nacional. A repercussão da derrota da Segunda Expedição é narrada da seguinte forma por Amancio:

A notícia da derrota
 Da segunda expedição
 Se espalhou pelo país,
 Abalou toda a nação.
 Impunha assim Conselheiro,
 Ao Exército Brasileiro,
 A maior decepção.
 (AMANCIO, 2017, p. 73)

Derrotado nos três primeiros ataques, o Exército preparou um grande contingente bélico, com cerca de seis mil soldados e um arsenal de armas modernas, para a quarta campanha. Ao final, conseguiu destruir Belo Monte, com o saldo macabro de cerca de 30 mil mortos.

Entretanto, o arraial camponês tornou-se um marco das lutas sociais no Brasil. O líder Antônio Conselheiro tornou-se personagem de folhetos, poemas, narrativas, canções e pinturas, como figura centro de um ciclo romanesco fértil e vigoroso. Sua memória é cultivada por poetas, romancistas e cordelistas. Amancio, por exemplo, descreve o modo passivo de viver do beato, destacando seu ideal comunitário. Assim, o leitor pode ler:

Ele queria que todos
 Tivessem direitos plenos:
 Ninguém tivesse demais,
 Ninguém tivesse de menos;
 Nessas regras sociais,
 Que todos fossem iguais
 Aqui nos planos terrenos.
 (AMANCIO, 2017, p. 31)

Pedro Lima Vasconcelos (2019) reforça que o Conselheiro era “um líder que não impunha a comunidade um seguimento absoluto, pois ele pregava liberdade”. O acolhimento era estendido a todos, de modo que em Belo Monte conviviam as várias etnias presentes no sertão. Portanto, supõe-se que existia também uma diversidade religiosa e que o peregrino, ao que parece, respeitava esse sincretismo religioso, sem fazer distinção de crenças.

Ao contrário do que muitos pensam, poucos sertanejos juntaram-se ao Conselheiro por capricho ou pela simples sedução exercida por sua figura carismática. Era provável que os sertanejos já tivessem ouvido falar que a terra do Bom Jesus era fértil e que o Conselheiro

tinha boas relações ao menos com alguns dos fazendeiros locais. Os peregrinos sentiam-se atraídos não apenas pelos seus sermões, ou pelo seu pretense “messianismo”, mas sobretudo pelas possibilidades de prover dignamente a sobrevivência, em face das dificuldades e do abandono do sertão.

Por outro lado, a República era frágil, insegura e instável. Fora proclamada sem grande apoio popular, vivia uma aguda crise econômica. Assim, era um regime que precisava ganhar credibilidade para se estabilizar. Em função disso, com os primeiros governos militares os generais Deodoro da Fonseca e, sobretudo Floriano Peixoto, o “general de ferro” foram repressivos e autoritários, criando um clima de perseguição e violência no país. O primeiro governo civil, de Prudente de Moraes, vivia esse clima de insegurança, a mercê das ambições dos florianistas de retomarem o poder. Assim, Belo Monte foi vítima de uma república atrabiliária e inconsequente.

O folheto de Geraldo Amancio reconta, com a sensibilidade popular, a história do conflito, e lança um novo olhar sobre esse acontecimento para a sociedade atual que por sua vez vive, em outro momento da história, e tem a oportunidade de ter esse folheto para poder extrair outras e novas reflexões desse acontecimento. Seu objetivo é revisar e esclarecer a história. Assim, canta sua narrativa:

Quando o Brasil quiser mesmo,
Que a verdade seja dita,
A história de Canudos
Vai ser reescrita.
Sem rasuras, sem emendas,
Passando um borrão nas lendas
Dessa tragédia maldita.
(AMANCIO, 2017, p. 123).

Em Canudos, sobre o sítio histórico da guerra, ergue-se um açude, que inundou os vestígios do campo da resistência sertaneja. Simbolicamente, trata-se de um apagamento, pela água, dos vestígios que sobreviveram ao fogo de 1897. Alguns estudiosos sustentam que o açude do Cocorobó, construído em volta da cidade de Canudos, foi feito pelo governo justamente para cobrir as ruínas da cidade, para apagar a memória do holocausto do Belo Monte. Para essas águas invasoras, a narrativa de Amancio traça um parecer:

Do chão onde houve a tragédia

Não há mais quem se aproxime.
 Fez o governo um açude,
 Pensando que se redime.
 Nem que ele fizesse um mar,
 Não poderia lavar
 A nódoa infame do crime!
 (AMANCIO, 2017, p. 124)

O açude foi construído pelo Departamento Nacional de Combate à Seca (DNOCS) e inaugurado em 1968, com o propósito oficial de oferecer água aos 20 municípios da região. Contudo, muitos intelectuais consideram que essa justificativa do progresso e combate à seca foi uma desculpa do Estado para esconder a intenção de inundar o sítio histórico do massacre. Apesar de sua grande extensão, a barragem não consegue abastecer sequer a cidade de Canudos. O seu impacto social, no entanto, foi muito severo, pois os raros sobreviventes e muitos descendentes dos conselheiristas foram novamente expulsos da terra em que viviam. A cidade de Canudos atual, a terceira Canudos, continua pobre e desassistida, sendo mais visitada por pesquisadores e estudantes que vão em busca das memórias e marcas da guerra.

A memória de Belo Monte/Canudos não se apaga, antes se multiplica. Os sertanejos preservaram suas versões e as passaram de geração em geração, até serem ouvidas e anotadas pelos pesquisadores e escritores contemporâneos. Através da oralidade, da escrita e dos registros documentais, a história da resistência conselheirista têm-se avolumado sobre as versões oficiais. A nova escrita dá voz aos sertanejos, que passam a ocupar o papel de protagonistas, numa narrativa que define o cerne da identidade do sertão.

O folheto de Geraldo Amancio instiga indagações sobre a política, a economia, os costumes e a religião do Belo Monte. Como obra contemporânea, tensiona e ressignifica a visão euclidiana e as suas derivações conservadoras. É notável a diferença desse folheto, de 2010, em relação aos folhetos de Minelvino Francisco Silva e Rodolfo Coelho Cavalcante, estes datados de 1977, e aqui examinados. O autor cearense adota um novo viés narrativo, pelo qual o cordel assume uma linguagem inovadora para representar o Conselheiro, a partir das vivências e dos valores da cultura sertaneja.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chamada Guerra de Canudos ou, na verdade, o Massacre do Belo Monte foi um dos primeiros fatos históricos de grande relevância nacional a serem representados pela literatura de cordel. O cordel sempre se preocupou com a vida real, sendo muito fértil ao tematizar o período da República Velha (1889) e os personagens históricos que fizeram parte desse momento, representando os fatos políticos e sociais marcantes do sertão. Transplantado de regiões populares de Portugal para o Nordeste brasileiro, o cordel se enraizou na cultura popular, sobretudo em povoados e pequenas cidades sertanejas. Assim, movendo-se entre as tradições da oralidade e da escrita, constituiu-se num campo de criação, audição e leitura, com seus versos musicais, seu vocabulário coloquial e outros recursos estéticos e linguísticos inerentes ao universo da cultura sertaneja. Dada sua importância e profusão criativa, os próprios escritores eruditos passaram a recolher seus temas e a se inspirar em seus folhetos para compor poemas e romances.

A vocação do cordel para tematizar fatos da realidade levou vários estudiosos a considerá-lo, atualmente, uma importante fonte de documentos sobre o sertão. Com efeito, é notável a sua capacidade de registrar a memória popular acerca de fatos históricos marcantes, tornando-se imprescindível para o estudo da cultura e da identidade do povo sertanejo. Com uma linguagem bem-humorada e vocabulário típico, os folhetos anunciam desde as aventuras de personagens simples do povo, até os feitos e malfeitos de grandes figuras políticas e históricas. Desse modo, constitui um discurso artístico que diverte, informa, educa e conscientiza o leitor/ouvinte, seja nas praças, no lar, na sala de aula, contribuindo para tensionar e ressignificar certas narrativas da História oficial. Trata-se de uma modalidade do gênero narrativo popular, que alguns estudiosos denominam de cordel histórico.

O cordel se constituiu como uma espécie de jornal do povo, sendo promovido pelos poetas e editores que o comercializam em feiras livres e nos circuitos literários. O cordelista antigo costumava apresentar os seus folhetos em público, com gesticulação apropriada e técnicas profissionais de recitação, associando as palavras cantadas à expressão corporal. Assim, os cordelistas, ao compor seus folhetos, registram a oralidade e as vivências, em crônicas poéticas elaboradas a partir do imaginário popular.

A atualidade do cordel se consolida, seja através do resgate da tradição, seja através das inovações de meios divulgação, como os sites de internet. Na *web* os folhetos ganharam

adeptos e leitores, expandindo-se pelas Redes Sociais, visibilizados por diversos internautas que compartilham seus conteúdos. Esse movimento, por seu turno, desperta um maior interesse editorial, viabilizando a edições de livros, folhetos e a promoção de autores, com uma revigoração estética do gênero cordelístico.

A representação da chamada Guerra de Canudos pelo cordel tem sido recorrente ao logo de décadas. Desde 1897, a trajetória de Antônio Conselheiro e os eventos do massacre de Belo Monte vêm sendo representados de diversas formas pelos cordelistas e cantadores. Um dos primeiros autores a dar notícias do beato e seus seguidores foi João de Souza Cunegundes (1897), que os representa como “fanáticos e traiçoeiros”. Nessa mesma linha, o soldado, testemunha da guerra, João Melchíades Ferreira da Silva (s/d), descreve o Conselheiro como “o bandido mais cruel”. Os próprios sertanejos rascunharam alguns ABCs sobre o conflito. Os versos dessas testemunhas foram coletados por Euclides da Cunha, que os anotou em sua *Caderneta de campo* (1975). Neles, o narrador afirma: “Quem briga com o Bom Jesus”, “não conta vitória não”. Ou seja, o cordel conselheirista contradiz os versos de João Melchíades Ferreira da Silva e João de Souza Cunegundes, francamente governistas.

Da mesma forma que Cunegundes e Melchíades, Rodolfo Coelho Cavalcante e Minelvino Francisco Silva, em seus respectivos folhetos: *Antônio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos* (1997) e *Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1977), referem-se ainda ao beato como fanático, lunático e revoltoso. Nota-se, nesses folhetos, a influência de *Os sertões* (1902), já que a visão euclidiana tornou-se corrente por décadas na cultura brasileira e orientou o foco narrativo de vários romances e folhetos.

Todavia, a mentalidade e a interpretação dos fatos históricos evoluem e mudam à medida que avançam os estudos e as teorias do conhecimento. Várias teorias aplaudidas na transição do século XIX para o século XX, encontram-se ultrapassadas, pertencendo agora à história do conhecimento humano. Portanto, a posição dos folhetos de João de Souza Cunegundes e de João Melchíades Ferreira da Silva, assim como os folhetos de Minelvino Francisco Silva e de Rodolfo Coelho Cavalcante. Todos eles seguem a mentalidade antiga, fixada pela memória dos jornais da época e pelo livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Talvez Minelvino e Cavalcante pudessem haver relativizado seus discursos, com informações mais atualizadas, já disponíveis á sua época. De fato, eles seguiram a tradição que representa os sertanejos de Belo Monte através de estereótipos, preconceitos e condenações. Para o leitor contemporâneo, esses textos valem como conteúdo de valor histórico, a ser examinado

criticamente. Todavia, não constituem lições válidas para se construir uma visão atual do que foi o movimento conselheirista, nem para fixar um perfil justo e exato de Antônio Conselheiro.

De fato, ainda hoje estudiosos e escritores muitas vezes deixam de reavaliar de maneira crítica a caricatura errônea que foi imposta à consciência nacional e circula na sociedade, que insiste em considerar Antônio Conselheiro como um anacoreta e profeta desvairado cercado por uma massa de seguidores penitentes, fanatizados e maltrapilhos.

Ao contrário disso, o cordelista sertanejo Geraldo Amancio, consciente de um papel cultural a exercer na sociedade, escreve uma narrativa que ressignifica e reabilita a trajetória de Antônio Conselheiro e seus seguidores. Sua versão, revisionista e atual, denuncia a perseguição feita pela igreja, pelos latifundiários, pela imprensa da época e pelas autoridades contra os sertanejos de Belo Monte.

O folheto de Geraldo Amancio *A história de Antônio Conselheiro* (2010) representa o peregrino enquanto um líder camponês que lutou em favor dos pobres, em busca de uma vida digna, terra para trabalhar e um lar para viver. Diferentemente de *Os sertões* (1902) e dos cordéis de Cavalcante e Minelvino, o folheto contemporâneo exalta as ações do Conselheiro e valoriza a luta de resistência dos sertanejos. Esse cordelista e repentista traz à tona as vozes dos canudenses que foram obscurecidas e silenciadas pelos relatos da História oficial. Além disso, denuncia o abuso de poder, a exploração dos coronéis do sertão e faz uma revisão dos méritos dos personagens envolvidos no confronto. Assim, vistos como heróis no primeiro momento, os generais que destruíram Belo Monte agora são apontados como criminosos, por haverem promovido um verdadeiro holocausto no sertão.

Ao representar o Conselheiro como um herói, o cordelista reconcilia o discurso desse gênero popular com as suas raízes culturais. Assim, numa atitude revisionista, reabre o diálogo com o passado, ressignificando-o como objeto de novas reflexões críticas. Esse procedimento inovador do cordelista cearense contribui para que o leitor entenda melhor a realidade sertaneja, em face dos velhos preconceitos e das formas de exclusão social. O massacre do Belo Monte, um marco na história de luta dos sertanejos, torna-se uma metonímia, a partir da qual é possível apontar as mazelas ainda hoje impostas ao povo sertanejo.

O conflito do Belo Monte apresentou o longínquo sertão ao país, entre 1896-97, chamando a atenção do governo e das elites que, infelizmente o rejeitaram como inimigo a ser

destruído. Em 1902, em *Os sertões*, Euclides da Cunha já criticava essa posição e considerava o massacre um crime da nacionalidade. O sertão se mostrou ao país, reivindicando seu lugar na nação, expondo a dicotomia de pertença e exclusão até hoje vigente e mal resolvida. A crise criou em torno e si um imaginário em conflito, de ambos os lados. E esse caldo cultural tem sido tratado pela ciência e pelas artes, e seus temas revisitados por estudiosos, escritores, poetas, músicos, artistas plásticos e cordelistas. Assim, ao menos na literatura de cordel, o sertão virou mar... de histórias.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo de Vargas fre (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)**. 1. ed. Curitiba - PR: CRV, 2015.
- AMANCIO, Geraldo. **A história de Antonio Conselheiro**. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.
- ARAS, José. **No Sertão do Conselheiro**. Salvador: Contexto & Arte, 2003.
- _____. **Meu Folclore**. (Folheto em cordel) Feira de Santana, 1956.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis do Patativa do Assaré**. Fortaleza. UFC (coleção nordestina), 1999.
- PINHO, Adeíto Manoel; ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. **O Pêndulo de Euclides: Palimpsesto de memórias das vozes do sertão**. Em: Adeíto Manoel Pinho; Maria da Conceição Pinheiro Araujo; Juliana Gomes Nogueira. (Org.). *Literatura, História e Memória: Leituras de Jacques Le Goff*. Feira de Santana. : UEFS Editora. 2011.p. 35-46.
- ARINOS, Afonso. **Os jagunços**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.
- CALASANS, José. **Canudos na literatura de cordel**. São Paulo: Ática, 1984.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 10 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Antônio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos**. *Literatura de Cordel*. 1. ed. Maio de 1977.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Da Poesia Popular Narrativa no Brasil**. México: Universidad Autónoma de México/ Instituto de Investigaciones Estética, 1971.
- CUNEGUNDES, João de Souza. **A Guerra de Canudos no sertão da Bahia**. Rio de Janeiro: Livraria do Povo, Quaresma & Cia; Livreiros Editores, 1897.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. **Caderneta de campo**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____. **Retrato do Brasil em cordel**. São Paulo-Ateliê editorial, 2011.

_____. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcanti na moderna literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FONSECA, Aleilton. **O pêndulo de Euclides.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

FREIRE, Wellington. **A condução da Guerra em Os sertões.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora. A guerra de canudos nos jornais.** São Paulo: Ática, 1974.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **História em verso e reverso.** Revista de História da Biblioteca Nacional. História arretada! Aprendendo o Brasil pela literatura de cordel. Outubro 2006, n. 13.

_____. **A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940).** Ed. do Autor, 2005.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Poetas e cantadores das viagens.** In: Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990.

LEVINE, Robert M. **O sertão prometido: O massacre de Canudos no Nordeste brasileiro.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

LOPES, José de Ribamar. **Literatura de cordel: antologia.** 3. ed. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

LUYTEN, Joseph M. **O que é a literatura popular.** São Paulo, 1983.

MATOS, Edilene. **O imaginário na literatura de cordel.** Salvador: EDUFBA, 1986.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?.** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

_____. **O cordel televisivo.** Rio de Janeiro, editora: Codecri, 1980.

_____. **O que é cordel na literatura popular.** Mossoró, RN: Queima bucho 2012.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: a luta pela terra.** 3. ed. ver. e ampl. São Paulo: Global, 1984.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho de. **José Calasans e Canudos: a história reconstruída.** Salvador: EDUFBA, 2008.

NOGUEIRA, José Carlos de Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica.** 2. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

PINHEIRO, Lindiane Santos de Lima. **A construção do acontecimento histórico:** o discurso do Jornal O Estado de S. Paulo sobre a Guerra de Canudos sobre as comemorações do seu centenário. Salvador: EDUFBA, 2015.

RODRIGUES, Robson. **Minelvino Francisco Silva:** o olhar de um trovador sobre uma emergente região. In: seminário cultura e política na primeira república: campanha civilista na Bahia, 2010. Ilhéus. Anais... Ilhéus: UESC, 2010.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil.** Rio de Janeiro-Editora Vozes LTDA, 2. ed., 1977.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Memória das Vozes:** cantoria, romanceiro e cordel. Prefácio de Armindo Bião – Tradução de Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SILVA, Minelvino Francisco. **Cordel:** Minelvino Francisco Silva. São Paulo: Hedra, 2000.

SILVA, Minelvino Francisco. **Os traços da minha vida.** Itabuna, 1987.

SILVA, Rogério Souza. **Antônio Conselheiro:** a fronteira entre a civilização e a barbárie. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, Leonardo Santana da. **Carlos Ginzburg:** o conceito de circularidade cultural e sua aplicação nos estudos sobre a música popular brasileira. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/view/1790>>. Acesso em 16 de set. 2018.

SANTOS, Celina Leal dos. **Euclides da Cunha: influências na poesia contemporânea cordelista.** Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numerosanteriores/n5/download/pdf/euclides.pdf>> CONTEMPORÂNEA Celina Leal dos Santos Mestre–PUC/SP>. Acesso em 16 de set. 2018.

SOUZA, Magna Celi Meira de. **Misticismo e fanatismo na literatura de cordel-** João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1998.

SOUZA, Luciano Ferreira de. **Cordel na Bahia:** Literatura Popular Multifacetada. Feira de Santana PROGEL 2017. Dissertação de mestrado disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0Bz7f2pf7Ig9jWXFqdTBNTDhVa0tDVzRIQ2M0Nkp2YWc4cE1B/view>>. Acesso em 16 de set. 2018.

TERRA, Rute Brito Lêmos. **Memória de lutas:** literatura de folhetos do Nordeste. São Paulo: Global Ed., 1983.

VILLA, Marco Antonio. **Canudos:** o povo da terra. São Paulo. Editora Ática, 1995.

WANKE, Eno Teodoro. **Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante**. Rio de Janeiro, Folha carioca Editora Ltda, 1983.

ZILLY, Berthold. **Sertão e nacionalidade:** formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. Rio de Janeiro, 1996.

SITES

AMANCIO, Geraldo Amancio . Entrevista In: **TvSeduc Tocantins**. Publicado em 27 de jul de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VlikleNSwr4>>. Acesso em 25 de out. de 2018.

BOVO, Ana Paula Martins Corrêa. **Antônio Conselheiro: os vários**. Campinas, fevereiro /2007 Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269871/1/Bovo_AnaPaulaMartinsCorrea_M.pdf>. Acesso em 16 jul. de 2018.

BRITO, Gilmário Moreira. **Aspectos políticos e religiosos na produção e circulação de folhetos de cordel de rodolfo coelho cavalcante**. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364863091_ARQUIVO_Anpuh13NatalAspectosPoliticosReligiososProduCirculacaoRodolfoCCavalcante.pdf>. Acesso em 28 de fev. 2018.

CARDOSO, João Batista. **Os sertões: poesia, tragédia e história num texto fundador**. Disponível em: <<file:///C:/Users/J%C3%A9ssica/Downloads/32545-137052-1-PB.pdf>>. Acesso em 25 de out. 2018.

CAIO, Clímaco. **120 anos do fim da Guerra de Canudos: uma ferida em aberto no Brasil**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/27/artigo-or-120-anos-do-fim-da-guerra-de-canudos-uma-ferida-em-aberto-no-brasil/>>. Acesso em 25 de out. de 2018.

CALASANS, José. **Canudos na Literatura de Cordel**. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/canudos_na_literatura_de_cordel/canudos_na_literatura_de_cordel.pdf>. Acesso em 10 de dez. 2017.

CALASANS, José. **Antonio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios**. Disponível em: <<http://josecalasans.com/downloads/artigos/24.pdf>>. Acesso em 16 jul. de 2018.

CARVALHO, Lopes de. **O conceito de representações coletivas segundo roger chartier**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860011.pdf>> Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165>. Acesso em 25 de out. de 2018.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&pagfis=50615>>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

FERREIRA, Edmilson. **A arte dos repentistas**. Texto postado em setembro de 2011 por Antonio Lisboa e Edmilson Ferreira. Disponível em: <<http://antoniolisboaedmilsonferreira.blogspot.com/2011/09/arte-dos-repentistas-por-edmilson.html>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

GASPAR, Lúcia. **João Melchíades e a Guerra de Canudos**. Disponível em: <<http://acordacordel.blogspot.com.br/2012/01/joao-melchiades-e-guerra-de-canudos.html>>. Acesso em 06 de dez. 2017.

GÓES, Ribeiro. **A Literatura de Cordel: Elementos Formadores da Região Nordeste**. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/178.pdf>>. Acesso em 23 de mai. 2018.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **O cordel como fonte documental para o ensino da história**. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/index.php/FEH/article/viewFile/5150/4098>>. Acesso em 08 set. 2017.

ISER, Helvia Helena. **“Renúcia”: de Antonio Vicente Mendes Maciel à “Antônio Conselheiro**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12449/12449_6.PDF>. Acesso em: 25 de out. de 2018.

JUNQUEIRA, Eduardo. **Guerra de Canudos**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUERRA%20DE%20CANUDOS.pdf>>. Acesso em 30 de mar. de 2019.

LIMA, Leidiane Faustino. **A literatura de cordel na sala de aula: uma reflexão sobre a experiência no estágio de literatura ensino fundamental**. Universidade Federal de Campina Grande . Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA9_ID1801_31072015133925.pdf>. Acesso em 16 de Jul. 2018.

MATOS, Edilene. **Ritmo, corpo, palavra: um poeta da voz viva**. Disponível em: <[PUCSPhttp://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n2/download/ritmo_corpo_palavra.pdf](http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n2/download/ritmo_corpo_palavra.pdf)>. Acesso em 23 de jan. 2018.

MIRANDA, Antonio. **Hamurábi Batista**. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/ceara/hamurabi_batista.html>. Acesso e 25 de out. de 2018.

NASCIMENTO, Hugo Renan. **120 anos do fim da Guerra de Canudos contados pela história, literatura e religião**. Disponível em: <<http://plus.diariodonordeste.com.br/120-anos-do-fim-da-guerra-de-canudos/>>. Acesso em: 15 de jan. de 2019.

RODRIGUES, Robson. **Minelvino Francisco Silva - O olhar de um trovador sobre uma emergente região**. Disponível em: <[Rodrigues lhttp://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/robsonrodrigues.pdf](http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/robsonrodrigues.pdf)>. Acesso em 25 de out. de 2018.

SANTOS, Daniel Alves dos. **Anticomunismo, história e literatura de cordel**. Disponível em: <<file:///C:/Users/J%C3%A9ssica/Downloads/2931-11573-1-PB>>. Acesso em 10 de jul. de 2018.

SANTOS, Celina Leal dos. **Euclides da Cunha: influências na poesia contemporânea cordelista**. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numerosanteriores/n5/download/pdf/euclides.pdf>>. CONTEMPORÂNEA Celina Leal dos Santos Mestre– PUC/SP. Acesso em 16 de set. 2018.

SILVA, Silvio Profirio da. **Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade.** Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/3silva_etal_artigo.pdf>. Acesso em 14 de set. de 2018.

SETÚBAL, PAULO. **A visão da imprensa na época de Antonio Conselheiro e a mídia atual.** Disponível em: <<https://paulosetubalcaricaturas.blogspot.com/2014/11/como-imprensa-da-epoca-via-antonio.html>>. Acesso em 14 de jan. de 2019.

TARSO, Paulo de. **Geraldo Amâncio Pereira – Uma referência no repente brasileiro.** Disponível em: <<https://www.norteandoce.com.br/regioes/ceara/geraldo-amancio-pereira-uma-referencia-no-repente-brasileiro/>>. Acesso em 01 de out. de 2018.

VASCONCELHOS, Lima Pedro. **Remédio santo: rezas e curas no belo monte de antonio conselheiro.** Disponível em: <<http://www.proteton.com.br/euclides/ler.php?id=1656>>. Acesso em 25 de out. de 2018.

_____. **Como a pesquisa aborda Conselheiro e Canudos desde 1950.** In: TV 247. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A5y4uWfrOhc>>. Acesso em: 16 de jan. de 2019. Acesso em: 25 de out. de 2018.

_____. **Formação, cotidiano e aniquilamento do Belo Monte de Conselheiro.** In: Canal Paz e Bem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o2KF0277asM&t=5s>>. Acesso em 01 de fev. de 2019.

_____. **Vozes do sertão: o Belo Monte como “terra da promessa”.** In: Canal Paz e Bem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aWNfIyX3KzE>>. Acesso em 01 de fev. de 2019.

_____. **O pensamento e a obra do “peregrino”:** a obra escrita de Conselheiro. In: Canal Paz e Bem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aWNfIyX3KzE>>. Acesso em 10 de fev. de 2019.

_____. **A hierarquia católica na inviabilização do Belo Monte.** In: Canal Paz e Bem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j7J6prkgINE>>. Acesso em 07 fev. de 2019.

_____. **A interpretação de Euclides da Cunha e seu impacto na cultura brasileira.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4eHcz9mang4>>. Acesso em: 24 de fev. de 2019.

_____. **Aula final: A destruição do Belo Monte em nome da ordem e do progresso.** In: TV 247. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DR_9mJuwbrQ>. Acesso em 09 de mar. de 2019.

_____. **Antonio Conselheiro por ele mesmo, segundo Pedro Lima Vasconcellos.** Disponível em: <<https://www.erealizacoes.com.br/blog/antonio-conselheiro-por-ele-mesmo/>>. Acesso em 13 de fev. de 2019.

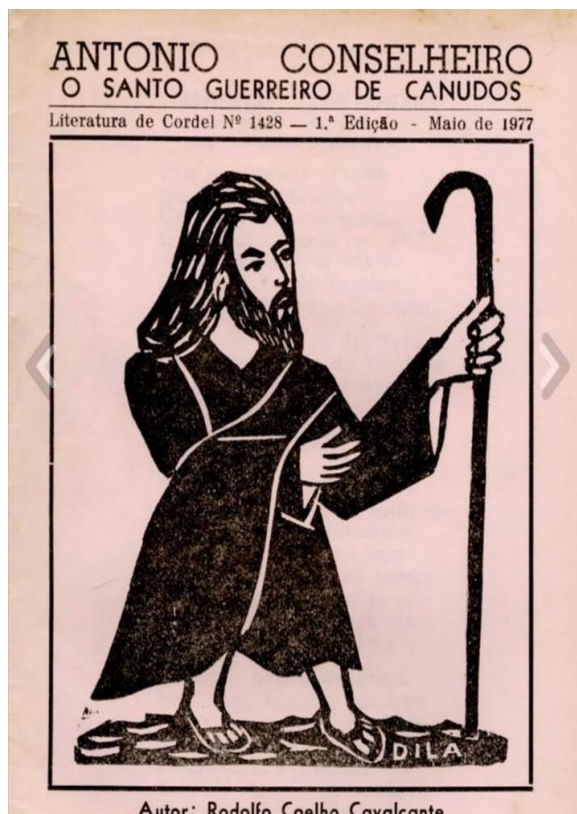
VIANA, Adriano Carvalho. **A literatura de folhetos nordestinos e a religiosidade popular**. Disponível em: <<https://gruposdeestudounifai.files.wordpress.com/2012/02/a-literatura-de-folhetos-nordestinos-e-a-religiosidade-popular.pdf>>. Acesso em 25 de out. de 2018.

_____. **Acorda Cordel na sala de aula**. Disponível em: <http://fotolog.terra.com.br/acorda_cordel:17>. Acesso em 16 de dez de 2018.

WANDERLEI, Aquino. **Religiosidade e conflito no sertão conselheirista**: o antagonismo entre a arquidiocese de salvador e antônio conselheiro/canudos. (1876-1897). Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307884635ARQUIVO_Religiosidad eeConflitonoSertaoConselheirista\(1876-1897\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307884635ARQUIVO_Religiosidad eeConflitonoSertaoConselheirista(1876-1897).pdf)>. Acesso em 16 de jul. de 2018.

ANEXOS

Antonio Conselheiro: O santo guerreiro de Canudos, de Rodolfo Coelho Cavalcante



ANTONIO CONSELHEIRO

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante
(Trovador Brasileiro)

Fim do Século dezoito
Na Bahia apareceu
Um Pregador cearense
Que dizia:- Quem sou eu?..
-Sou o Emissário Divino
Savador do Nordeste
Que ouve o conselho meu.

-Trago a palavra de Deus
Que é a Espada da Verdade.
-Sou o Caminho daquele
Que deseja a Eternidade.
Seja moço ou seja velho
Ouvindo meu Evangelho
Tem que fazer Garidade

-Só peço aos meus seguidores
Que cuidem da Salvação
Vendendo tudo que tem
E entregando ao seu irmão,
O Reino já se aproxima,
Quem não olhar para cima
Fica infincado no chão.

-Caso e batismo de graça
Não pago imposto também
Porque a terra é de Deus
Não pertencendo a ninguém...
Construirei a Cidade
Que se chama, na verdade:
A "Santa Jerusalém"

-- 2 --

Era Antonio Conselheiro
 Um exótico Pregador
 Que arrebanhava gente
 Quase em todo interior,
 A sua estranha Doutrina
 Se chamava "ORDEM DIVINA"
 Sendo ele o Salvador.

Guerreava contra Padres,
 Prefeitos e Coletores
 E a frente da multidão
 Doutrinava os pecadores,
 Pelo seu verbo inflamado
 Dizia ser Enviado
 De Jesus e a Mãe das Dores.

Em toda Aldeia que ele
 Passava ia construindo
 Capelas e mais Capelas
 Com a multidão seguindo...
 Dessa forma era o retrato
 Do mais afoito Beato
 Que do Norte tinha vindo.

Vestia ele uma túnica
 Grosseira de azulão,
 De cabeça descoberta
 Apoiado um bastão,
 Barbas brancas e crescidas
 Seus cabelos, parecidos
 Semelhantes de Sansão.

— 3 —

Era Antonio Conselheiro
 Cearense foragido
 Que tinha sido Mascate,
 Coletor reconhecido,
 Devido um crime de morte
 Mudou ele até de porte
 Para não ser conhecido.

Conviveu com Padre Cícero
 Ouvindo suas pregações,
 No Juazeiro do Norte,
 Aprendeu fazer sermões,
 Daí teve um tino novo
 De catequizar o povo
 Nas agrestes regiões.

Ao depois que Conselheiro
 Catequizou muita gente
 Começou a agredir Padres,
 Governos e Presidente,
 No lugar que ele passava
 Ninguém imposto pagava
 Nem mesmo um tostão somente.

O estranho Missionário
 Na sua "SANTA MISSÃO"
 Espalhava o fanatismo
 Prometendo Salvação,
 Pai de Família empregado
 Por ele catequizado
 Se juntava a multidão.

Pelo Cooperativismo
Os fanáticos viviam,
Trabalhavam sem salários,
O que ganhavam comiam,
Se conseguissem dinheiro
Entregavam ao Conselheiro
Assim nada possuíam.

Quem seguisse o Pregador
À casa não mais voltava,
Deixava mulher e filhos,
De uma vez se separava...
Era Conselheiro- o Amigo
E o mais era Inimigo
Certo de que se salvava.

Era caso de Polícia
O modo do Conselheiro,
Pois já virava anarquia
Contra o País brasileiro,
Foi o Governo ciente
Do Pregador insolente
Contra um povo tão ordeiro.

O Doutor Luis Viana
Governador da Bahia
Relatou ao Presidente
Tudo quanto ele sabia,
Fanáticos municidados
Assassinavam soldados
À qualquer hora do dia.

Começou em setenta e quatro
O Conselheiro pregando
Construindo suas igrejas
E ao povo doutrinando.
Porém em noventa e quatro
O sertão virou teatro
Do conflito mais nefando.

Cumba virou um inferno
Igualmente Cansação,
Canudos a Monte Santo
Eram cidades do Cão,
O Rio Vesa-Barris
Era o roteiro infeliz
Da tragédia do sertão.

Soldados de Alagoas,
De Sergipe e da Bahia
Sofriam dentro do mato
Com pesada Infantaria,
Era a guerra dos lunáticos
Onde Jagunços fanáticos
Até o sangue bebia(m).

De Chorrochó à Uauá
Os Jagunços de emboscada
Assassinavam soldados
Até mesmo de pedrada,
Nos arvoredos ocultos
Sorrtam, faziam insultos
Em histérica gargalhada.

Tornou-se o Inferno de Dante
A guerra mais fraticida
Do Nordeste brasileiro
Outra não acontecida,
Os jagunços na procela
Comendo urtiga e favela
Perdiam o gosto da vida.

Era o sofrer das caatingas,
Dos mandacarus talhados
Pelos golpes dos facões
Entre jagunços, soldados,
Os fanáticos matreiros
Trepados nos oitizeiros
Eram saguins enraivados.

Os soldados pracionos
Apenas com munição
Não conheciam os segredos
Dos mistérios do sertão,
Por detraz da macambira
Jagunços faziam mira
Ouvindo o tombo no chão.

Foi na serra da Cambaia
O quadro desolador
De soldados e jagunços
Que não houve vencedor,
Em toda extensão da serra
Foi a Batalha da guerra
Que causou maior clamor.

Qualquer tropa do Governo
Contra os jagunços perdia,
Porém em "Taboleirinho"
Com renovada energia
A Tropa vence a Batalha
E a jagunçada se espalha
Pois do contrário rendia.

Brava e forte Artilharia
Nova luta começou
E em Bendegó de Baixo
A Cobra nova fumou..
Nessa Batalha Gigante
Foi a Tropa triunfante-
Conselheiro recuou.

Finalmente em Monte Santo
Houve nova mortandade
Com baixas de parte a parte
De maior atrocidade,
Cada qual tinha o seu jogo,
Foi cinco horas de fogo
Sem saciarem a vontade.

Coronel Moreira César
Heroicamente lutou
Noutro Combate cerrado
Porém alguém o alvejou..
Ferido disse sorrindo:
-Tome conta Tamarindo
Que minha hora chegou.

Dia cinco de outubro
Do ano mil e oitocentos
Noventa e sete Canudos
Entre os mares de tormentos
O sangue ensopando a terra
Terminou a triste guerra
Que só causou sofrimentos.

Conselheiro estava morto
Por sofrer tantos revés
Porém morreu como Líder
Nos momentos mais cruéis,
Foi ele um Santo Guerreiro
Que teve o fim derradeiro
Morrendo pelos fiéis

Para concluir, leitores,
Foi Antonio Conselheiro
Um Bravo, um Herói, Fanático
Um cidadão brasileiro
Que seria premiado
Se ele lutasse ao lado
De um ideal verdadeiro.

R-uiu todo misticismo
O-nde a falsa pregação
D-issipou milhares vidas
O-bscurecendo o sertão...
L-ivre Deus-Pai Verdadeiro,
F-indo Antonio Conselheiro
O-utro não apareça, não.

— FIM —



A CASA DO TROVADOR
— DE —
Rodolfo Coelho Cavalcante

Trovador especialista em fo-
lhentos de oito páginas:
O maior sortimento do Nor-
deste.

Preços Especiais para
Revendedores !
Aceitam-se revendedores em todo
o país.

Rodolfo Coelho Cavalcante
Rua Alvarenga Peixoto, 158
— Liberdade —
— 40.000 —
Salvador - Bahia

— Ordem Brasileira dos Poetas da —
Literatura de Cordel
PRESIDENTE: Rodolfo Coelho Cavalcante
Cx. Postal, 916 — 40.000
Salvador — Bahia

Imp. na Tipografia ANSINAL - R. Aristóteles Góes, 37
Sussunga Nova - São Caetano - Salvador - Bahia

Fonte: arquivo pessoal da autora

A história de Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos, de Minelvino Francisco Silva



Autor: Minelvino Francisco Silva "o trovador apóstolo"

**HISTÓRIA DE ANTONIO
CONSELHEIRO E A GUERRA
DOS CANUDOS**

O homem religioso
Que quer seguir para a luz
Não deve entrar na política
Pois dobra o peso da cruz
Por fim vai sair da hética
Da santa lei de Jesus

Foi assim que aconteceu
Com Antonio Conselheiro
Que desejava seguir
Pra nosso Deus verdadeiro
Por se meter na política
Se virou num carniceiro

No ano 96 (1896)
Seu Conselheiro vivia
Nas zonas do Bom Conselho
No Estado da Bahia
Pregando e curando gente
Cada vez se prosseguia

O Dr. Artur Leone
Juiz daquela cidade
Achou que seu Conselheiro
Não estava com a verdade
Apenas levava o povo
Pra uma infelicidade

Deu ordem pra o Conselheiro
Do municipio ir embora
E deixasse o povo em paz
Sozinho caisse fora
Com 48 horas
Era somente a demora

O Conselheiro que viu
Que a coisa estava feia
Pois se não fosse se embora
Ia parar na cadeia
E além de ir pra chave
Entrava também na peia

Abandonou Bom Conselho
E dali se retirou
Seguiu direto a Canudos
Chegando lá começou
Sua mesma penitência
Que o povo admirou

Falava do fim mundo
Que Jesus vinha buscar
A todos os penitentes
Quem quisesse se salvar
Seguisse junto com ele
Pra poder no céu entrar

E pregava professias
Da sua imaginação
Que o sertão virava mar
E o mar virava sertão
Com isso ele iludia
Toda aquela multidão

O povo foi se juntando
Ao lado do Conselheiro
Achava que ele fosse
De Jesus um mensageiro
Que veio salvar o povo
Por um poder verdadeiro

Pra conhecer Conselheiro
Abalou todo sertão
Cada vez mais aderindo
À sua religião
E fazendo penitência
Pra ganhar a salvação

Dizia ele pra o povo:
O que Jesus mais deseja
É que nós construiremos
Uma tão bonita Igreja
Porque com ela podemos
Enfrentar toda peleja

A multidão bateu palmas
Todos dali aceitaram
Pra construir a Igreja
Ali então começaram
Carregar pedra no ombro
E assim continuaram

Com as pedras na cabeça
Era grande a procissão
Cantando lindos benditos
De chamar mesmo atenção
Pra construir a Igreja
E ganhar a salvação

Pois aquela procissão
Ninguém mesmo achava feia
Cantando aquele bendito:
Que o Sol na Terra Clareia
Valei-me meu Bom Jesus
E Mãe de Deus das Candeias

Quem xingasse uma pedra
Sem ninguém mesmo escutar
Trouxesse pro meio das outras
Podia a mesma marcar
Que o Conselheiro vinha
E mandava retirar

Um velho então me contou
Que nessa localidade
Ele foi xingar uma pedra
Pra ver se era verdade
Para ver se o Conselheiro
Tinha esta habilidade

Saiu do meio do povo
Para uma pedra apanhar
Pois aquela dita pedra
Ele queria xingar
Para ver se o Conselheiro
Ia isso advinhar

Botou uma pedra no ombro
E disse nessa razão:
Este diabo é pesado
Não vou levar isto não
Já vi que este diabo
Pesa mais do que o cão

Jogou a pedra no chão
E depois tornou pegar
Em todo caso, diabo
Agora vou te levar
Te mando para o inferno
Se tu danar-se a pesar

Aquela pedra xingada
Ele direito marcou
No meio das outras pedras
Aquela pedra jogou
Com seu cajado na mão
O Conselheiro chegou

Bateu em todas as pedras
Chegou na pedra xingada
Disse a um moço que estava
Fazendo a mesma empreitada:
Tira esta pedra daqui
Que ela não vale nada

Pois a nossa obra é santa
Não quero que ela esteja
Atrapalhando a marcha
Desta obra benfazeja
Pois eu não quero o diabo
Nas paredes da Igreja

Com isso os pobres pensavam
Que o Conselheiro era a Luz
Cumpriam as suas ordens
Levando a pesada cruz
Muitos ainda chamava
Ele até de Bom Jesus

Naquela bonita obra
Lutavam a semana inteira
Sò descansavam domingo
Pegavam segunda-feira
Até que botaram a Igreja
Para ponto de madeira

O Conselheiro mandou
Em Juazeiro comprar
As madeiras necessárias
Para a Igreja terminar
A precisão era urgente
Por isso mandou pagar

Foi comprada essa madeira
Também pago adiantado
Pra despachar pra Canudos
Ninguém mais tomou cuidado
E o trabalho da Igreja
Já quase todo parado

O Conselheiro esperou
Até faltou a paciência
E disse aos seus seguidores:
Só tomando providência
Pra ver se a madeira vem
Sem precisar violência

Reuniu uns vinte homens
Cada um de mais coragem
Para ir ao Juazeiro
Aquela longa viagem
Para mandar a madeira
Levassem aquela mensagem

E dali seguiram eles
 Naquele alto sertão
 Cada qual no seu cavalo
 Rompendo todo areião
 Nenhum pensava em desordem
 Dentro do seu coração

Respondeu lá o chefão
 Mostrando que era forte:
 Daqui para o fim do ano
 Se ele tiver a sorte
 Mandaremos a madeira
 Quando tiver um transporte

Mas antes deles chegarem
 O povo de Juazeiro
 Que vendeu toda madeira
 Para o velho Conselheiro
 Soube que iam os jagunços
 Cada qual mais desordeiro

Os mensageiros ali
 Com isso não protestseam
 Mas da resposta grosseira
 Eles ali não gostaram
 Direto para Canudos
 Naquele instante voltaram

Correram foram ao Juiz
 Chegando lá, de joelho
 Pedindo a ele socorro
 O Juiz ficou vermelho
 Era ele Artur Leone
 Que teve no Bom Conselho

Chegando lá em Canudos
 Falaram pra o Conselheiro
 A resposta que trouxeram
 Dos homens de Juazeiro
 E o que mandaram dizer
 Daquele modo grosseiro

Depois que soube de tudo
 Chamou os praças ligeiro
 Os que guarneciam o povo
 Da cidade de Juazeiro
 Para esperar os jagunços
 De Antonio Conselheiro

Juntou mais de mil pessoas
 Todas dando sugestão
 Pra seguir pra Juazeiro
 Todos com armas na mão
 E trazer toda madeira
 Ou eles quizessem ou não

Com pouco eles chegaram
 Os animais na carreira
 Todos pretos de suor
 E coberto de poeira
 Deram depressa a mensagem
 Pra mandar toda madeira

Respondeu o Conselheiro
 Eu não quero assim fazer
 O homem religioso
 Não pode assim se meter
 Porque se matar alguém
 Também terá que morrer

Vamos ter mais paciência
 E mais um pouco esperar
 Talvez que eles resolvam
 Toda madeira mandar
 Pois eu não quero ver sangue
 Humano se derramar

O Dr. Artur Leone
 Quando viu o batalhão
 Disse: só estes pracinhas?
 Estamos na contra-mão
 O povo de Conselheiro
 Os bate de sinturão

O Dr. Artur Leone
 O Juiz de Juazeiro
 Que já era inimigo
 De Antonio Conselheiro
 Pensou em cobrar vingança
 Sem temer Deus verdadeira

Vamos fazer o seguinte:
 Antes deles nos cercar
 Vocês seguem a toda pressa
 Pra cidade de Uauá
 E mandem brasa no grupo
 Que estão sem esperar

Passou logo um telegrama
 Ao Governo da Bahia
 Que era Luiz Viana
 Homem de muita energia,
 Contando muitas desordens
 Que o Conselheiro fazia

O comandante da força
 Aceitou a sugestão
 Seguiram para Uauá
 Naquele alto sertão
 Para atacar Conselheiro
 E não deixar nem pagão

E que mandasse reforço
 Para seguir bem ligeiro
 Pois estava ameaçada
 A cidade de Juzeiro
 Por um grupo de fanáticos
 Cada qual mais desordeiro

O povo de Conselheiro ?
 Sem nada disso saber
 Seguia com a procissão
 Sem meio de se defender
 Mas mesmo assim atacaram
 Só ouviram o pau comer

O Governo em mediato
 Depressa telefonou
 Para o general Solon
 Que cem praças despachou
 Com uma noite e dois dias
 Em Juazeiro chegou

Tiros de todos os lados
 Naquela hora saia
 E gente morta no chão
 Pra todo canto se via
 O sangue como enchurada
 Por todo canto corria

Ali em poucos minutos
Foi enorme a mortandade
Da parte do Conselheiro
Foi uma barbaridade
Só dez soldados morreram
Naquela localidade

Voltando toda a policia
Contaram todo o ocorrido
Que eles foram agredidos
Por esse povo bandido
De Antonio Conselheiro
Cada qual mais atrevido

O Governo novamente
Formou outro batalhão
Com mil soldados armados
Os mandou para o sertão
Pra matar o Conselheiro
Ou o levar para a prisão

O Conselheiro e seu povo
Que escapou dos soldados
Fizeram reunião
Já todos bem preparados
Para enfrentar a policia
Se caso fossem atacados

Esta república maldita
O Conselheiro dizia
Nós temos que pôr a baixo
Para gritar monarquia
Pois essa tal de república
A nossa terra atrofia

O imposto é um absurdo
Ou mesmo demasiado
Deseja ver todo povo
Do País escravizado
Se pensar que estou mentindo
Já viu o mau resultado

Mandou matar nossa gente
Sem a menor compaixão
Mataram e na praça pública
Fizeram um grande montão
E depois tocaram fogo
Que gente sem coração

Agora vem mil soldados
Pra tornar nos atacar
Vocês peguem as espingardas
Assim que eles chegar
Matem todos que vier
Não deixem um escapar

Quando vier mais soldados
Mataremos novamente
Vamos provar ao Governo
E também ao Presidente
Que os que mandar contra nós
Não volta um pra semente

Depois que matarmos todos
Sigamos pra salvador
Vamos pegar e prender
Esse tal governador
Ele tem que conhecer
O nosso grande valor

Aí sigamos direto
Para o Rio de Janeiro
Até mesmo o Presidente
Será nosso prisioneiro
Para ele conhecer
A força do Conselheiro

Depois que trancarmos ele
Em uma escura prisão
Será ligeiro empossado
Nosso rei Sebastião
Pra governar com justiça
Nossa querida Nação

Quando ele terminou
O discusso no momento
Todo povo bateu palmas
Com todo contentamento
Em sinal que apoiavam
Aquele drama sangrento

Os mil soldados que foram
Saltaram no Juazeiro
Tenente Manoel da Silva
Comandante verdadeiro
Seguiram para Canudos
Pra dar fim ao Conselheiro

Quando chegaram em Canudos
Fizeram numa emboscada
O povo do Conselheiro
Armado de espingarda
Uns atiravam na frente
E outros na retaguarda

O comandante que viu
Que ia se acabar
Já estando baleado
Não podendo mais lutar
Deu ordem pra seus soldados
Que podessem retirar

Daquela luta os soldados
Foram logo recuando
E os jagunços atrás
Cada vez mais disparando
Espingardas e garruchas
De um a um derrubando

Na beira duma lagoa
Todos jagunços cercaram
O resto da soldadesca
E quase todos mataram
Só para contar o caso
Pouquinhos mesmo escaparam

Foi tantos soldados mortos
Naquela luta pesada
De tanto sangue a lagoa
Fez a água avermelhada
Por nome Lagoa Vermelha
Ainda hoje é chamada

Os soldados que correram
Daquele grande terror
Sem farda e sem armamento
Chegaram em Salvador
Todos lascados de espinhos
Falaram ao Governador

- 8 -

Contaram todo o ocorrido
E tudo bem explicaram
Que os fanáticos na luta
Muitos soldados mataram
Por muita felicidade
Eles correndo escaparam

O senhor Luiz Viana
Ficou muito descontente
Telegrafou para o Rio
Explicando ao Presidente
Sobre a polícia em Canudos
O temeroso acidente

Que os fanáticos em Canudos
Acabaram o povo seu
De mil soldados que foram
Escapou o que correu
O resto nas armas deles
De uma só vez morreu

O Presidente zangou-se
Mandou que se preparasse
Dois mil soldados armados
De tudo que precisasse
Canhões e metralhadoras
E ao Conselheiro atacasse

Reuniu dois mil soldados
Nessa mesma ocasião
Major Febrônio de Brito
Chefe da expedição
Para acabar com Canudos
Sem a menor compaixão

Os jagunços em Canudos
Já estavam bem armados
Com as armas que tomaram
Quando mataram os soldados
Para o que desse e viesse
Estavam bem preparados

Aprederam ligeirinho
Como era que manobrava
O fuzil ligeiramente
Também como disparava
Com a maior rapidez
Cada um já carregava.

Disseram eles: agora
Já estamos com fuzil
Com homens de nossa raça
Pode vencer mais de mil
Vamos libertar agora
Nosso querido Brasil

O exercito reuniu
Na cidade do Salvador
Gente de todos Estados
Mesmo até do interior
Pra defender a república
Mostrando assim seu valor

Por todo canto corria
A fama do Conselheiro
Que era ele o terror
Do exercito brasileiro
Devorando mais soldado
Do que leão carniceiro

- 9 -

Os populares cantavam
Naquela data sombria
Esta música de Canudos
E do que lá existia
De acordo a mortandade
A própria música dizia:

O urubu escreveu
Uma carta ao Delegado
Que está com o bico bambo
De comer tanto soldado

O urubu escreveu
Uma carta ao Presidente
Que está com o bico bambo
De comer carne de gente

Bença papai, bença mamãe
Eu vou para os Canudos
Não sei se voltarei mais

A Republica chora
Pelo mundo inteiro
Coberto de luto
O exercito brasileiro

Afinal chegou a hora
Daquela triste partida
O trem soltou um apito
Fazendo sua despedida
Pois levava os soldadinhos
Pra cada arriscar a vida

Partiu o trem apitando
De doer no coração
Os soldados para o povo
Balançava com a mão
Porque eles não sabiam
Se ainda voltava ou não

Foram saltar em queimadas
Onde arranjaram animal
Com gado pra mantimento
Levaram tudo afinal
E seguiu para Canudos
Todo esse pessoal

Levaram cada canhão
De fazer admirar
Era uma junta de bois
Pra cada um arrastar
Diretamente a Canudos
Se puzeram a viajar

Para encurtar a história
Lá em Canudos chegaram
Cercaram por todo canto
E as armas dispararam
O povo do Conselheiro
No mesmo instante enfrenta: am

Gritavam assim os soldados:
Conosco ninguém graceja
Mas disparava o canhão
Pra derrubar a Igreja
Ele se desmantelava
Saia dessa peleja

- 10 -

Depois de muita batalha
Um fanático o agarraram
De que você quer morrer?
Logo a ele perguntaram
Eu quero morrer de tiro
Mas ele lhes replicaram

Você vai morrer de faca
Ali falou um soldado
Diga sua última palavra
Pra poder morrer sangrado
Viva Nosso Bom Jesus
Disse o pobre agoniado

Meteram a faca na guela
Que duma só vez sangraram
Com mais diversar furadas
Aquele pobre mataram
E o tremendo combate
Cada vez continuaram

O povo do Conselheiro
Cada mais encorajado
Cada disparo que dava
Ia matando um soldado
Só via tiro sair
Difunto pra todo lado

Major Febrônio de Brito
Vendo que o caso era sério
Pois lutar com esse povo
Era um serviço funéreo
Se eles não recusassem
Iam honrar no cemitério

O gado tinha acabado
E tudo mais que eles tinha
Já lhes faltava o feijão
O arroz e a farinha
E todos os alimentos
Naquela hora mesquinha

Major Febrônio de Brito
Deu ordem pra desarmar
Todo seu acampamento
Pra dali se retirar
Porque de outra maneira
Nenhum podia escapar

E assim deram começo
Todas lonas desarmando
Com a turma dos fanáticos
Cada vez mais atacando
De vez em quando por terra
Ia um soldado tombando

Afinal major Febrônio
Com o resto dos soldados
Foram obrigados sair
Porque foram derrotados
Abandonaram Canudos
Pra não tornar-se finados

Chegarem em Salvador
Sem farda sem armamento
Contaram ao Governador
Aquele drama sangrento
Que passaram em Canudos
O maior padecimento

- 11 -

Governo Luiz Viana
Por ter um bom ideal
Telegrafou ligeirinho
Pra o Governo Federal
Contando toda derrota
Naquela luta fatal

O Presidente na hora
Quase pára o coração
Porque assim a República
Tinha que rolar no chão
Revivendo a Monarquia
Em toda nossa Nação

Comunicou num instante
A todos os generais
Para uma expedição
De muitos policiais
Para atacar em Canudos
Aquele fera voraz

Coronel Moreira César
Homem de muita energia
Capaz para vencer guerra
Quer de noite ou quer de dia
Esse foi o premiado
Pra seguir para a Bahia

Tres mil e tantos soldados
Formou essa expedição
Com todos os armamentos
Que precisa um batalhão
Fuzil e metralhadora
E uma frota de canhão

Chegaram no Salvador
O trem de ferro pegaram
Com todo esse armamento
Lá na Queimadas saltaram
Preparados para a guerra
Para Canudos marcharam

Chegou perto de Canudos
Acharam uma espingarda
O Coronel disse a tropa
Que vinha na retaguarda
Vou dá uma prova ao Governo
Que garanto minha farda

Eles estão desarmados
Na hora deu um suspiro
A coragem dessa gente
Eu por exemplo admiro
Vamos entrar em Canudos
Sem precisar dar um tiro

Muito adiante encontraram
Uma cruz naquela estrada
Pararam pra almoçar
E seguir nova jornada
O Coronel com a cruz
Fez uma promessa errada

Disse ele para a cruz:
Se tu a nós ajudar
Que vencemos esta guerra
No dia que nós voltar
Vamos fazer uma festa
Bonita nesse lugar

- 12 -

Mas por infelicidade
Se nós não poder vencer
Quando passar-mos aqui
Não temos tempo a perder
Vamos lascar voce toda
Para assar carne e comer

Coronel Moreira Cêsar
Que estava comandando
Recebeu logo um balaço
Foi do cavalo rolando
Caindo morto por terra
Foi sua vida acabando

Quando chegaram em Canudos
Moreira Cêsar olhou
Lá de cima da ladeira
O arraial avistou
Porém nenhum pé de gente
Pra sua tropa falou:

Os soldados quando viu
Naquela luta fatal
Que morreu o coronel
Homem dum forte ideal
Para não morrer também
Caíram no florestal

Vamos entrar numa vez
Todo nosso batalhão
Vamos pegar os fanáticos
Sem guerra e sem discussão
E amarrar o Conselheiro
Como se amarra um cão

Os fanáticos atrás deles
Mata aqui e mata ali
Pega aqui, pega aculá
Cada vez os perseguir
Afiml poucos soldados
Que puderam escapulir

E assim mesmo fizeram
A cavalaria entrou
No arraial de Canudos
Mas dessa vez se enganou
Que tiro de todo lado
Naquele instante estorou

Depois de tudo os fanáticos
Para Canudos voltaram
Do Coronel o cadáver
Eles na hora o pegaram
E na ponta duma estaca
O pobre homem esitreparam

Fizeram fogo também
Os soldados bem armados
Porém não viam os fanáticos
Que estavam entrincheirados
Só via tiros sair
E mortos por todos lados

Aí correu a noticia
Do grande acontecimento
Para o povo brasileiro
Foi o maior sentimento
Somente para os fanáticos
Foi grande o contentamento

- 13 -

A negra noticia foi
Para o senhor Presidente
Que resolveu no momento
Mandar outro contingente
Pra acabar com o Conselheiro
Aquela bruta serpente

Juntou esse batalhão
Dos soldados cabeçudos
O General não queria
Ver soldados cabeludos
Todos eles preparados
Seguiram para Canudos

Ali cinco mil soldados
Foram logo reunidos
Cabo, sargento e tenente
Os homens mais destemidos
Para atacar o Conselheiro
Com todos os seus bandidos

Dias depois em Canudos
Essa expedição chegou
E o pequeno arraial
Por todo canto cercou
Armaram todos canhões
E ali o pau quebrou

Coronel Oscar Andrade
De grande disposição
Na coragem era um Davi
Na força era um Sansão
O elegeram pra ser
Chefe da expedição

Disparos e mais disparos
Era só o que se ouvia
Os canhões falavam forte
Que a terra estremecia
E o povo de Conselheiro
Com isso não se rendia

Tinha soldados ali
De nosso Brasil inteiro
Do Amazonas, Goiás
São Paulo, Rio de Janeiro
Minas, Rio Grande do Sul
Pra atacar o Conselheiro

Mandaram brasa também
Mesmo a torto e a direito
Mas contra a força maior
Já não tiravam proveito
Que os disparos dos canhões
Matavam de oito a oito

Tinha soldados bahianos
Soldados piauiense
Soldados paraibanos
E soldado maranense
Soldados alagoanos
E soldado cearense

Afirma o livro "Os Sertões"
Que o canhão que disparava
Pra derrubar a Igreja
Esse se desmantelava
E aquele operador
Morto por terra tombava

Começavam o tiroteio
Quando o dia amanhecia
O exército disparava
Conselheiro respondia
E assim o dia todo
Até a tarde caía

A tarde pelas 6 horas
Aquele fogo cessava
O povo do Conselheiro
Na Igreja se juntava
O Terço da Virgem Pura
Cantando alto rezava

No outro dia cedinho
A luta recomeçava
Bala e chumbo no espaço
Por todo canto zoava
De volta e meia um soldado
Sem vida no chão tombava

Da parte do Conselheiro
Era grande a mortandade
Pois morria tanta gente
Que fazia piedade
Só se via gente morta
Naquela localidade

Pra aquele povo fanático
Já faltava o alimento
Começaram fracassar
Naquele triste momento
A fome cada vez mais
Aumentava o sofrimento

E por infelicidade
O Conselheiro morreu
Porém o povo fanático
Inda não se esmoreceu
Enfrentava fogo a fogo
E assim o pau comeu

Elegeiram novos chefes
Naquele mesmo momento
Parecendo com uns loucos
Assaltaram o acampamento
O exército resistiu
O ataque violento

As bombas de dinamite
Contra os fanáticos jogavam
Era grande a mortandade
Das turmas que avançavam
Era um estandarte feio
Quando as bombas disparavam

Afinal noventa bombas
Pelo exército jogadas
Os fanáticos só perdendo
Em todas as emboscadas
Foram obrigados na hora
Dar tiros de retiradas

General Oscar Andrade
Deu ordem para gritar
Quem não quizesse morrer
Viesse se entregar
Que ele poupava a vida
Sabia bem perdoar

E assim continuou
Só as armas disparando
E o grito de "Se Rendam"
Todos soldados gritando
O povo do Conselheiro
Cada vez mais fracassando

Aquele povo fanático
Já estava em desatino
Quando um canhão na Igreja
Deu um disparo ferino
Que derrubou as paredes
E jogou distante o sino

Também aquele canhão
Que deu aquela rajada
E derrubou a Igreja
Nessa hora amargurada
Inguiçou duma só vez
Não serviu mais para nada

Diz o povo popular
Mas eu não posso dar prova
Que aparceu nessa hora
Tanta acauã velha e nova
Todas cantando diziam:
Vai a cova, vai a cova

Assim que a Igreja caiu
Todos se esmoreceram
Que estavam todos vencidos
Os soldados compreenderam
Avançaram para cima
Pegaram o resto e prenderam

Onde está o Conselheiro?
O General perguntou
Eu não sei, outro, eu não sei
Cada um assim falou.
Como se procura agulha
O General procurou

A mortandade era horrível
De comover coração
Um sem pernas, outro sem braço
Rolando vivos no chão
Instalaram um hospital
Nessa mesma ocasião

Medicaram os doentes
Fanáticos do Conselheiro
Depois que juntaram toda
A turma de prisioneiro
Levaram pra Salvador
De lá pra o Rio de Janeiro,

É uma tólice do homem
De querer se revoltar
Contra uma lei do País
Pois não pode trunfar
Como Antonio Conselheiro
Terá que se acabar

Pois não podemos viver
Sem pagar mesmo o imposto
De nossa renda anual
De agosto para agosto
Temos que cumprir a lei
Ou por gosto ou contra gosto

Atè mesmo Jesus Cristo
Quando na terra chegou
Sem negociar, sem nada
Mas o imposto pagou
Para pagarmos também
Este exemplo nos deixou

Para escrever este livro
Primeiro fui basendo
Nos contos e nos escritos
Não sei se é certo ou errado
E ainda no trabalho
O que foi televisado

Quem quiser salvar sua vida
Esse a vida perderà
E quem por mim dér a vida
Esse a vida salvará
Jesus assim ensinou
Dizendo: não matará

Uns dizem que o Conselheiro
Na última luta morreu,
Que fizeram exumação
Arrancando o corpo seu,
Já outros dizem que não
Ele desapareceu

O homem religioso
Que quer seguir a Jesus
Deve viver preparado
Para levar sua cruz
Pois se matar um irmão
Apaga sua própria luz

Quero dizer aos leitores
Que tudo que escrevi
Não afirmo ser verdade
Porque nada disso eu vi
Contei pra todos vocês
Como eu compreendi

Por isso seu Conselheiro
Caiu em contradição
Por misturar a política
Com sua religião
Querendo botar a baixo
A lei de nossa Nação

Agora caros amigos
Meu livro vou terminar
Quem achar que está faltoso
A mim queira desculpar
Porque só Deus faz as coisas
Sem nada mesmo faltar. FIM

Impresso na gráfica MILAGRE DE JESUS
Itabuna-Ba 25 de outubro de 1977

2395
CAMPANHA DE AMOR AO PRÓXIMO

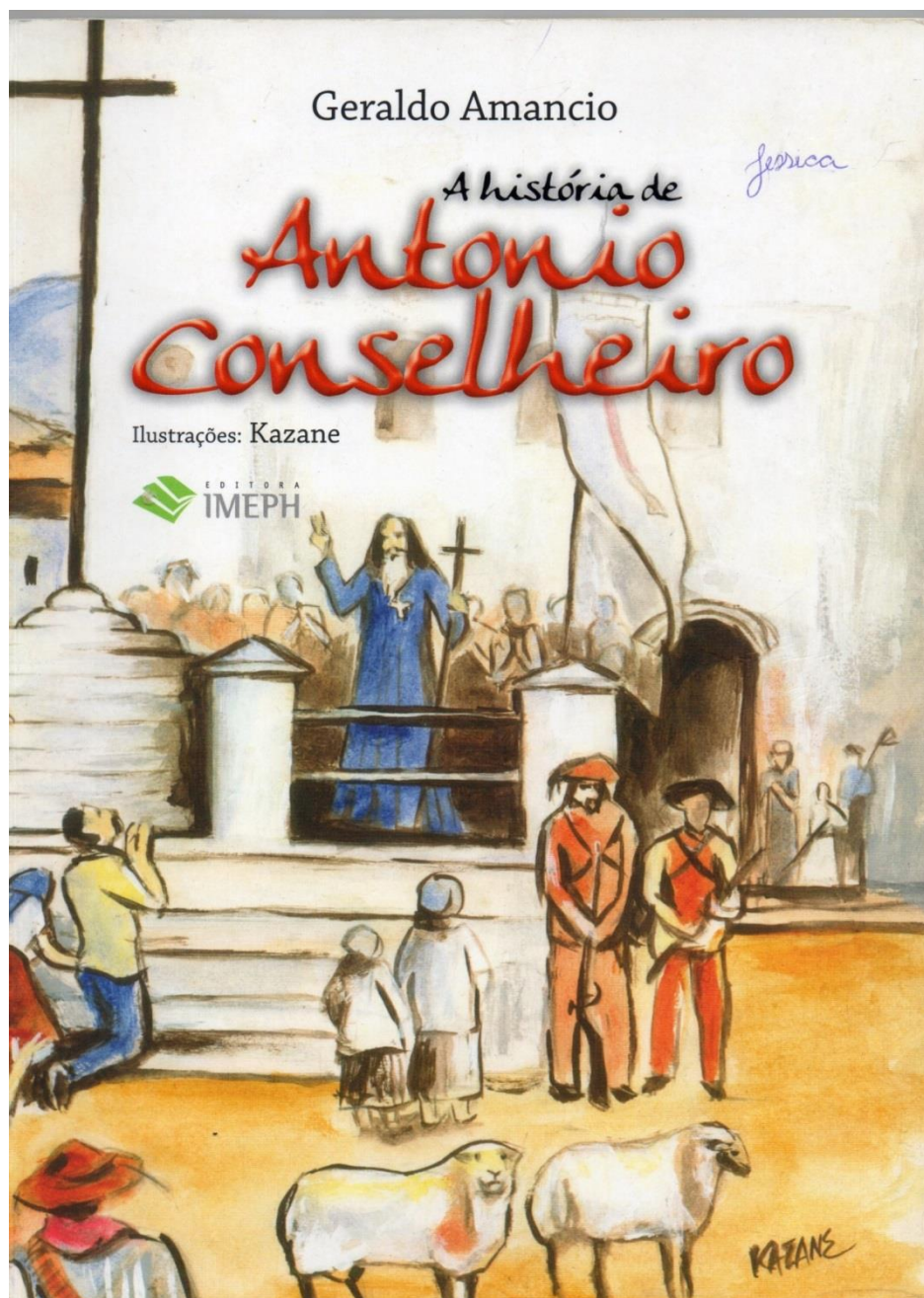
Eu como brasileiro, católico e apostólico romano, acho que todos os meus patricios e irmãos em Cristo, devam se aderir a uma Campanha de Amor ao Próximos, contra a carestia, assim: As autoridades governamentais baixar os impostos um pouquinho, como também a gasolina. Os motoristas que transportam, do mesmo jeito. As empresas de ônibus, a mesma coisa. Os produtores de gêneros alimentícios, da mesma maneira. Os pecuaristas, os açougueiros, os vendedores de folhetos, os médicos, as farmácias, os logistas e em fim todos os negociantes fizessem uma pequena redução em seus preços, cada um por força de vontade atendendo a Campanha de Amor ao Próximos, cumprindo assim aquelas palavras de Jesus: Novo mandamento vos dou; que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei. (S. João 13,34) Eu acho que nós teríamos um Brasil muito melhor. A Prefeitura de Itabuna já está na Campanha de Amor ao Próximos, por dispensar as décimas das casinhas dos pobres segundo lei 1136 de 25 de julho de 1977. Deus te abençoe, senhor Prefeito. Segundo o Repórter Nacional de 17-11-77, também já se aderiu a nossa Campanha o Governo Federal com a nova lei para 1978: As pessoas que ganharam durante o ano, menos de 47.100,00 Crs. a baixo, serão isentas dos impostos e da declaração de rendas. Deus lhe pague Sr. Presidente.

Estamos convidando o povo em geral para um festival de trovadores e violeiros intitulado: VIOLAS E POESIAS nos dias 12, 13 e 14 de março de 1978.

Minelvino Francisco Silva
Rua dos Trovadores, 591 Bairro de Stº Antonio
45.600 Itabuna Bahia

SNB

A história de Antonio Conselheiro, de Geraldo Amâncio (2010)



Geraldo Amancio

A história de
**Antonio
Conselheiro**

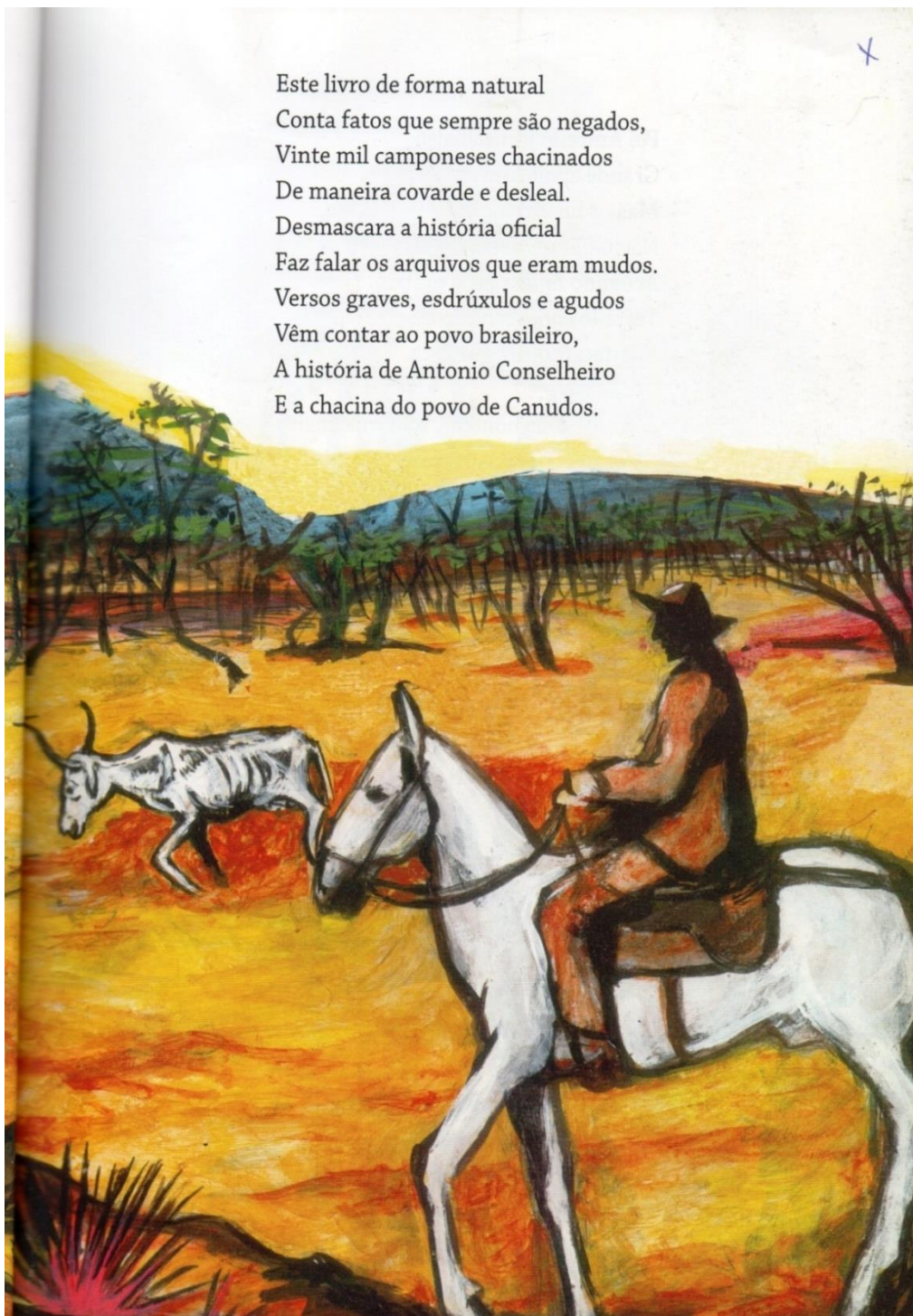
Ilustrações: Kazane

Fortaleza - 2010

 EDITORA
IMEPH



Este livro de forma natural
Conta fatos que sempre são negados,
Vinte mil camponeses chacinados
De maneira covarde e desleal.
Desmascara a história oficial
Faz falar os arquivos que eram mudos.
Versos graves, esdrúxulos e agudos
Vêm contar ao povo brasileiro,
A história de Antonio Conselheiro
E a chacina do povo de Canudos.



Foi Antonio Conselheiro
Grande abolicionista.
Mas os historiadores
Não o botam nessa lista.
Achando muito mais prático
Tratá-lo como fanático,
Mentecapto e comunista.

Dos homens, foi Conselheiro
O de ideal mais profundo.
O que se pensa num século
Ele pensou num segundo.
A igualdade pregada,
Pra outra vida esperada,
Ele plantou neste mundo.

Como era triste o cenário
Do sertão horripilante!
Não tinha direito a nada
O campônio ignorante.
Era na zona rural
Uma peça serviçal
Da servidão degradante.

Grandes fazendeiros tinham,
Como os senhores feudais,
Bandos de homens armados
Pra combaterem os rivais.
Se matavam, se agrediam,
Em nada se diferiam
Dos barões medievais.

Era a burguesia unida
 Aos latifundiários,
 Com um salário de fome
 Humilhando os operários.
 Poderes sem compromisso
 E a farda posta a serviço
 Dos coronéis sanguinários.

A revolta que se deu
 Dentro dos sertões baianos
 Não fôra contra o regime
 Feito por republicanos.
 Foi contra os proprietários,
 Monstros latifundiários,
 Desalmados, desumanos.

Conselheiro foi um homem
 De espírito intuitivo.
 Obstinado e valente,
 Decidido e combativo.
 Com tanta sabedoria
 Conselheiro merecia
 Por mil anos ficar vivo.

Do homem cresce o valor
 Quando a história compara.
 O Brasil tem a mania
 De enaltecer Che Guevara
 Talvez por ser estrangeiro.
 Nosso Antonio Conselheiro
 Foi uma joia mais rara.

Quando Quixeramobim
 Talvez fosse ainda vila
 Em dezoito vinte e oito¹
 Nasce a criança tranquila
 Cuja vida genial
 A história oficial
 Perversamente mutila.

Além de Antonio Vicente
 Era Mendes Maciel,
 Eis o seu nome completo,
 Diz a tradição fiel
 Do herói trouxe os perfis
 Para cumprir no país
 Um valoroso papel.

¹ 1828.

Sua mãe era Maria
Joaquina de Jesus
O seu pai Vicente Mendes
Que com prazer lhe conduz.
Eis o menino risonho
Que para os pais era um sonho,
Para o Brasil uma luz.

Sofreu logo na infância
Um golpe bastante forte:
A mãe repentinamente
Foi tragada pela morte.
Ele com seis de idade
Mergulhou na orfandade
Desamparado da sorte.

Seu pai se casou de novo,
Se deu mal na tentativa.
Antonio se lamentava
Por não ter mais a mãe viva.
Além da triste orfandade
Foi vítima da impiedade
De uma madrasta agressiva.

Escrever, ler e contar,
Com muito gosto aprendia
Com mestre Manoel Antonio
Fonte de sabedoria.
Aprendendo de uma vez
Aritmética e francês,
Latim e geografia.

Muito cedo Antonio viu
Da violência as sementes
Seus parentes envolvidos
Em combates inclementes
Entre Araújoos cruéis
E os bravos Maciéis,
Duas famílias valentes.

Diz Edmundo Muniz
Que quando havia esses pegas
A polícia e a justiça
Sabiam dessas refregas
De verba havia o retorno
Sujeitavam-se a suborno
Ficavam mudas e cegas.

Deixou mulher, casa e filhos,
Porque tinha um plano certo:
Fazer da vida um oásis
Onde encontrasse um deserto.
Partiu para Itabaiana
Dali pra terra baiana
Foi um salto, é muito perto.

Nesse tempo já pregava
Da outra vida os mistérios.
Se fazia acompanhar
Por muitos campônios sérios.
Além de plantar virtudes
La construindo açudes,
Igrejas e cemitérios.

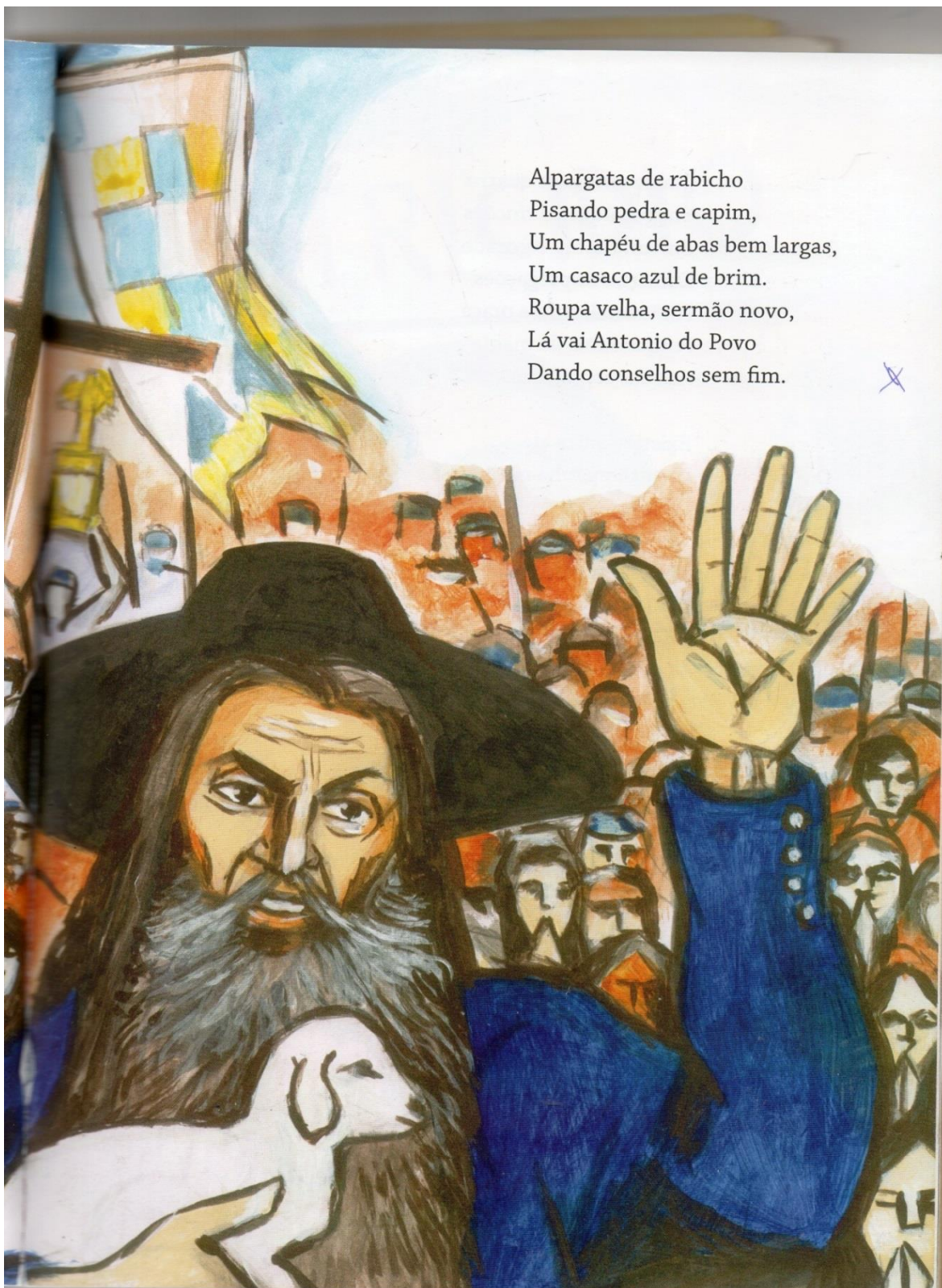
Pregava por conta própria,
Dando lições diferentes
De alguns padres, que às vezes,
Não ligam para os carentes.
Querem subir como os Andes,
Favoráveis sempre aos grandes,
Poderosos prepotentes.

Surrão de couro nas costas,
Na alma a fé que lateja.
A barba grande e grisalha,
Que na luz do sol alveja.
Cabelos soltos nos ombros,
Sua voz causava assombros,
Incomodava a igreja.



Alpargatas de rabicho
Pisando pedra e capim,
Um chapéu de abas bem largas,
Um casaco azul de brim.
Roupa velha, sermão novo,
Lá vai Antonio do Povo
Dando conselhos sem fim.

X



Aprendeu a ouvir dos pobres
 Queixas, dores, aflições.
 Foi eleito pelos mesmos
 Juiz de todas questões.
 Tribunal justo e correto,
 Conselheiro predileto
 Em todas as decisões.

Eis porque não o chamam mais
 Por seu nome verdadeiro.
 Experiente e sereno,
 Compreensivo e ordeiro,
 Orientador constante
 O tratam dali por diante
 Por Antonio Conselheiro.

Ele queria que todos
 Tivessem direitos plenos:
 Ninguém tivesse demais,
 Ninguém tivesse de menos;
 Nessas regras sociais,
 Que todos fossem iguais
 Aqui nos planos terrenos.

Terra para os camponeses,
 Abrigo aos desamparados,
 Escola para os incultos
 Escravos alforriados.
 Tudo para toda gente,
 Isso batia de frente
 Com os privilegiados.

Conselheiro interpretava
 A Bíblia à sua maneira.
 Não obedecia a bispo,
 Nem a padre, nem à freira.
 Se ainda existisse a mão
 Da tal Santa Inquisição
 Seu destino era a fogueira.

Com isso, logo alguns padres
 Mostraram-se intolerantes
 Dizendo que as leis na Terra
 Tinham que ser como antes:
 Que o cobre se desse ao nobre,
 Tinha que haver rico e pobre,
 Os mandados e os mandantes.

Em circular, Dom Luiz,
 Arcebispo da Bahia,
 Proibia Conselheiro
 A praticar homilia.
 Foi esse o brado primeiro
 Proibindo o mensageiro
 Das pregações que fazia.

Conselheiro soube e fez
 Ouvido de mercador.
 Porque ninguém se atreveu
 A impedi-lo ou se opor.
 Calaram-se os discordantes
 Temendo os acompanhantes
 Do ferrenho pregador.

Falando em nome de Deus,
 Levava fé aos descrentes,
 Sempre cercado de adeptos,
 Fervorosos penitentes,
 Tratado com muito zelo,
 Era como um pesadelo
 Para as classes dirigentes.

Ele pregava os dois reinos:
 O do céu e o do chão.
 Para o céu vale a virtude,
 Aqui se vive com pão.
 Com fé, jejuns e fervores,
 Impunha a seus seguidores
 Respeito e submissão.

Mesmo sendo perseguido
 Pela farda e a batina,
 Dizia: — Não matarás!
 Porque a mão assassina
 Com a sua estupidez
 Ofende de uma só vez
 A lei humana e a divina.

Pregava o amor ao próximo,
 Segundo a Bíblia Sagrada.
 Que a palavra vingança
 Devia ser descartada.
 Para se ter paz na vida,
 Toda ofensa recebida
 Tinha que ser perdoada.

Pra nenhum tipo de crime
 Conselheiro se propunha...
 Abelardo Montenegro,
 E o próprio Euclides da Cunha,
 Seguindo a triste corrente,
 Lhe acusam gratuitamente,
 Sem nenhuma testemunha.

Pregava em Alagoinhas,
 Sem causar o menor dano.
 Inhambuque e Bom Conselho,
 Em todo o sertão baiano.
 Geremoabo, Uauá,
 Mucambo, Massacará,
 Em Monte Santo e Tucano.

Se espalhou de Conselheiro,
 A fama de santidade.
 Por isso aonde chegava,
 Em vila, ou qualquer cidade,
 Esse peregrino errante,
 Se tornava, num instante,
 A maior autoridade.

Com a República vieram
 Transformações radicais.
 Chegam cobranças de impostos,
 Através de uns editais.
 Pesavam mais nos pequenos,
 Os ricos pagando menos,
 Os pobres pagando mais.

Conselheiro, em Bom Conselho,
 Queimou esses editais.
 Que não cobravam impostos
 Das figuras principais.
 Coitado do penitente,
 Desse dia para frente
 Não teve paz nunca mais.

Na cidade Bom Conselho,
 Onde o protesto foi feito,
 Doutor Arlindo Leone
 Era o juiz de direito.
 Uma carga de rancor
 Contra aquele pregador
 Guardou dentro seu peito.

A casa senhorial
 Sem gente, ainda existia.
 Umhas palhoças em ruínas,
 Por ali também se via.
 A igreja de Santo Antonio,
 O único patrimônio
 Feito com alvenaria.

De construção entendia,
 Parte prática e teórica.
 Faria ali uma igreja
 Onde haveria retórica
 Da lei de Deus, da verdade.
 Uma preciosidade
 Monumental e histórica.

Um crescimento espantoso
 Logo em Canudos se via.
 Até mais de doze casas,
 Eram feitas num só dia.
 Ali, nesses arredores,
 Seria uma das maiores
 Cidades lá da Bahia.

Longe das autoridades,
 Policiais e civis,
 Belo Monte foi erguida
 Vizinha ao Vaza-Barris.
 Independente se erguia,
 Ali o pobre teria
 Direito de ser feliz.

Casas construídas fora
 De qualquer planejamento:
 Sem ordem, sem simetria,
 Sem qualquer alinhamento;
 Labirinto, com certeza,
 Ia servir de defesa
 No conflito violento.

Todos que eram errantes,
 Perseguidos, humilhados,
 Foragidos da justiça,
 Eternos injustiçados,
 Teriam sim, acolhida
 Nessa terra prometida,
 O céu dos desamparados.

Com as suas pregações
 O clero se aborrecia.
 Dos padres, só Padre Cícero
 O olhava com simpatia.
 Por ser também do sertão
 Já sabia de antemão
 A dor que o povo sofria.

Com os bens distribuídos,
 Para a coletividade,
 Aí sim, reinava a lei,
 Do amor, da igualdade.
 Com todos se repartia
 E cada um recebia,
 Conforme a necessidade.

Todos viviam pra todos,
 Velhos, rapazes, crianças.
 Poderia ser chamado
 Chão das bem-aventuranças.
 Tudo ali se repartia,
 Em Canudos não havia
 Misérias nem abastanças.

Em dezoito nove cinco⁴
 Viajou o Frei Caetano,
 Com Frei João Evangelista
 Capuchinho italiano.
 Foram ao reduto novo
 De Conselheiro e seu povo
 Dentro do sertão baiano.

Os dois chegaram pedindo
 Que todos se desarmassem.
 Que Belo Monte era um sonho,
 Que eles não acreditassem.
 Que aquele plano era em vão,
 Deixassem essa ilusão
 E às suas terras voltassem.

Frei João Evangelista
 Teve um gesto desumano.
 Disse no seu relatório
 Que naquele chão baiano,
 A lei era a Monarquia,
 Que ninguém obedecia
 Ao poder republicano.

⁴ 1895.

E assim foram cercando,
Aquele humilde profeta,
De tudo quanto é maldade
Que a mente humana arquiteta.
Com artificios do mal
Queriam ver afinal
Sua desgraça completa.

O povo de Belo Monte
Seu falanstério vivia.
Um Brasil pobre e feliz
Ao Brasil rico ofendia.
Era muito perigoso,
Um desafio afrontoso
Ao poder da burguesia.

O comunismo em Canudos,
Foi comunismo cristão.
Não era como o de Engels,
Nem Marx, sem oração. *089*
Era igual à Utopia
Que Thomas Morus um dia
Nos legou como lição.

Para concluir a igreja,
O Antonio Conselheiro,
Mandou Joaquim Macambira
À cidade Juazeiro⁵
Comprar de João Pereira
O restante da madeira
Daquele templo altaneiro.

⁵ Juazeiro da Bahia.

Parte logo um telegrama,
 Quase como um desespero,
 Pedindo polícia urgente
 Pra defender Juazeiro.
 Que ia ser invadida
 Pela horda enfurecida
 De Antonio Conselheiro.

O governador Viana
Ao tal juiz satisfaz.
Tenente Pires Ferreira,
Com outros policiais,
Trouxe cem soldados práticos
Para dar fim aos “fanáticos”,
Perturbadores da paz.

Quando a justiça é injusta
 O dismantelo se instala.
 Em vez de levar madeira,
 Que foi paga e entregá-la,
 Dá cobertura a quem erra,
 Em vez de paz leva guerra,
 Em vez de madeira, bala.

Chegou logo em Juazeiro
 O batalhão esperado.
 Tenente Pires Ferreira
 Já vinha recomendado
 Que a polícia só fizesse
 Conforme o juiz dissesse,
 Assim ficou combinado.

Na manhã do dia vinte
Tenente Pires Ferreira
Viu chegando de mansinho
Uma procissão ordeira.
Que trazia além do hino
A bandeira do Divino
E grande cruz de madeira.

A tropa tomou um susto
Quando viu a multidão.
Velhos, mulheres, crianças,
Vinham nessa procissão.
Eram preces musicais,
Era um apelo de paz,
Era um grito de oração.

Porém, foram recebidos
Com tiroteio cerrado.
Foi aí que o pau cantou
E o tempo ficou fechado.
Um se defende, outro ataca,
Era o fuzil contra a faca,
O rifle contra o machado.

Braços, porretes e dentes,
Na briga tudo valia.
O céu se enchia de pólvora,
A manhã escurecia.
Dedos sem mãos, mãos sem braços,
Corpos viravam pedaços
E o sertão estremecia.

X

Joaquim Coiam comandava
 Toda a turma canudense.
 Dizia a Pires Ferreira,
 Em meio a todo suspense:
 — Se és brabo mostre a cabeça,
 Se tem valente apareça,
 Vamos ver quem perde ou vence.

Com cinco horas de luta
 A tropa foi derrotada.
 A turma de Conselheiro
 Nem sequer ficou cansada.
 Cantando como chegou,
 Da mesma forma voltou
 Cantando a mesma toada.

Quando saiu de Uauá,
 O povo de Conselheiro,
 Os soldados praticaram
 Um ato vil e grosseiro.
 Por vingança e covardia
 Queimaram tudo o que havia,
 Roubaram todo o dinheiro.

Sim esses mantenedores
 Da lei, com seus comandantes,
 Depois das atrocidades,
 De cenas extravagantes,
 Roubavam tudo, estupravam,
 E afinal não passavam
 De uma horda de assaltantes.

O Frederico Sólton
 Do exército, um general
 Comandante militar
 Sendo da paz um rival
 Disse que essa desvantagem
 Comprometia a imagem
 Do exército nacional.

Depois que a tropa sofreu
Em Uauá o golpe duro,
Essa conversa espalhou-se
Como fogo de monturo
Da paz não houve horizonte
Da cidade Belo Monte
Foi mapeado o futuro.

O senhor Luiz Viana,
Governador da Bahia,
Uma tragédia maior
No seu Estado temia
Não era homem de ódio
Por ele aquele episódio
Por ali se encerraria.

Mas se ele não apoiasse
O revide desumano,
A imprensa ia dizer
Que o governador baiano
Em todo ponto de vista
Era também monarquista,
Um anti-republicano.

Até para o presidente
Escreveu para avisar
Que uma revanche em Canudos
Era melhor evitar.
Talvez a paz existisse,
Se o Frederico saísse
Do comando militar.

Mas o general dizia:
— Derrota eu não admito.
Continuou comandante
Militar, desse distrito.
Aos conselhos se fez mudo.
Luiz Viana fez tudo
Para evitar o conflito.

7

Para quem perde a batalha
 Todo prestígio se some.
 Eis os soldados voltando
 Estropiados, sem nome;
 Muitos doentes, feridos,
 Exaustos, esmorecidos,
 Pela marcha e pela fome.

A notícia da derrota
Da segunda expedição
Se espalhou pelo país,
Abalou toda a nação.
Impunha assim Conselheiro,
Ao Exército Brasileiro,
A maior decepção.

Manuel Vitorino, o vice-
 -Presidente do país,
 Presidente em exercício,
 Decretou como juiz
 Uma ordem muito forte,
 Ou seja, pena de morte
 Para o reduto infeliz.

Logo mil e muitos homens,
 Do Exército Brasileiro,
 Convocados se apresentam,
 Mas faltava um carnicheiro,
 Criminoso, audaz e bruto,
 Para dar fim ao reduto
 De Antonio Conselheiro.

colocar

Antonio Moreira César,
 Conhecido coronel,
 Famoso pelo seu modo
 Perverso, frio e cruel,
 A partir daquele instante
 Passou a ser comandante
 Pra cumprir esse papel.

Matar, degolar, pra ele
 Era pura adrenalina.
 Provou isso quando estava
 Lá em Santa Catarina.
 Da guerra federalista
 Trouxe o troféu da conquista,
 Com sua espada assassina.

No seu livro não havia
 O nome fraternidade.
 Onde passava deixava
 A marca da crueldade.
 Matou Apulcro de Castro,
 Fez o seu nome no rastro
 Do sangue e da impiedade.

Decretaram de Canudos
 A destruição total.
 Moreira César era a tocha
 Para queimar o arraial.
 Tudo ali destruiria,
 Voltaria da Bahia
 Como herói nacional.

X

Com a vitória, Canudos,
Soltou fogos e rojões.
Mas Conselheiro sabia,
Por suas intuições,
Que a desgraça, qualquer dia,
Qualquer hora chegaria
Com maiores proporções.

A notícia da terceira
Expedição derrotada,
Apavorou os poderes,
Deixou a pátria abalada.
Logo a quarta expedição,
Com toda preparação,
Foi urgente organizada.

Os soldados convocados
Foram cerca de dez mil.
Era a metade das forças
Do Exército do Brasil.
Já sabiam de antemão,
Não era uma insurreição,
Era uma guerra civil.

Canudos devia ser
Questão só municipal.
Mas o enredo político
Lhe envolveu de forma tal,
Que isso foi num crescendo
E afinal terminou sendo
Um conflito nacional.

Havia apelos ocultos
Para a farda e o fuzil
Aniquilarem de vez
Com todo poder civil.
Depois dessa ruptura
Se implantasse a Ditadura
Florianista no Brasil.

O marechal Floriano
Peixoto, e uma minoria,
Queriam mudar a ordem
Que em nossa pátria existia.
Canudos era o pretexto,
Depois botava o cabresto,
Freando a Democracia.

Moreira César era o trunfo
Para a armação planejada.
Mas a carta preferida
Em Canudos foi rasgada.
Frustrando os florianistas,
A espada dos golpistas
Deixou de serafiada.

Era o Brasil governado
Por Prudente de Moraes,
Que convocou capitães,
Tenentes e generais.
Ordenou com rigidez,
Que acabassem de uma vez
O pior dos arraiais.

Colonizar

+

Coronel Moreira César
De um terrível mal sofria.
Um ataque repentino
Ele sofreu na Bahia.
Depois de examinado
Foi diagnosticado
Que era epilepsia.

Porém o médico não disse
A causa do sofrimento.
Pois todos já conheciam
Seu cruel temperamento.
Se dissesse a causa forte,
Seria vítima de morte
De faca ou fuzilamento.

Assim que avistou Canudos,
Pra ele, terra maldita,
Teve um impulso de ódio,
Que sensação esquisita.
Deu dois tiros de canhão,
Gritou dizendo: — Lá vão
Meus dois cartões de visita.

Por ordem do comandante
Houve o fogo inicial.
Canhões vomitando fogo,
Um bombardeio infernal.
Tudo sem pena e sem dó,
A missão era uma só:
Arrasar o arraial.

7

Dez mil soldados do exército,
 Mais duros do que titãs,
 iam matar em Canudos
 Aquele bando de “cães”.
 Estando a lhes comandar
 General Artur Oscar
 De Andrade Guimarães.

Mais de vinte batalhões
 Para a guerra convocados,
 Do Distrito Federal,
 Somando mais nove estados.
 Foi quase o Brasil inteiro,
 Para matar Conselheiro
 E os seus apaniguados.

Uma linha telegráfica,
 Acompanhando as estradas,
 Instalaram com urgência
 De Monte Santo a Queimadas.
 Para avisar mais ligeiro
 Onde Antonio Conselheiro
 Preparava as emboscadas.

Perto de Cocorobó,
 Em uma manhã cinzenta,
 Houve o primeiro combate
 De uma forma violenta.
 Falou alto a espingarda,
 Somando as baixas da farda
 Morreram cento e setenta.

Os sertanejos tiveram
 Seis dezenas fuzilados.
 Alguns canudenses vivos
 Foram ali capturados.
 Sofreram nesses instantes,
 Muitas sessões torturantes,
 Seriamente interrogados.

Primeiro negaram tudo,
 Depois não negaram nada.
 Disseram: — Nossa cidade
 Está tão bem preparada!
 Só vai morrer quem quiser,
 Se a pátria toda vier,
 Será toda eliminada.



O coronel Thompson Flores,
Destemido e revoltado,
Disse: — Eu não tiro os galões
Que na farda tenho honrado.
Por ser teimoso e valente,
Ficou na linha de frente,
Tombou também, fulminado.

coabitando
Mesmo na guerra, Canudos
Crescia a população.
Os nordestinos traziam,
De tudo que é região,
Arma curta, arma cumprida,
Para defender a vida
Do Profeta do Sertão.

Conforme ficou descrito
Por Alcides do Amaral,
A cidade evoluía
De maneira sem igual.
Com a nova casaria,
De longe até parecia
Um castelo medieval.

O sertanejo chegava,
Com os filhos e a mulher,
E dizia ao Conselheiro:
— Faço o que o senhor quiser.
Eu trago com desassombro,
Fé no peito, arma no ombro,
Para o que der e vier.

Com a quarta expedição
Houve alguns constrangimentos.
Soldados se lamentavam
Por falta de mantimentos.
Fora os desaparecidos,
Entre mortos e feridos,
Já somavam novecentos.

Ao ter início o período
De terríveis privações,
Os soldados mais afoitos
Empreendiam excursões.
Roubando, causando atritos,
Matando cabras, cabritos,
Devastando plantações.



Dia catorze de julho⁷,
Em reunião gigante,
Os comandantes queriam,
A partir daquele instante,
Decidir a hora, o dia,
Que Canudos sofreria
O ataque fulminante.

O décimo quarto e trigésimo
Eram batalhões primeiros
Que entrariam em Canudos
Perseguindo os guerrilheiros.
Pra essa missão cruel,
Tinham à frente o coronel
Joaquim Manoel de Medeiros.

⁷ Data exata: 14 de julho de 1897.

Mais de vinte oficiais
 Também tombaram sem vida.
 Canudos não se entregava,
 Mesmo abalada e ferida.
 Foi uma decepção
 Para a quarta expedição,
 Uma batalha perdida.

10/1

Artur Oscar telegrafa
 Para o ministro da guerra:
 — Mande mais cinco mil homens,
 Seja por mar ou por terra,
 Que o reforço venha urgente.
 Se não tivermos mais gente
 A guerra aqui não se encerra.

Cadê os planos traçados
 Da total destruição?
 Cálculo, tática e estratégia,
 Será que foi tudo em vão?
 Se vê aí nessa nota
 A confissão da derrota
 Dessa quarta expedição.

Sem formação militar,
 Os guerreiros sertanistas,
 Provaram que a intuição
 Também forma estrategistas.
 Várias táticas aplicando,
 Desconcertaram o comando
 Das tropas antagonistas.

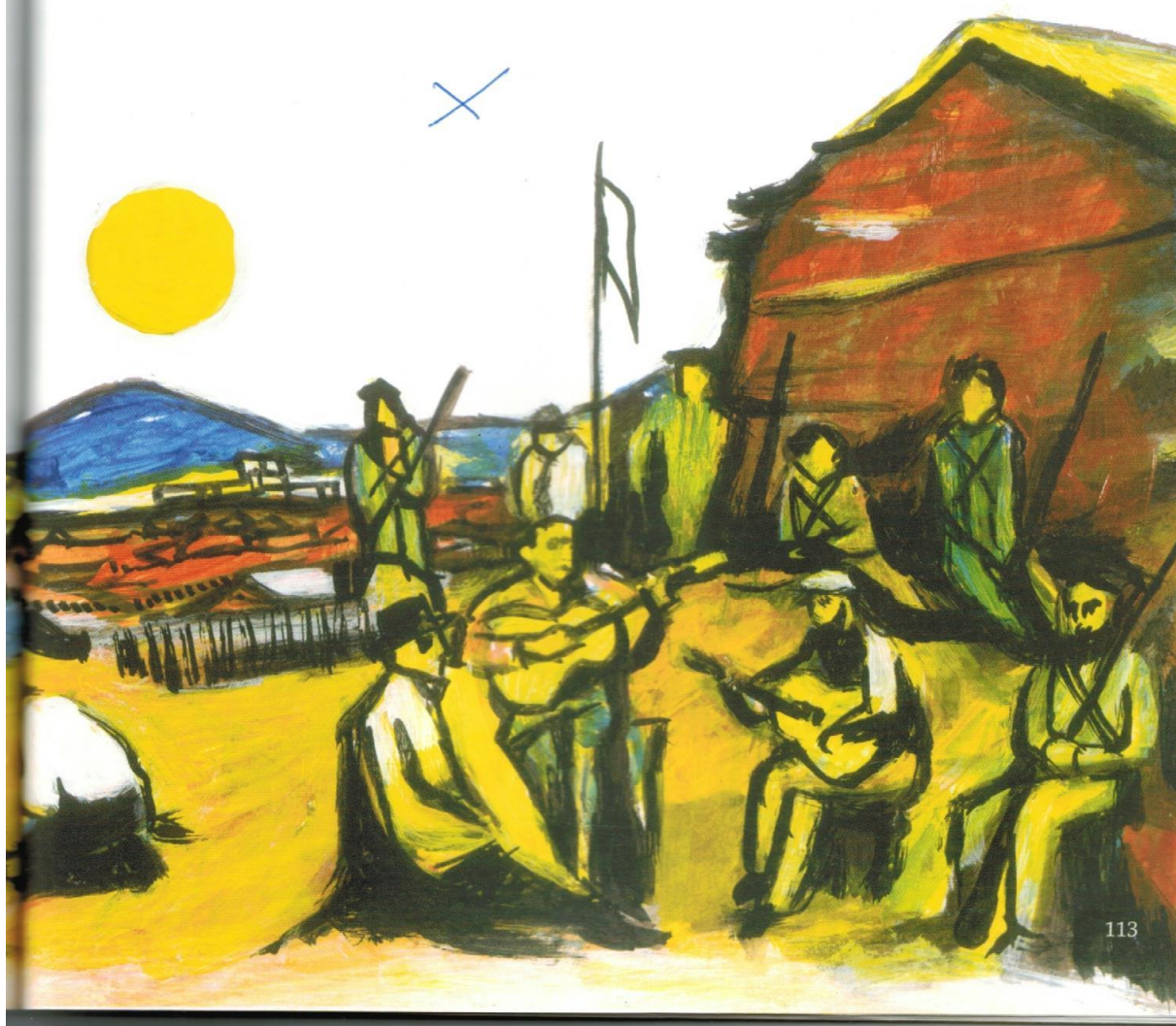
Conselheiro poderia
 Transferir seu pessoal.
 Porém, ficar em Canudos
 Era uma questão moral.
 Assim pensava o profeta:
 — Ou a vitória completa,
 Ou a derrota total.

O marechal Bitencourt,
 Sendo da guerra o ministro,
 Apreensivo e surpreso,
 Tendo os fatos por registro
 Desse revoltoso foco,
 Foi testemunhar *in loco*
 Aquele quadro sinistro.

X

Quando Conselheiro viu
Sua gente resumida
E a quarta expedição
Reforçada e bem munida,
Ao contar o povo seu,
Previu e compreendeu
Que a guerra estava perdida.

Guerra absurda que ele
Não havia começado.
Sem nada ter cometido,
Sem nenhum mal ter causado,
Nenhum crime cometeu,
Apenas se defendeu
Quando se viu atacado.



Conselheiro já sabia
 Que a derrota era sem cura.
 Mas não arredava um palmo,
 Já tinha feito essa jura.
 A guerra estava perdida,
 A terra da sua vida
 Ia lhe dar sepultura.

Aquele santo guerreiro,
 A tantas lutas afeito,
 A vinte e dois de setembro
 Previu da morte o efeito.
 Sentiu uma dor mortal,
 Como se agudo punhal
 Houvesse entrado em seu peito.

Teve um acesso de tosse,
 Sentiu tontura e caiu.
 Recuperou os sentidos,
 Abriu os olhos e viu
 Por entre escombros medonhos,
 A destruição dos sonhos
 Que com amor construiu.

Canhão não pôde alcançá-lo,
 Fuzil não pôde feri-lo.
 Um herói da sua estirpe,
 Um homem do seu estilo,
 Com tamanha fortaleza,
 Somente a mãe natureza
 Poderia destruí-lo.

Sem o comandante, o barco
 Fica sem rumo e sem remo.
 Mas o povo de Canudos,
 Mostrou bravura ao extremo.
 Mesmo cercado e exausto,
 Não temeu o golpe infausto
 Do sacrifício supremo.

Poderia do exército
 Todo o cerco ter rompido.
 E ter deixado o lugar
 Esvaziado, esquecido.
 Mas se impôs com resistência,
 Talvez por obediência
 Ao seu chefe falecido.



Como exemplo, Conselheiro
Deixou a força do nome.
Mas num antro de desgraça,
A cidade se consome.
Tomada em todas artérias,
Cercada por três misérias:
Por bala, por sede e fome.

A guerra continuava
 Na mais triste tirania.
 A papoqueira de balas
 Com cinco léguas se ouvia.
 Dezoito canhões berravam,
 Seis mil soldados lutavam,
 Mas Canudos resistia.



No dia dois de outubro,
 Houve paz por um instante.
 Quando uma bandeira branca
 Apareceu tremulante,
 Era o Antonio Beato,
 Querendo firmar um trato
 Foi falar ao comandante.

Artur Oscar perguntou
 Por Antonio conselheiro,
 Disse: — Morreu de um ataque
 Repentino e traiçoeiro.
 Já subiu num branco véu,
 Há dez dias tá no céu
 Com nosso Pai Verdadeiro.

Eu vim como mensageiro
Lhe trazer informações.
E dos nossos combatentes
Trago algumas sugestões.
Os que a cidade defendem
Mandam dizer que se rendem
Sob algumas condições.

colocar

Pedem-lhe o fim do conflito,
Que esse acordo se faça.
Que aqui não haja mais
Matança, fome e desgraça.
E que deixe os canudenses
Partirem com seus pertences,
Inclusive arma de caça.

Quando o beato calou-se
Houve um silencio total.
Foi quando arrogantemente
Respondeu o general:
— Leve a minha informação,
Só aceito a rendição
Sendo incondicional.

colocar

Quando o beato voltou,
Para tudo esclarecer,
Com essa história que todos
Teriam que se render,
Ouviram e não aceitaram,
Aí se determinaram
A lutarem até morrer.





Do chão onde houve a tragédia
Não há mais quem se aproxime.
Fez o governo um açude,
Pensando que se redime.
Nem que ele fizesse um mar,
Não poderia lavar
A nódoa infame do crime!

X